

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23151

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 4 JANEIRO 90 60\$00

Roménia: O terror já passou

Da nossa
enviada especial
Marina Tadeu

Ultrapassada a fase de terror, vivida antes e na sequência da queda do regime ditatorial de Nicolae Ceausescu, o novo Governo romeno, liderado pela Frente de Salvação Nacional, começa a abrir caminho para o futuro, preparando e promulgando leis conducentes à libertação da sociedade civil do país. No horizonte perfilam-se as primeiras eleições livres após 24 anos de ditadura. E, enquanto é anunciada uma próxima visita a Bucareste do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, várias interrogações afloram ao espírito dos romenos, tendo todas como denominador comum a preocupação em relação ao futuro. Entre essas questões candentes, figura, numa sociedade que caminha em direcção à democracia, o novo papel das forças armadas; e, no seio destas, o dos membros da Frente de Salvação Nacional, que nesta fase de transição governa o país.

Pág. 15



O helicóptero em que Noriega partiu da Nunciatura sobrevoa cerca de 15 mil manifestantes que se manifestam contra o general

Bush garantiu ao Vaticano a sobrevivência de Noriega

Do nosso correspondente em Washington, Filipe Vieira

Terminou a guerra de bastidores EUA-Vaticano. A rendição de Noriega aos militares americanos que cercavam a Nunciatura na Cidade do Panamá é relacionada com a informação, vinda de jornalistas credenciados na Casa Branca, e segundo a qual o Nuncio só aceitou que Noriega se rendesse aos americanos depois de ter obtido, por parte de Washington, a garantia de que seja qual for a sentença a que os tribunais dos EUA o condenem, o general nunca será submetido à execução da pena de morte.

Pág. 14

Remodelação a conta-gotas

■ António Capucho ao DL: "Quem criou o mito da infalibilidade do primeiro-ministro não foi ele"

■ Álvaro Barreto ao DL: "Não é verdade que eu tenha pedido a exoneração"

■ A maior surpresa: Teresa Gouveia deixa a Cultura a um comissário político, Santana Lopes

Cavaco Silva mantém todos em suspenso: a remodelação não acabou, antes continua em ritmo lento e está a causar nervosismo entre os secretários de Estado. Eles estão a ser chamados ao gabinete de Cavaco Silva, o que significa que, mais uma vez, pelo menos alguns ministros não terão o privilégio de escolher os seus Secretários de Estado. Mas também há dissabores e Cavaco Silva já ouviu um rotundo não de Rui Carp, indisponível para continuar no Orçamento, apesar de ter estado sempre ao lado do primeiro-ministro. Se de Eurico de Melo nada mais se soube, pois não apareceu nas reuniões partidárias, Álvaro Barreto, em entrevista ao DL, assegura que o novo Governo "terá o sucesso que merece" e desmente ter pedido a exoneração, tal como fora afirmado em nota da Presidência do Conselho de Ministros. Em silêncio está também Teresa Patrício Gouveia cuja saída do Executivo constituíu

grande surpresa, mais a mais porque será substituída por Pedro Santana Lopes, a quem não se reconhece perfil para o lugar mas cuja indigitação é sinal de que o primeiro-ministro não resistiu a pressões para dar uma posição a um influente membro do grupo de Lisboa. Tão polémica foi tal decisão que não é conhecida uma única posição de apoio entre os numerosos intelectuais e artistas ouvidos pelo DL. Um deles sugeriu mesmo que o sucedido é como substituir a Mona Lisa por um mono luso. Também na Secretaria de Estado da Cultura são muitos telegramas de protesto e de solidariedade com a ainda secretária de Estado.

Págs 10, 11, 13 e 32



Preso
do caso FUP
em perigo
de vida
Pág. 19

CP: maquinistas
preparam dez
dias de greve
por turnos de
quatro horas
Pág. 19

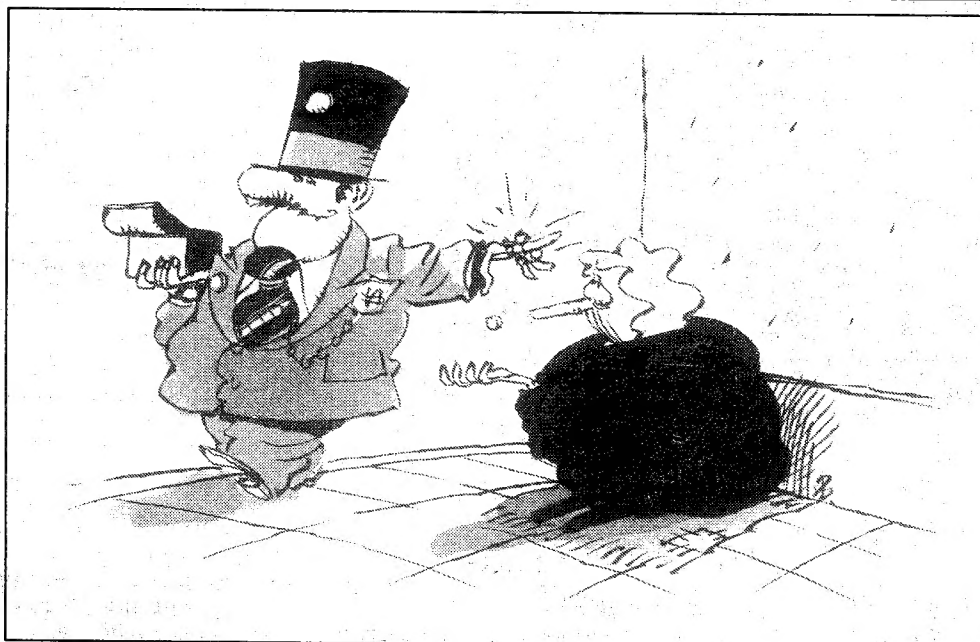
Auto-Retrato
de Elina
Guimarães
Pág. 9

Hoje:
Suplemento
Literário

Os portugueses e o dinheiro O doce luxo da ostentação

Os portugueses torcem o nariz ao rótulo de exibicionistas. Afinal, muito boa gente ainda guarda o seu pé-de-meia. Os sinais da ostentação, porém, espandem-se. Lisboa é a capital mais pobre da Europa dos Doze, mas não deixa por isso de ter ilhas privilegiadas com reserva de direito a admissão. O fenómeno do novo riquismo é sintoma de que o dinheiro nacional perdeu o pudor. A publicidade reforça a ideia de que ser bonito, rico, bem sucedido e, sobretudo, poder demonstrá-lo, também é a quimera da população portuguesa.

Págs. 6 e 7



Há revistas internacionais que fazem, em cada Dezembro, um balanço do passado ou uma antecipação do futuro. O DL foi lê-las, divertiu-se e descobriu imensas pistas

1989: Uma colheita inesquecível

Se 1989 foi, para a «Newsweek», o ano dos milagres, só comparável nestes últimos dois séculos à restauração da República em França ou ao início da I Guerra Mundial, a verdade é que 1990 não deverá ficar-lhe atrás. Pelo menos é o que diz a revista «The Economist», useira e vezeira em tornar realidade as suas antecipações. Por sinal bem felizes, a apontarem para mais um ano de crescente prosperidade económica a nível mundial - qualquer coisa como um meio caminho entre o triunfo do capitalismo e a agonia lenta do comunismo. De qualquer maneira, todas as revistas internacionais concordam em que a grande figura do ano foi Gorbachev, que a «Time» considera mesmo como o homem da década que findou.

Adaptação de João Galamba de Oliveira e Roby Amorim



Ceausescu: o fim de uma era

pensável para os negociadores do controlo de armamentos: um progresso genuíno na batalha para a redução das forças convencionais na Europa.

Quem o afirma é Christopher Coker, professor de relações internacionais na London School of Economics, lembrando que, desde 1973, as negociações MBFR (Mutually Balanced Force Reduction) têm-se limitado a um quase cínico exercício de manobrista político, com nenhuma das superpotências a criar a mínima expectativa de um progresso real, por medo de que se os políticos não forem vistos a negociar percam a confiança dos eleitores.

Na actual fase de negociações, cada parte está a tentar reduzir as suas forças, na Europa Central, a 570 mil homens, a menos de 9 mil tanques e a apenas 400 aeronaves de combate, num teatro que a NATO ainda considerava como o mais viável para um ataque de surpresa.

O problema, refere Christopher Coker, é que apesar da boa vontade demonstrada por Gorbachev, o Ocidente ainda se mantém altamente suspeito em relação à União Soviética: «Tal como Santa Teresa de Ávila constatou, as consequências das preces atendidas são muitas vezes piores do que as consequências das que não obtiveram resposta».

No fundo, e embora as reduções de armas sejam bem vindas, não impedem que o bloco de Leste venha a reconstruir as suas forças debaixo do disfarce do desarmamento. A NATO pode vir a enfrentar um mais rápido, versátil e eficiente adversário, muito melhor equipado para a guerra do que actualmente.

Argumentos não faltam: a União Soviética está a reorganizar as suas velhas divisões blindadas na Europa em unidades mais pequenas, velozes, modernas e autónomas, apoiadas por helicópteros, e cada vez é maior o número de militares no activo, em prejuízo do número de reservistas - precisamente o contrário do que se passa nas forças da NATO.

Para Coker, a União Soviética pode dar-se ao luxo de reduzir as suas forças na Europa Central pois, em apenas 72 horas, consegue colocar junto à frente em linha da NATO mais de 50 batalhões de tanques, 10 regimentos ou 3 divisões blindadas. Por outras palavras, o analista sublinha que «a redução de tanques na Europa não põe necessariamente a União Soviética na defensiva...»

O paradoxo agrícola

O comércio mundial de produtos agrícolas poderá, em 1990, vir a sofrer uma notável «revolução». Aquela que é a maior indústria que

assinala as três grandes desvantagens de todos estes países em mutação: (1) a velha classe privilegiada sob o comunismo não vai (espera-se) ser guilhotinada, razão porque continuará a ser um foco de resistência; (2) haverá muitos pronunciamentos étnicos e nacionalistas, particularmente na União Soviética onde eclodirão em mais do que uma República; (3) quase todos esses países herdarão enormes défices públicos e comerciais, obrigando os novos governos democráticos a desenvolver medidas monetárias altamente impopulares.

Dois cenários em alternativa: o exemplo da Alemanha Federal e do Japão no pós-guerra (free market) ou a via populista latino-americana. Macrae remata com cepticismo: «Infelizmente, o bravo governo do Solidariedade, na Polónia, tem-se batido por salários altos e um mais apertado controlo dos preços: à maneira de Peron...»

A questão alemã

Durante mais de duas décadas, que começaram com a invasão da Checoslováquia em 1968 e terminaram com a eleição de George Bush como presidente dos Estados Unidos em 1988, a superpotência mais interessante foi a América.

Mas agora já não é, diz Jim Rohwer (deputy foreign editor de «The Economist») e, nos próximos anos, especialmente em 1990, os Estados Unidos irão afirmar-se como um elemento politicamente inerte no mundo. E isso acontecerá pela razão exactamente oposta à que tornou a Rússia tão desinteressante nos longos e negros anos do brezhnevismo. A União Soviética foi um fracasso que ainda não admitiu, por isso estagnou. Mas a América, como tem sido um espectacular êxito, também agora nada tem a dizer.

Quando muito, os Estados Unidos irão fazer uma pausa para reflexão: repensando as suas tarefas internas, decidindo qual deve ser o seu papel num mundo onde a paixão ideológica está a ser afastada da balança do poder,

esperando para ver até onde avançará realmente a nova revolução comunista.

E não esquecendo, entretanto, a questão Alemã. Para Jim Rohwer, os dois países mais interessantes da Europa Central serão, em 1990, a Polónia e a Alemanha Democrática. O primeiro, porque representa a primeira grande experiência de introdução do capitalismo no mundo comunista.

O segundo, por uma ordem de razões opostas: tem resistido fortemente a qualquer movimento de reforma, mas com o afastamento de Erich Honecker pode dar um salto espectacular, até porque é o único país comunista que tem tido uma performance económica não totalmente embaraçosa.

Daí, que nada possa impedir uma reformada RDA de executar um segundo milagre alemão e desencadear a reunificação da Alemanha.

O Ocidente e o Leste, diz Rohwer, não podem deixar de, em 1990, ir pensando numa única Alemanha.

O que afectará os americanos, por causa da machadada que ela dará à ordem mundial post-1945, mas também assustará os soviéticos por influenciar decisivamente as transformações em curso nos países de Leste.

A âncora da Europa Ocidental post-1945, e a da Comunidade Europeia, tem sido imputada à estreita aliança entre a França e a RFA.

Mas se a Alemanha Federal for absorvida na reconstrução da nação alemã, é óbvio que será abandonada pela França. O que não só irá afectar a balança do poder na Europa Central (e entre a NATO e o Pacto de Varsóvia) como o colosso económico germânico irá esvaziar de valor tudo o que qualquer um dos outros membros da CEE possa individualmente oferecer.

«Nada disto vai dar frutos em 1990», conclui Rohwer, seguro de não perder o espectáculo de, ainda assim, «ver tudo isto a florescer».

Redução de armamento

O ano de 1990 poderá vir a assistir a algo quase im-

Próspero e perigoso

É assim que a revista inglesa «The Economist» antecipa o ano da graça de 90. Uma polémica leitura de 130 páginas que fará sorrir os mais cépticos e encher de alegria os optimistas

Felizmente, ainda existem publicações que se dão ao difícil trabalho de nos encher a cabeça com uma visão premonitória do ano que se segue. Para tal, recorrem aos especialistas da casa e a analistas de reputação internacional, conseguindo uma produção credível e de qualidade que faz as delícias do leitor mais exigente, mesmo que discorde de muitas das leituras que ali se pretendem vender.

A revista «The Economist» é, precisamente, uma dessas raras publicações que não se limitam a oferecer aos seus leitores a Revista do Ano... que passou, optando por uma chamada de atenção para o que de importante ocorrerá em 1990. Assim, ficamos a saber que o facto político mais excitante do ano será os das eleições legislativas no Japão, onde se prevê uma vitória dos socialistas, ou que, por outro lado, a queda de Gorbachev é uma possibilidade bem real.

E, do mundo, dão-nos a sorridente perspectiva de uma contínua prosperidade dos países ricos, com capacidade mais do que suficiente para evitar a recessão e confirmar o oitavo ano sucessivo de crescimento económico, com a inflação bem controlada e um apagamento das crises das balanças de pagamentos.

Com a advertência de que apesar de 1990 vir a ser um ano muito mais humano para os muitos muito pobres - e muito mais rico para os muitos mais-do-que-moderados ricos, o triunfo do capitalismo não pode esconder os riscos inerentes ao colapso do comunismo.

Uma polémica leitura, de que damos apenas alguns exemplos.

À maneira de Peron

A morte do comunismo será, para o jornalista inglês

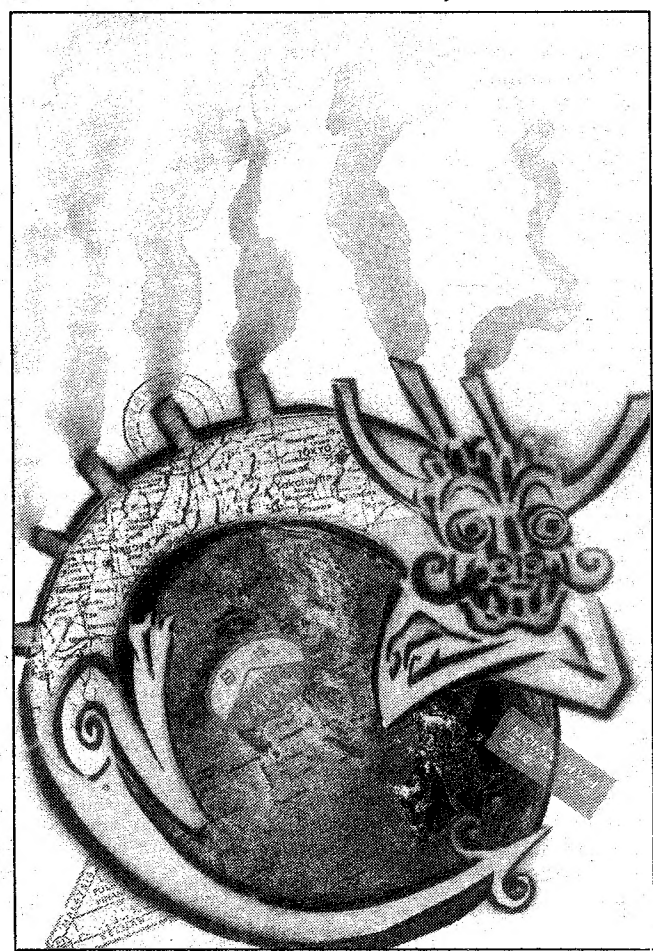
Norman Macrae, o principal acontecimento dos anos 90.

Como questão de fundo, diz que se levantará o problema de se saber se os países que conseguirem libertar-se do absurdo comunista poderão, ou não, alcançar o milagre económico que a Alemanha Federal e o Japão realizaram em 1945, quando se viram livres do «nacionalismo jingoístico».

Em alternativa, Macrae (deputy editor de «The Economist») levanta a hipótese de a maioria dos países ex-comunistas optarem por um populismo inflacionário intercalado com ineficientes golpes de Estado ou, até, tornarem-se sócios do Líbano...

Curiosamente, Macrae assinala as seguintes três grandes vantagens dos países ex-comunistas: (1) a maior parte tem populações altamente educadas, apesar dos baixíssimos índices de produtividade que a burocracia lhes impôs; (2) 90 por cento da população quer ver-se livre do comunismo (recorde-se que a maioria dos alemães e dos japoneses não queria abandonar o nacionalismo em 1943); (3) alguns deles tiveram uma surpreendentemente alta produtividade e sofisticadas comunidades na época pre-comunista.

Mas como não há bela sem senão, o jornalista também



Prosperidade à vista, sobretudo para as economias ricas da Ásia

GRANDE
ANGULAR

existe, e que tem vivido à sombra de uma paradoxal política de subsídios, deverá finalmente aderir às regras de mercado e de competitividade internacional que condicionam qualquer outra indústria de êxito.

Clayton Yeutter, antigo secretário de Estado norte-americano para a Agricultura, explica que a principal razão porque os países ricos se deve cada vez mais ricos se deve ao facto de as tarifas dos produtos manufacturados terem descido de 40 por cento, a meio da década de 60, para 6 por cento após a última volta das negociações GATT (1974-79), em Tóquio. Pelo contrário, os direitos de importação de produtos agrícolas subiram para 40 por cento em 1988, quando eram de 20 por cento em anos anteriores, o que leva a concluir que os agricultores dos países exportadores e os consumidores dos países importadores são ambos pobres, enquanto os contribuintes de todo e qualquer país têm que pagar do seu bolso esta completa loucura.

Mas as coisas parece que vão mudar em 1990, diz Yeutter. Após a assinatura do último acordo GATT, no ano passado, o mundo prepara-se para construir a mudança. De facto, os principais mercados mundiais de produtos agrícolas estão a reformular as suas políticas desenvolvidas há 50 anos.

Isto, porque a política agrícola de um país afecta inevitavelmente as dos outros países. E porque a intervenção do governo na agricultura é muito maior e mais cara do que em qualquer outra indústria, a lavoura estará na ordem do dia durante as próximas negociações GATT, no Uruguai.

O problema é que as políticas agrícolas foram «inventadas» numa época em que nem o capital nem os bens circulavam livremente. Por exemplo, a Política Agrícola Comum, da CEE, criada para estimular a produção doméstica quando os países membros eram fortes importadores de produtos alimentares, contribuiu para aumentos substanciais de produção e para a utilização, sem precedentes, de subsídios de exportação. Agora, os gastos com a agricultura correspondem a dois terços do orçamento da Comunidade Europeia.

«Se você for um país em desenvolvimento, como é que gostaria de poder competir contra um fundo de guerra desta magnitude», interroga-se Clayton Yeutter, sublinhando que não é anormal o Mercado Comum suportar os preços agrícolas a níveis duas ou três vezes superiores aos praticados pelo mercado mundial.

continua na pág. 4

O ano dos milagres

Nem sempre os nomes mais badalados serão quem verdadeiramente faz a história que vamos vivendo quotidianamente. A «Newsweek» escolheu como figuras do ano personalidades que pouco mais eram conhecidas do que em suas próprias casas...

O ano que vivemos foi para a «Newsweek» um *annus mirabilis* (ano dos milagres), só comparável, nestes últimos dois séculos, às datas carismáticas de 1848 (Segunda República francesa) ou 1914 (início da Grande Guerra).

Curiosamente, porém, as suas figuras do ano não são nem Gorbachev nem Bush, Walesa ou Desmond Tutu. São personagens fundamentais nas alterações profundas deste ano que «mudou o mundo para sempre», mas que surgiram escassamente nas luzes da ribalta, nas parangonas dos jornais.

A individualidade escolhida na Alemanha de Leste foi Jens Reich, um microbiólogo de cinquenta anos, que a si próprio se intitula apenas como mais um membro da «maioria silenciosa» que durante anos se opôs ao regime comunista. Reich, juntamente com trinta outros intelectuais, foi o fundador, em Setembro, do Novo Fórum, agrupamento que organizou as sucessivas manifestações que levaram à queda

ragenário regime comunista no país.

Na União Soviética, a «Newsweek» preferiu Marju Lauristin, de 49 anos, actual dirigente da Frente Popular Estoniana e um dos organizadores da espectacular manifestação de Agosto que levou um milhão de pessoas a darem-se as mãos num gigantesco «cordão» humano que abarcou os três países do Báltico: Lituânia, Estónia e Letónia. Professora de jornalismo na Universidade de Tartu, Marju Lauristin afirma com orgulho: «Estamos a fazer História; estamos a mostrar a saída para a nossa desesperada situação».

Um judeu, Bronislav Gerek, foi o homem escolhido para a Polónia. É um especialista em História medieval, subitamente transformado em político. Durante anos, foi um estrategista sindical e o principal conselheiro de Lech Walesa. Presentemente é o líder parlamentar da Solidariedade e, caso falhe o actual Governo de Mazowiecki, poderá muito bem tor-

do Terceiro Mundo e as questões ambientais. Isto, porque a outra grande ameaça que pairava sobre o globo, a explosão demográfica, parece começar a desanuviar-se.

«Em vez de se avizinhar de um cataclismo maltusiano, o mundo está a passar pelo que poderá descrever-se como uma suave aterrizagem demográfica», comenta a revista. Os exemplos vêm da China e da Índia, que já conseguiram deter o seu assustador crescimento populacional e dos países industrializados, onde o problema começa a ser precisamente o inverso perante o baixo (até mesmo negativo) índice de natalidade. No entanto, o crescimento prosseguirá, principalmente nos países onde virá a ser mais inconveniente: no Médio Oriente e na África ao Sul do Sara, aumentando a fome a miséria já reinantes. Algumas cidades continuarão a aumentar desmesuradamente — a Cidade do México, por exemplo, deverá atingir 25 milhões habitantes no ano 2025...

Mais agradáveis perspectivas são as que nos oferecem a ciência e a tecnologia. A engenharia genética promete para muito breve cenouras e aipos que poderão manter toda a sua frêscura por enormes períodos e tomates que param de amadurecer no momento da colheita. Pelo final da década, as vacas deverão poder produzir leite com baixo teor de colesterol.

A engenharia genética em relação aos seres humanos também está em marcha. Teoricamente, será possível escolher a cor dos olhos ou dos cabelos de um filho, evitar futuras calvícies ou miopias.

Mas, aqui, levantam-se problemas éticos que as tradições, os hábitos e as religiões não deixarão de condenar, relegando as aplicações práticas para um futuro indefinível.

Quando se imagina o futuro, pensa-se sempre em *robots*, mas a «Newsweek» mostra-se um tanto céptica. Lá pelo fim da década poderemos ver *robots* a cozinhar *hamburgers* na esquina da rua, a servir refeições num hospital. Porém, pelo desejado *robot* doméstico, que substitua o mordomo e a mulher-a-dias, ainda teremos que esperar muito tempo: primeiro será necessário modificar inteiramente as nossas casas. No entanto, todas estas coisas já existem, pelo menos em laboratório. «A verdadeira questão, assevera a revista, não será exactamente sabermos o que nos virá a oferecer a tecnologia, mas sim até que ponto os seres humanos serão capazes de se adaptar às mais rápidas alterações que a espécie enfrentou até hoje».

continua na pág. 4



Muro de Berlim: o símbolo máximo de 1989

do regime três meses mais tarde. Para seu espanto, tudo foi muito simples. Explica: «Nem precisamos de coragem; bastava não nos importarmos».

Da Checoslováquia, o homem escolhido foi Jan Urban, que os amigos costumam designar por «Rambo». Desde há quinze anos que vivia na clandestinidade, distribuindo literatura anti-regime, os famosos «samizdat» (amizade), e falando aos microfones da Rádio Europa Livre. Foi o principal organizador da maciça greve geral do início de Dezembro que levou à queda do quad-

nar-se primeiro-ministro. Um homem calmo, que pretende «aprender a trabalhar com o Governo, não contra ele».

Estas, as personalidades do ano para a «Newsweek». Desconhecidos para quase toda a gente. Mas, aparentemente, terão sido eles a sólida base dos acontecimentos que abalaram o Leste da Europa e o Mundo.

Para a revista norte-americana, agora que parece desvanecida a ameaça de uma guerra nuclear, os dois grandes temas com que a humanidade terá de defrontar-se na próxima década são «a tremenda pobreza dos países

COMENTÁRIO

O registo do mito

É evidente que o fim de uma década não se comemora com água-pé ou Coca-Cola. Mas daí até à explosão nova-rica e incontrolada de rolhas de *champagne* super-festivo vai uma enorme distância, disparate ou ilusão...

De facto, o já requentado ano de 89 prepara-se para ficar na memória colectiva como o símbolo de toda uma década fervilhante. O que acontece não tanto por força dos acontecimentos com que ela nos brindou, mas mais por uma *consensual* mitificação fabricada pelos media prósperos e influentes.

E o curioso é que é bem fácil mitificar, seja um ano ou uma década, porque a chamada memória colectiva é tão fluida e leviana como um romance de cordel. Por isso, e porque quase toda a gente já esqueceu o que de importante aconteceu nos anos 40 ou 70, é que a imprensa bem pensante nos vem agora vender 1989 como o *annus mirabilis* e a década de 80 como «Alice, no País das Maravilhas».

Por mim, duvido que a II Guerra Mundial se deixe ofuscar pelo que quer que seja neste fortíssimo século XX — ele, sim, um século de maravilhas. Tal como me parece disparatado relegar a Revolução Francesa para a prateleira dos acontecimentos vulgares no século XVIII.

Mas como admito que a mitificação é democraticamente pacífica — um direito quer de iludidos quer de iluminados — faço um esforço para recordar a *discreta* bomba H, o *apagado* Winston Churchill ou a *vulgaridade* dos antibióticos, sem perder tempo com a cozinha crise petrolífera dos anos 70, entre outras banalidades de factos e figuras.

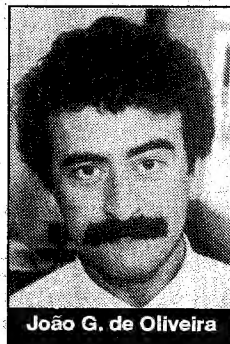
Por esta ordem de coisas, também não me repudia eleger Brejnev como o figurão da década ou Umberto Eco como o maior espertalhão das letras nos anos 80.

A lista, como se depreende, é impubescível... o que me limita a optar pelas de bom tom, já passadas a letra de forma em publicações tão pouco miríficas como a «Time», «Newsweek» ou «The Economist».

E, aqui, fico a saber que Gorbachev é *mesmo* o homem da década e que o Muro de Berlim é *mesmo* o símbolo de 89, não esquecendo que me preparo para assistir a «um meio caminho entre o triunfo do liberalismo e a agonia lenta do comunismo», em época de grande prosperidade para os países desenvolvidos e os seus imitadores.

Convenhamos que as perspectivas são boas, até porque não se discute o futuro. Mas o que me incomoda, não é tanto o pesadelo dos vermelhos a dispararem à toa por essa Europa fora (um *remake* sempre oportuno para uns tantos), mas mais a possibilidade de ter que aguardar 20 anos para tentar digerir a abastança que nos espera.

Isto, tendo por certo que a década em curso não nos vai desiludir, tal como o Orwell não nos passou a perna em «1984». Assim, prometo a mim próprio continuar a fazer, com humor, indisciplina e *fair play*, o registo dos mitos e de outras nem sempre divertidas ilusões.



João G. de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martins, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Gráfitas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretária de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1ª - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

O gorbasmismo da década

Os americanos olham com optimismo o aparente fim da Guerra Fria e escolhem o primeiro-ministro soviético como a super-vedeta dos últimos tempos, mas, por outro lado, aguardam com aberto receio o crescimento económico da Europa e do Japão -- como constata a «Time»

Mikhail Sergeyevich Gorbachev foi considerado pela «Time» não apenas o Homem do Ano, mas, também, o Homem da Década, classificado como o «organizador da desordem calculada», o que se entende como um elogio bem caloroso. É certo que a revista cometeu, ao longo do tempo, alguns erros clamorosos nesta sua escolha (Hitler em 1933, Estaline em 1942, para só citar dois exemplos), mas, desta vez, a designação parece recolher um apoio global.

O dirigente soviético seria o bom irmão gêmeo de «Big Brother», uma super-star, embora alguns cépticos ocidentais entendam que «os seus espantosos equilíbrios, a capacidade de improvisação» e outras assinaláveis características, não passam de gorbasmos.

A verdade é que «catalizador das reformas desde Moscovo a Bucareste, Gorbachev transformou o mundo» de tal maneira que as crescentes alterações que introduziu no Bloco Leste e nas relações internacionais «teriam surpreendido o próprio Gorbachev de há cinco anos», quando foi nomeado secretário-geral do PCU. Hoje, comenta a revista, o político é não apenas o dirigente do partido como igualmente da oposição no seu país.

Após quatro décadas de Guerra Fria, o que mais inesperado Gorbachev terá mostrado ao mundo é que «a ameaça soviética já não é o que era e, mais ainda, que nunca existiu». Chamando «as



O Indiscutível homem da década: Gorbachev

vacas pelos seus nomes», o político soviético vem admitindo que muito do que se entendia no resto do mundo como a «disciplina» colectiva do seu país não passava de um sistema esclerótico, desmoralizante e brutalizador, de ineficiência institucionalizada. Obrigou-nos a uma URSS com novos olhos: uma monstruosidade, sim, mas não um monstro num sentido tão formidável e predador como faziam julgar as políticas de defesa do Bloco Ocidental.

A Guerra Fria teria, assim, representado o desperdício de alucinantes somas e «uma grande obsessão» que distorceu prioridades, distraiu atenções e preocupou as melhores e as mais brilhantes cabeças dos governos, da ciência e do pensamento durante quase duas gerações.

O que leva a revista a uma inevitável conclusão: «O envidadamento e a pobreza do Terceiro Mundo ameaçam

a democracia. O envidadamento dos EUA, tanto interno como externo, ameaça a sua prosperidade interna e influência no estrangeiro. As consequências da ascensão do Japão como uma superpotência económica poderiam por em causa a reunificação da Alemanha. Os EUA poderão ter ganho a Guerra Fria contra a União Soviética, mas deram largos passos para perder a guerra do comércio e da tecnologia com o Japão. Entretanto, o ambiente, embora apenas recentemente na moda como assunto de retórica política, não está a ser tratado pelos políticos, legisladores e cidadãos com a seriedade e a urgência que merece. «Os EUA e os seus principais parceiros não têm uma estratégia coerente para enfrentar este e outros megaproblemas. Até agora, a Guerra Fria oferecia um alibi.

«Agora não».

Quanto ao futuro da economia norte-americana, os economistas e banqueiros divergem largamente. O produto nacional bruto duplicou na passada década, mas o pior é que tal aconteceu mediante sucessivos empréstimos, o que leva a que os Estados Unidos sejam hoje o país do mundo com maior dívida externa, onde mais de vinte por cento da população recebe salários que a coloca ao nível de uma situação de fome, embora percentagem idêntica se tivesse tornado milionária no mesmo período.

O banqueiro Felix Rohatyn vê o futuro com olhos sombrios: «Nos anos Noventa teremos que fazer mais do que arrotar sobre a queda do comunismo. Essa queda pode ser devida às nossas ideias, mas a forma como estamos agora a explorá-las não nos torna competitivos frente aos europeus ou os japoneses. As nossas cidades estão a cair

GRANDE ANGULAR

aos bocados; o nosso sistema educativo está na maior das confusões; e em relação ao financiamento do nosso orçamento e dos défices comerciais, estamos a vender cada vez mais as nossas indústrias. O Governo mostra-se incapaz de governar porque não tem dinheiro, ou usa o facto de não ter dinheiro como desculpa para não governar. Entretanto, os japoneses e os europeus consolidam-se, acumulando capital e mostrando-se inteligentes na conquista de um mundo em que o poderio militar conta cada vez menos. É inevitável que os Estados Unidos se venham a tornar apenas mais um parceiro na jogada». Assim, enquanto a década passada trouxe crescimento, avareza e uma atitude de desleixo, os anos Noventa serão para os Estados Unidos a altura de se reajustarem, limpar a casa e pagar as dívidas, o que só será possível devido à nova situação de détente com a União Soviética.

Rápida corrida

Num cartaz que se exibiu numa das recentes manifestações nas praças de Praga, a «Time» pode ler esta curiosa estatística sobre a vertiginosa rapidez com que a consolidação da democracia está a correr nos países de Leste:

Polónia -- 10 anos
Hungria -- 10 meses
Alemanha Oriental -- 10 semanas
Checoslováquia -- 10 dias
E, após uma semana de horror, Roménia -- 10 horas.
R.A.

Próspero e perigoso

cont. da pág. anterior

Mas a América, diz Yeutter, também estimulou artificialmente a produção agrícola, embora em menor grau do que alguns dos seus parceiros comerciais, recorrendo por norma à armazenagem dos excedentes em vez de os vender. Um erro que lhe custou a perda de quota no

mercado internacional, e que só agora começa a ser reparado. Para cúmulo, os Estados Unidos estão actualmente a pagar qualquer coisa como largas dezenas de milhares de milhões de dólares por ano para os seus agricultores não utilizarem uma área igual a todo o solo arável da França e da Alemanha Federal... O

custo anual deste sistema disparatado, seja no Japão, Estados Unidos ou CEE, é calculado em 150 mil milhões de dólares (cerca de 1500 milhões de contos), apenas para os países industrializados. Curiosamente, isto é tão caro como ineficiente. Os países industrializados cobram 1,4 dólares aos con-

tribuintes e consumidores por cada dólar transferido para os produtores agrícolas. Por isso, não espanta que o Economic Research Service defende que o mundo desenvolvido pode vir a beneficiar de 33 mil milhões de dólares se estas distorções forem removidas. A CEE pouparia 12 mil milhões, os Estados

Unidos 8.600 milhões e o Japão 6.300 milhões de dólares por ano, sem falar nos benefícios indirectos para todos os países em desenvolvimento.

«O desafio é político, não económico», sublinha Clayton Yeutter, convicto de que 1990 porá um ponto final neste paradoxo agrícola.

O ano dos milagres

cont. da pág. anterior

Foi um ano de «dramáticas parangonas», este de 1989, um ano que transformou o mundo para sempre, embora «perigos subsistam à nossa frente».

A visita do E.T.

O vírus da gripe é um visitante vindo do espaço. A surpreendente revelação, que a «Newsweek» considera como a descoberta do ano, foi muito seriamente feita por um catedrático do País de Gales, Chandra Wickramasinghe, director do departamento de matemática aplicada e de astronomia da Universidade de Cardiff.

O catedrático entende que aqueles vírus são resíduos

orgânicos provenientes de cometas que se avizinham da Terra e que descem sobre o nosso planeta de acordo com as condições meteorológicas. A gripe -- um E.T. que tem acompanhado a humanidade ao longo de toda a sua caminhada. Um velho, embora indesejável, visitante!

Um calendário de efemérides

A década de Noventa será fértil em efemérides, algumas que ninguém ignora, outras menos badaladas. A mais assinalada das comemorações será, sem dúvida, a do 500º aniversário da descoberta (ou da redescoberta, para muitos) da América por Cristóvão

Colombo, data que ocorre em Outubro de 1992.

Nesse mesmo ano se celebrará o 75º aniversário da Revolução Bolchevista, para, em 1999, se comemorar o décimo (e último) aniversário de Gorbachev no poder e, possivelmente, outros tantos da morte do comunismo.

A Revolução Francesa, por sua vez, continuará a ter datas a assinalar, depois da do duplo centenário da tomada da Bastilha: a fundação da I República, em 1792, a execução de Luís XVI e a implantação do Terror, no ano seguinte.

Na década recordar-se-ão, também, os centenários da Guerra Hispano-Americana

(1898) e da Guerra dos Boers (1899) e talvez o décimo aniversário dos ataques americano a Granada e britânico às Malvinas. O ataque japonês a Pearl Harbour, que levou à intervenção norte-americana na Segunda Guerra Mundial, fará cinquenta anos em Dezembro de 1991.

Coisas menos dramáticas, mas bem mais úteis, também têm as suas datas. O fechecelair festeja cem anos em 1993, o nylon (tão útil para as meias das senhoras como para as máscaras dos assaltantes de bancos) celebra os seus sessenta anos em 1997 e, em 1994, os hamburgers McDonald contarão 35 anos,

enquanto as «caricas» das garrafas também serão centenárias em 1992.

Outro centenário para 1995, o do lançamento dos «Estudos sobre a Histeria», de Freud, que assinala o nascimento da discutida psicanálise. No mesmo ano, lembrar-se-á meio século de horror, com o lançamento da primeira bomba atómica, em julho de 1945.

A assinalar, igualmente, os trinta anos da pílula (em 1990) e o décimo da identificação da Sida (em 1993).

Não haja dúvida: podemos não dar por isso, mas continuamos a fazer História todos os dias que passam.

R.A.



aerportos e navegação aérea, e.p.

PRÉ-AVISO DE GREVE PARA 7 E 8 DE JANEIRO ENTREGUE PELOS SINDICATOS DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

O Conselho de Gerência da ANA, E.P. - AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA, lamenta ter de informar existir o risco de nova paralização em Portugal do transporte aéreo por 48 horas consecutivas, abrangendo os próximos dias 7 e 8 de Janeiro, por força de um pré-aviso de greve entregue em 29 de Dezembro passado pelos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo.

O Controle de Tráfego Aéreo é uma actividade constituída por várias componentes, não exclusiva dos Controladores de Tráfego Aéreo, pelo que qualquer uma delas poderá paralisar a referida actividade.

Consequentemente, a predisposição dos citados Sindicatos para a imposição de elevados aumentos salariais de 30% para 1990, agora ligeiramente reduzidos para 27.8% em contraposição ao bem maior aumento da proposta inicial da Empresa de 7% para 11.5%, é uma acção de força que, além de inaceitável em absoluto, igualmente não poderá ser considerada isoladamente mas sim entrosada no todo nacional e com o restante da Empresa.

Por outro lado, desde 1985 que os citados Sindicatos, recorrendo ao uso do monopólio que consideram exercer na sua área profissional, têm vindo a exigir e a obter notórios aumentos de massa salarial bem acima das taxas de inflação cumulativamente com regalias laborais de vários tipos, com destaque para o baixo número de horas semanais de trabalho e a viabilidade de reforma aos 52 anos com pensão por inteiro igual à do serviço activo e automaticamente actualizada.

Assim, desde 1985 tem-se verificado que na ANA, E.P. o crescimento das receitas tem sido percentualmente inferior ao agravamento dos encargos com o pessoal e, dentro destes, a parcela respeitante aos Controladores de Tráfego Aéreo não tem parado de crescer, situando-se no presente em cerca de 23% do total, apesar de corresponder apenas a 13% dos efectivos da Empresa.

Os objectivos que justificam a existência da ANA, E.P. têm um cunho nacional por visarem o desenvolvimento de um serviço público e a concretização progressiva de melhores e mais modernos aeroportos, de mais ajudas-rádio à navegação e de um melhorado serviço de comunicações e de controle de tráfego aéreo, objectivos que não poderão ser postos em causa por transformação em distribuição de pseudo auto dividendos.

Torna-se pois de todo inviável dar cobertura a imposições de aumentos salariais médios de cerca de 85 contos por mês e por pessoa para 1990, na sequência de uma nítida escalada que tem vindo a processar-se há vários anos consecutivos e cuja terminação parece não estar à vista para satisfação de uma insaciabilidade que, em 1989, já assegurou à grande maioria dos Controladores de Tráfego Aéreo vencimentos da ordem dos 4.500 a 6.000 contos por pessoa.

Da intransigência e ausência de razoabilidade por parte dos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo resulta inquestionável prejuízo empresarial estimado nesta altura em algumas dezenas de milhares de contos, sem esquecer o facto ainda mais importante das incomodidades e prejuízos de toda a ordem sofridos pela comunidade e pelos utentes directos do transporte aéreo, com relevância para os emigrantes dada a quadra festiva que ainda atravessamos.

A ANA, E.P. lamenta profundamente a gravosa situação a que se chegou e cuja responsabilidade não lhe é atribuível, reiterando, por um lado, a mesma disponibilidade completa e sem reservas que tem mantido desde o início do que pensava seriam negociações normais para considerar tudo o que seja razoável e, por outro lado, reafirma a impossibilidade de resolução por ultimatum, arma aparentemente escolhida pelos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo como único argumento reivindicativo.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Lisboa, 90-01-03

Inquérito - Sondagem «Diário de Lisboa» - Euroteste

É de opinião de que quem tem muito deve mostrar aos outros a sua riqueza ou deve esconder dos outros a sua riqueza?

	REGIÃO				
	Grande Lisboa	Grande Porto	Litoral	Int. Norte	Int. Sul
Deve mostr. outr.	33,9	32,5	41,6	35,6	26,0
Deve esc. outr.	44,0	50,8	28,3	46,3	40,9
Não sabe	16,6	10,1	20,3	14,2	28,4
NR	5,5	6,6	9,8	3,9	4,7

	CLASSIFICAÇÃO				
	Total	A/B	C1	C2	D
Deve mostr. outr.	33,9	30,5	35,1	33,8	35,2
Deve esc. outr.	44,0	49,4	43,2	44,8	33,4
Não sabe	16,6	9,9	15,3	17,5	22,6
NR	5,5	10,2	6,4	3,9	3,8

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Deve mostrar	28,9	34,4	40,3	32,2	35,4
Deve esconder	46,9	44,6	39,1	48,3	40,1
Não sabe	18,6	14,7	16,0	14,6	18,4
NR	5,6	6,3	4,6	4,9	6,1

É capaz de comprar coisas caras para mostrar que é uma pessoa abastada mesmo que isso o faça passar por alguns sacrifícios?

	CLASSE				
	Total	A/B	C1	C2	D
Sim é capaz	3,8	9,4	3,9	2,5	1,9
Não é capaz	91,4	88,8	93,0	93,7	85,6
Não sabe	3,9	1,0	3,1	3,9	8,0
NR	0,9	0,7	--	--	4,5

	Idades			Sexo	
	15/34	35/54	+55	Masc.	Fem.
Sim é capaz	5,2	4,0	1,8	4,9	2,9
Não é capaz	92,1	91,5	90,3	91,7	91,1
Não sabe	2,8	4,2	5,2	3,4	4,4
NR	--	0,3	2,7	--	1,7

Universo e amostra

O universo desta sondagem foi constituído por indivíduos com 15 anos ou mais, residentes no Continente em localidades de 100 ou mais habitantes. A amostra foi de 1000 entrevistas. Destas, 37,4 por cento foram realizadas no Litoral, 23,5 na Grande Lisboa, 15,7 no Interior Norte, 12,6 no Interior Sul e 10,8 no Grande Porto.

Por faixas etárias, a sondagem reservou 39,5 por cento da amostra ao grupo dos 15 aos 34 anos; 32 por cento ao grupo dos 35 aos 54 anos; e 28,5 aos de mais de 54 anos.

Por classes, a amostra foi constituída por 185 indivíduos das classes A/B; 423 da classe C1; 316 da classe C2; e 76 da classe D.

A caracterização das classes foi feita, sumariamente, pelos seguintes elementos:

Classe A: rendimento familiar superior a 150 contos e nível de instrução universitário; **classe média alta (B):** rendimento entre 100 e 150 contos, nível de instrução média; **classe média superior C1:** rendimento entre 60 e 100 contos e instrução média profissional; **classe média inferior C2:** rendimento entre 30 e 60 contos, operários e trabalhadores, com instrução primária; **classe baixa (D):** rendimento até 30 contos, trabalhadores não especializados e dos serviços domésticos, de instrução primária incompleta, residentes em zonas pobres.

Diz-se frequentemente que os portugueses são vaidosos, que gostam de ostentar. Eles negam a pés juntos tal defeito. Mas, na prática, quando não têm ou não querem gastar, vasculham as montras, procuram as últimas modas. Exibem-se falando alto e bem som dos seus bens e proventos.

«Exibicionista, eu...? Nem pensar!»

Metro apinhado em hora de ponta. Conversa puxa conversa e temos a Maria a contar à Luísa que comprou uma mobília de sala por mais de 500 contos, que as despesas com o carro do marido são astronómicas, que a mensalidade do colégio do Joãozinho atinge os 25 contos e por aí fora. Os restantes passageiros são obrigados a ouvir mesmo sem querer. A situação descrita é caricata, pura ficção, mas não foge muito da realidade. Os malogrados utilizadores dos transportes públicos são indeliberados intrusos na vida alheia. Falar alto e a bom som do que se tem (ou se inventa ter) é uma das características dos portugueses. Maneira barata de se ostentar. Nem sequer custa dinheiro. Admitir que somos um povo exibicionista, isso é outra conversa...

Exibir ou não a riqueza? Se nos cingíssemos aos dados da sondagem chegaríamos à conclusão que os portugueses são comedidos, desprendidos dos bens materiais. Esta postura atravessa todas as classes

sociais, alta (A/B), média (C1 e C2) ou baixa (D), para o caso é quase irrelevante. Os nossos conterrâneos mostram-se solidários quando dizem «não» à ostentação. Pelo menos 44 por cento dos inquiridos assim respondem, contra 33,9 por cento dos que batem as palmas aos perulários.

Somos o país da Europa onde mais se poupa e menos se investe o pé-de-meia. Talvez por isso seja ainda difícil admitir que alguém exiba o que para outros é ganho com tanto suor. De facto, os sociólogos são unânimes quando referem que o desejo dos portugueses em demonstrar um certo poder económico é muitas vezes abafado pelos longos anos de austeridade. A filosofia inerente ao anterior regime, a de «produzir e poupar manda o Salazar», pesa inevitavelmente na mentalidade da população.

Porém, os valores sociais funcionam sempre sobrepostos e como um pau de dois gumes. São precisamente os

mais velhos, com mais de 55 anos, os que viveram os tempos de aferrolhar o dinheiro para os cofres do Estado, os permeáveis à ideia de demonstrar a riqueza. Dos inquiridos desta faixa etária 40,3 por cento afirmam que se deve mostrar os bens, contra 39,1 por cento que expressam o sentimento contrário.

Os condicionamentos psicológicos funcionam neste campo. Reformados sem grandes proventos, os idosos portugueses têm necessidade, a título de compensação para as suas carências financeiras, de falar (e ostentar, como se refere no início, pode passar exclusivamente por aqui) do que construíram para os filhos.

Em contrapartida, são os indivíduos da chamada «idade madura», entre os 35 e os 54 anos, e os mais jovens, entre os 15 e os 35 anos, os que menos gostam de mostrar as notas aos outros. A população naquelas franjas etárias vive num período de relativa prosperidade económica, onde é vertigi-

nosa a circulação de bens e serviços. Os valores sociais alteraram-se. A lógica é a seguinte: «Para quê mostrar o imediatamente visível?». A ostentação é intrínseca a uma sociedade onde a pujança económica está consagrada como um dos pontos cardais. Comprar uns ténis Nike ou uma moto «Vision» para os mais novinhos, ou um carro para a restante população activa já não constitui algo transcendente.

Os números indicam ainda que os homens têm mais pudor em demonstrar os seus proventos do que as mulheres. Assim, dos inquiridos do sexo masculino 48,3 por cento dizem que não se deve exibir a riqueza, contra 40,1 por cento do sexo feminino. A lógica delas faz sentido. Tanto tempo dependentes dos homens, é normal que agora, desejem demonstrar, com veemência, o contrário.

Analisar os resultados da sondagem em termos de regiões revela a feição, o contorno, das comunidades portuguesas, sobretudo o das

O 25 de Novembro dos ricos

Sinais de ostentação há-os por todo o País. No Porto o fenómeno do novo riquismo é dos sintomas de que o dinheiro português perdeu o pudor. Mas foi na capital, a cidade mais cara, que procuramos o mundo das elites, o da reserva com direito de admissão. A Lisboa das sete colinas alberga os lugares seleccionados por onde passam os políticos, os grandes empresários, os senhores e as senhoras da alta. É o espaço do poder económico, feito de jóias e lustros, vestidos de noite, bolides de alta potência e casas sumptuosas. Pinheiro de Azevedo, quando primeiro-ministro, disse ter restituído aos portugueses o direito de usarem gravata. Cavaco Silva concedeu aos abastados o privilégio de mostrarem a sua riqueza.

Deixemo-nos de miserabilismos. Estamos na capital mais pobre da CEE é certo, mas uma certa euforia económica trouxe à tona uma vaga de novos ricos. Há cinco anos estas pessoas escondiam a cara, hoje sentem-se menos pecadores por viverem muitos pontos acima do comum português. «Mas de que serve o dinheiro se não o posso converter em estatuto próprio?» A resposta veio com o consumo de bens de luxo.

A célebre revista «Olá» engendrou o culto da imagem para esta classe social, transformou-se na Bíblia das «Kikis», das «Jójos». Basta desfolhar as suas páginas para saber tudo sobre a fina flor de Lisboa.

grande cilindrada, a preços de tirar o chapéu, comprovam-no. Durante o ano passado foram a m



O culto do objecto, uma marca de um estilo de vida

A obsessão dos novos ricos ou de uma classe média abastada é o consumo de marca e, nesta febre, os carros continuam a ser um dos mais poderosos símbolos do poder económico do mundo moderno. A subida da venda de automóveis de

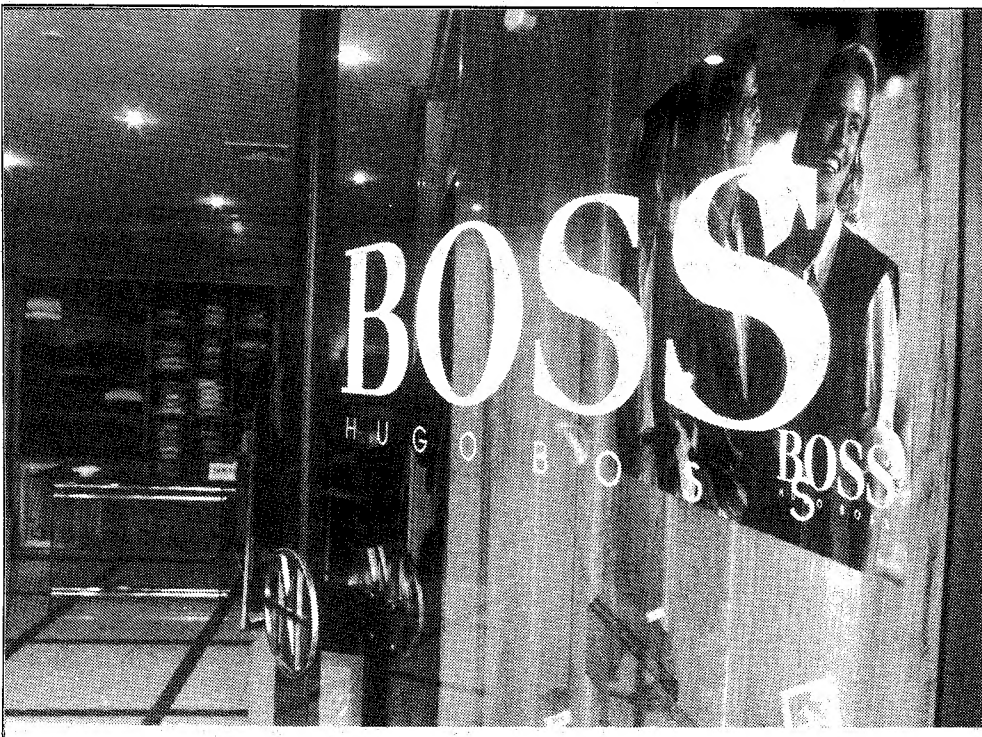
adquiridos 773 carros de valor superior a 10 mil contos. Ex-libris desta gama é o Ferrari F-40, comprado pelo industrial de calçado, António Gonçalves, pela módica quantia de 43 mil contos. Veio ainda para Portugal um Rolls-Royce e dois Bentley, *crème*

de la crème da indústria automóvel, na ordem dos 30 e tal mil contos.

«Não me choca que as pessoas comprem o melhor. A história de andar de fatiño à Mao nem na China está a dar...», comenta Edgar Piló, dirigente da Associação do Comércio Automóvel (ACAP). Um bom carro já não chega para marcar a diferença, o último halo da febre consumista é o telefone de carro, o telemóvel. Este serviço de comunicação, posto em prática no início de 1988 pelos CTT, a 500 contos cada aparelho, e uma assinatura mensal no valor de 8.500 escudos, seduziu cerca de duas mil pessoas, muitas das quais banqueiros e empresários. Os CTT esperam um acréscimo de mais mil utilizadores do telemóvel para o início deste ano.

Outros meios de transportes, ligados aos desportos caros, como os aviões particulares e os iates, vêm engrossar o seu caudal. A aquisição é cara e a manutenção destes bens só é acessível às bolsas mais abastadas da nossa praça. Segundo o Registo Aeronáutico Nacional de 1988, existem 57 aviões de uso pessoal, 35 dos quais em Cascais. Uma aeronave de dois lugares, em 1ª

e o dinheiro (3)



Roupa cara é emblema de luxo

duas maiores cidades. Lisboa, núcleo de serviços e do poder político, portas abertas ao exterior, pouco gosta que lhe descubram os sinais de riqueza (e os podres ainda menos). O Porto, e não podia de deixar de assim ser para fazer jus à fama dos portistas, é a única zona onde os inquiridos declaradamente dizem «mostre-se o que se tem, é para isso que trabalhamos». O fenómeno do novoriquismo, consequência directa da prosperidade económica da zona (as grandes indústrias concentram-se no Norte), acarreta o germen da insustentável leveza do dinheiro. Só 28 por

cento da população da Cidade Invicta opta pela não exibição da riqueza.

O Litoral, o Interior Norte e Sul apresentam resultados semelhantes neste capítulo. Os inquiridos destas zonas mostram-se mais favoráveis à ocultação dos bens, sempre na ordem dos 40 por cento, ainda que os da orla marítima sejam menos rígidos nesta postura.

Consumidores exibicionistas? Nem pensar! A quase totalidade da população portuguesa sente-se incapaz de tal atrocidade. Numa primeira leitura, a oscilação é mínima neste ponto, pois 91,4 por cento dos inquiridos diz

não conseguir esbanjar dinheiro. Até mesmo os portistas, para os quais a exibição da riqueza não traz mal ao mundo, se retraem.

O sociólogo confrontado com os dados da sondagem não se conforma: «Que modéstia... a verdade é que os portugueses gostam de ostentar e consomem nesse sentido», frisa Moisés Espírito Santo, docente da Faculdade de Ciências Sociais Humanas da Universidade Nova. Acrescenta: «Uma prova do que digo é a constante corrida atrás das modas, os portugueses são uns 'lambe-montras'».

Paula Sá

mão, custa cerca de 12 mil contos. Uma firma especializada no ramo explicou ao «DL» que uma hora de voo orça em cerca de 10 contos e para justificar a aquisição de um aparelho um proprietário deverá, pelo menos, fazer 100 horas de voo anualmente.

Mas são as casas, e sempre elas, as endeusadas. Os guetos de ouro crescem na cidade, as urbanizações de superluxo a preços astronómicos vendem-se rapidamente. Telheiras, Parque dos Príncipes, Campo Grande e Amoreiras são a aposta dos grandes imobiliários. Andares, cuja a ostentação é mesmo q.b. - de mármore e tectos falsos rebaixados, banheiras anatómicas, circuitos internos de televisão, jardins interiores, piscina, campos de ténis e squahs - chegam a custar mais de 60 mil contos. Quem estiver interessado que se avie, pois pouco sobra para adquirir, ainda que a primeira pedra de alguns destes empreendimentos esteja por lançar.

E não é só comprar a casinha, também é preciso ornamentá-la em conformidade. As lojas especializadas em decorações multiplicaram-se nos últimos anos. Oferecem bibelots tão caros como mobílias, tecidos a 40 contos

o metro e mão-de-obra (os decoradores) paga a peso de ouro. As antiguidades e o mobiliário importado, sobretudo de Itália, enchem estes espaços. As festas particulares, muitas vezes quase faraónicas, dos nossos ricos pouco mais precisam para ficar abrihantadas. Só faltam as colunistas sociais da «Olá», presença obrigatória para que a festa obtenha a pujança desejada.

Os novos ricos imitam a papel «químico» os que as velhas famílias tradicionais outrora abastadas faziam por princípio. Só interessa o chic. Frequentam os Clubes de Golfe do Estoril e da Quinta da Marinha, jogam ténis aos fins-de-semana, praticam vela ou equitação. Almoçam e jantam em restaurantes de luxo, os da costa, como o Beira Mar, Porto Santo ou Recta de Alcoitão, os dos hotéis, como o Avis ou Meridien, ou outros sonantes, como a Casa da Comida, o Tavares e o Gambrinos. O preço das refeições oscila dos seis mil escudos às várias dezenas de contos...

Das salas passa-se para a aparência pessoal. Hedonistas, estes novos ricos alimentam a sua imagem nas lojas de marca francesas e italianas, Hugo Boss, Cerrutti,

Armani, Louis Vuitton, Gucci, entre outras, e nos estilistas portugueses Augustos e Zé Carlos. Ana Salazar foge um pouco a estes circuitos, mas é ela que nos diz: «Apesar de parecer inacreditável, em Portugal são as coisas mais caras que se vendem rapidamente. Não pelo seu design, mas sobretudo como emblema de poder-riqueza».

Às vezes corre-se o risco de que o guarda-roupa resulte mais fino e delicado do que quem o usa. Para encurtar as distâncias estão os cirurgiões plásticos. Emendar um nariz rebelde ou eliminar umas rugas incómodas custa muito dinheiro e torna-se um hábito frequente a esta fatia da sociedade portuguesa. Ainda assim, os profissionais não gostam de ouvir a palavra ostentação.

No fundo trata-se de um ciclo vicioso: se tenho outro visual, como prescindir de um carro novo? Os novos ricos lisboetas gostam de mostrar uns aos outros as novas aquisições, os fatos deslumbrantes, cheios de frou-frous, nas suas festinhas. A ostentação fica por aí. Sentem, ainda, a inibição de se evidenciar monetariamente numa sociedade pobre, atrasada, cheia de carências.

P. S.

O alquimista do sucesso

Na Idade Média, os alquimistas procuravam transformar o simples metal em ouro. Tentaram em vão. Mas sonho de encontrar a «pedra filosofal» persistiu para além deles. Ser rico, bonito, bem sucedido e, sobretudo, poder demonstrá-lo, é a grande quimera da sociedade actual. Um alquimista contemporâneo experimentou juntar estes ingredientes.

A publicidade encontrou, finalmente, a fórmula secreta.

Meninas e meninos charmosos, vestidos com classe, usufruindo de espaços sumptuosos ou ousados, num misto de felicidade e sucesso a toda a linha - tipo anúncios da Gillette, Martini ou até das sopas Knorr (passe a publicidade...) - invadem diariamente os ecrãs, as páginas das revistas, os placards nas ruas. «Como eu gostaria de ser assim!» O desabafo, tantas vezes inconfessado, vem de qualquer cidadão que consome, em doses massivas, os anúncios

eles não teriam razão de existir.

A publicidade investe cada vez mais na representação de estilos de vida, na possibilidade de as pessoas se metamorfosearem. Os objectos, esses, apenas servem de suportes. Beber um bom Whisky, ou ter um bom carro são sinónimos de poderio económico, de poder mostrar aos outros que se sabe escolher. Tem a marca de uma assinatura.

«Os publicitários têm a perfeita consciência que as pessoas, sobretudo em Portugal, gostam de viver acima das suas possibilidades e, como tal, jogam nesse campo», sublinha João Rapazote Fernandes, director de uma produtora de filmes publicitários. Mesmo num anúncio dirigido a uma classe média baixa os ambientes e as situações recriadas são rebuscadas aos meios de uma classe abastada. O recurso frequente aos desportos náuticos e aos hercúleos marinheiros de água-doce que os praticam,



Quando for grande
quero ser rico,
viver dos rendimentos
e pagar poucos impostos.

Um sonho de criança?

Que imagem atroz nos dão das nossas crianças, a de pequenos monstrinhos materialistas. A perversão publicitária é grande quando se liga a imagem de uma criança a esta necessidade premente em ser bem sucedido a qualquer preço.

mesmo sem se dar conta deles.

Procurar imitar esses seres torna-se uma febre. Ostentar para além das posses ganha foros de um desejo incontrolado. Mas será culpa da publicidade? Será ela, como agente socializador, que impele os portugueses para o consumo desmedido? «Claro que a publicidade tem algo a ver com a ostentação», diz Pedro Frade, assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova. Considera, porém, que não existissem atitudes sociais que suportassem aquele tipo de anúncios

para publicitar produtos dos mais díspares, é exemplo flagrante disso mesmo.

Trata-se de um ciclo vicioso, onde a publicidade é um sintoma, entre muitos, de uma sociedade onde o poder económico é um valor fortemente reconhecido, por oposição aos anos 60.

O alquimista contemporâneo produz e reproduz este estado de espírito. O êxito é inegável.

P. S.

AMANHÃ: Jogadores não se confessam

FORUM

público e privado

OS QUE PROCURAM OS ELOGIOS... E DESCARREGAM AS CULPAS SOBRE OS OUTROS

A coragem é a virtude da acção. Opõe-se-lhe o não fazer, o voltar atrás, o ocultar-se. Não o medo. Porque até o corajoso tem medo. Mas vence-o e vai em frente, desafiando a insegurança do mundo. Todo aquele que não consegue dar o salto, o que bate os dentes por terror, não nos suscita desprezo, mas compaixão. Fantozzi, a extraordinária personagem criada por Paolo Villaggio, desperta ternura. Porque é aniquilada pela realidade diante da qual se sente desarmada como uma criança.

Há ainda o prudente. O prudente tenta reduzir o risco ao mínimo. E só age depois de explorada a realidade até aos ínfimos pormenores. A prudência excessiva exaspera-nos, mas quando evita a derrota consideramo-la uma virtude.

Existe, por fim, uma falta de coragem que desejávamos nunca encontrar — a vileza. O homem vil dissimula o medo que sente. Dissimula-o e explora-o para dele colher vantagens e poderes que lhe permitam prejudicar os outros e sair ganhador.

São vários os tipos de vileza. No entanto, estes indivíduos possuem lá no fundo alguma coisa em comum; em primeiro lugar, a teatralidade. Quando não há perigo, quando não tem que tomar decisões, o homem vil ostenta segurança. Vangloria-se dos seus êxitos. Exagera-os. Enriquece-os. Exibe a sua força e a sua importância. E, de um modo geral, ludibria mesmo os mais astutos.

Quando chega o momento de agir, em que é preciso coragem, foge, esconde-se e começa a avolumar as promessas. Fala-nos de obstáculos intransponíveis, de complots, de inimigos políticos, de manobras obscuras contra as quais nos devemos precaver. Transforma a realidade, constrói um mundo de tal modo imaginário que já não sabemos onde estamos.

Nunca nos fará um relato completo dos acontecimentos. Desfia o rol dos seus êxitos e das suas qualidades, depois acrescenta que as coisas correram mal por culpa de outrem. É como se os resultados não lhe interessassem, mas tão-só colher os louros e evitar as culpas. É capaz até de acu-



Francesco Alberoni

sar o próprio pai, o filho, o seu melhor amigo. Não pensa senão em si mesmo e no alibi que lhe permita ficar por cima em todas as circunstâncias.

O homem vil não respeita a palavra dada. Promete com extrema facilidade e nada faz. Ao pedir-se-lhe explicações, apresenta um sem-número de obstáculos, perigosos impedimentos: «Sabe, esforcei-me de tal maneira, nem pode imaginar...» E chegamos a sentir-nos culpados de lhe ter criado tantos problemas. Fica-se-lhe sempre a dever, nunca a haver.

Quanto tem poder, humilha, amacha os seus inferiores. Sublinha-lhes os erros, não para os ajudar, antes com o fito de vexá-los. E, em público, diante de todos.

Lembro-me de um encenador que insultava os actores no palco, sobretudo os mais velhos, os que não podiam revoltar-se. E à sua volta, pululava uma corte que o aplaudia. Saboreando aqueles aplausos, mais cruel se tornava ainda.

O homem vil tem necessidade de aprovação, precisa de aplauso. Por isso, espezinha os subordinados porque teme que estes se revoltam, o afrontem, o acusem, o desmascarem.

É um medroso que encobre o seu próprio medo. Em frente dos poderosos, é servil, humilha-se. Fã-lo com a mesma arte de comediante que emprega ao fingir-se forte e cheio de méritos. Dos nossos grandes actores, quem melhor interpreta esta personagem vil é Alberto Sordi, arrogante para com os fracos, bajulador para com os poderosos.

Mas existe algo que o vil teme acima de tudo: vir a ser desmascarado. Que alguém consiga desmontar publicamente a *mise-en-scène* que vai construindo e da qual se alimenta. Por esta razão, tem medo quando encontra uma personalidade forte, com verdadeira coragem, a quem não interessam nas aparências, mas os resultados. Sente-se, então, desarmado: sabe que o outro não se deixa ludibriar.

A outra pessoa que o vil receia é a própria mulher (ou o próprio marido), isto é, quem o conhece bem na intimidade. E, como se calcula, em relação a estes é um cordeiro.

(trad. de Manuela
Ferreira de Almeida)
Exclusivo DL

CORRIERE
DELLA SERA

O EXEMPLO DA LIBERDADE

Andrei Dmitriyevich Sakharov pertence a uma categoria rara, sempre prestes a desaparecer: era um humanista, um cientista e um filósofo. O acaso fez com que vivesse a sua vida inteira sob um despotismo e essa circunstância fez com que se tornasse na última coisa que teria querido ser: um herói, símbolo da liberdade num regime cuja finalidade paradoxal é realizar o reino da dignidade individual depois da sua dominação a ter completamente destruído.

O seu destino manifestou-se contra a sua vocação. Sakharov começou por ser um físico brilhante, assistente de Igor Tamm no programa de desenvolvimento das armas atómicas soviéticas iniciada logo a seguir ao fim da Segunda Guerra Mundial. Como outros físicos nucleares ocidentais, a sua preocupação maior era impedir o desequilíbrio resultante do domínio unilateral das armas atómicas, a partir do momento em que a sua existência era inevitável. Ao mesmo tempo, a importância estratégica da investigação tornava-o aos olhos do poder um homem sem preço: a sua admissão na Academia das Ciências em 1953, o prémio Stalin, a Ordem de Lenin reconhecem este facto, tanto como as suas qualidades científicas.

Sakharov era, antes de mais, um espírito livre. Depois da morte de Stalin associou-se naturalmente às primeiras políticas de desestalinização, no fim dos anos cinquenta. A sua posição era típica da melhor parte da *intelligentsia*, que queria transformar o regime comunista por dentro, tornando irreversível o «degelo» iniciado por Khrushchev.

A sua acção centrava-se tanto no seu domínio próprio — caso da sua campanha para acabar com as detonações atmosféricas de armas nucleares — como na esfera cívica e política. Todavia, estes primeiros passos de mudança interna não foram longe e, com a deposição de Khrushchev foram por sua vez congelados.

A partir de 1964, a oposição interna altera a sua estratégia. Perdido o anterior acesso ao poder, a razão da reserva deixa de existir e os «dissidentes» passam a procurar tornar conhecidas no exterior as suas posições críticas, para mobilizar a opinião internacional e forçar a mudança interna de fora para dentro.

Em 1968, as «Reflexões sobre o progresso, a coexistência pacífica e a liberdade intelectual», o primeiro *samizdat* de Sakharov, é passado clandestinamente para o ocidente, publicado em toda a parte e retransmitido para a União Soviética. Sakharov perde a sua posição no programa nuclear soviético (embora mantenha a sua posição como membro da Academia das Ciências) e iso-

lado: o regime não o pode expulsar, limita-se a persegui-lo, enquanto o seu prestígio internacional cresce. Em 1970 cria a primeira Comissão para os Direitos Humanos, cinco anos depois recebe o Prémio Nobel da Paz, em 1980 é preso e forçado ao exílio interno em Gorky, depois de ter denunciado a invasão soviética do Afeganistão e apelado ao boicote dos Jogos Olímpicos de Moscovo.

Só será autorizado a voltar à sua cidade seis anos mais tarde. O seu regresso é um sinal importante e necessário para dar à *perestroika* de Mikhail Gorbachev a credibilidade que lhe falta. Sakharov concede ao secretário-geral do partido comunista um apoio crítico e condicional, na medida em que considera

não existir um dirigente alternativo que torne possível a abertura do regime soviético, adiada durante mais de vinte anos. Desde essa altura, aos olhos do mundo, Sakharov representa tanto como Gorbachev os dilemas da mudança na URSS — os dilemas da sobrevivência do regime, para um, os dilemas da sua liberalização, para o outro, ambos ligados pela circunstância do momento.

Sakharov foi eleito deputado do Congresso dos Deputados do Povo em

princípios de 1989 e tornou-se imediatamente a voz mais autorizada do «grupo inter-regional», que reúne a minoria de oposição nesta instituição, além de ser um dos únicos factores de coesão dessa minoria heterogénea e fragmentada. A sua primeira intervenção foi para denunciar a eleição de Gorbachev como presidente do Congresso, do qual nem sequer era membro, por se opor à concentração de poderes num só homem, simultaneamente secretário-geral do partido dominante e Chefe do Estado soviético: nas suas palavras, esta era uma questão de princípio, não era uma questão de personalidades. A sua última intervenção, no mesmo lugar, quis forçar a revisão da lei fundamental, que determina o estatuto constitucional do partido comunista como o centro do poder político. Sakharov defendia a devolução de poderes ao Congresso, da sua capacidade legislativa e de escolha dos responsáveis pelo executivo, a separação de poderes entre o partido comunista e o Estado: como sempre, era uma questão de princípio, essencial para assegurar que a *perestroika* possa ser mais do que uma estratégia de recuperação da autoridade comunista e que os resultados positivos da abertura se tornem irreversíveis.

O sacrifício do filósofo ao tornar-se conselheiro do tirano é imenso e só pode ter uma justificação na razão do filósofo, que prevalece sobre todos os riscos evidentes. O futuro dirá se o tirano o soube ouvir. Em todo o caso, o exemplo de Sakharov, o exemplo da liberdade, é o que conta para todos os que o ouviram. Mesmo contra a sua melhor vontade, Sakharov é e será, para a próxima geração, um herói do seu tempo.

Carlos Gaspar



Andrei Sakharov

A comida e a política

Contrariamente ao que ontem anunciámos, o artigo do nosso colaborador Alfredo Margarido, intitulado «A comida é mais importante que a política», não pôde ser incluído nesta edição por falta de espaço.

FORUM

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Elina Guimarães

Porque será que estas senhoras andam na rua com cartazes, e porque é que são presas?» Esta pergunta fazia-a a si mesma ao ver na Ilustração Portuguesa uma menina de sete anos que sabia ler e se interessava pelo mundo. Era escusado questionar as senhoras da casa. Elas não sabiam além do lar e dir-lhe-iam que fosse vestir as bonecas, enfiar contas ou brincar aos jantarinhos, coisas sem o menor interesse. Era preciso esperar por seu pai, Victorino Guimarães, embora desde a proclamação da República ele andasse absorvido por diversos cargos.

Finalmente a explicação chegou: «São senhoras muito corajosas, chamadas 'sufragistas'. Querem que as mulheres tenham os mesmos direitos do homem e as raparigas estudem como os rapazes.» «Então não estudam?», exclamou horrorizada! «De costume não. Mas tu, se quiseres estudas». Pois quero! Vou estudar como um rapaz e depois ajudo as sufragistas...»

Assim nasceu uma vocação e um ideal. Estava-se em 1912 e na casa onde Elina Guimarães nasceu em Agosto de 1904, sita na Rua Açores, freguesia de Arroios, em Lisboa.

Tendo aprendido a ler aos 5 anos, a menina fizera disso a sua ocupação principal. Também gostava de ouvir a Avó materna contar-lhe lembranças do «Tio Guilherme», seu irmão, o poeta Guilherme de Azevedo, homem que detestava a injustiça e se comatava pela pena.

Muitos anos depois ela recolheria essas recordações, esses detalhes pueris, num opúsculo, «Guilherme de Azevedo em Família».

Tendo Victorino Guimarães sido nomeado para a direcção do Instituto dos Pupilos do Exército, em S. Domingos de Benfica, toda a família foi viver para lá, onde habitou até 1937.

Não havia colégios nas imediações e de resto nenhum colégio feminino ensinava o programa do liceu. (Que horror!) Foi preciso recorrer ao ensino em casa por professores.

Teve também mestras de Inglês e Francês e a sorte de receber algumas lições de História do dr. João Soares.

A declaração da Grande Guerra afectou profundamente a sensibilidade da

menina, mesmo antes de seu pai ter sido mobilizado.

Foi um período duríssimo e que amadureceu a adolescência da menina, cuja mãe suportava mal a situação. A vida diária oferecia mil dificuldades de abastecimento e as notícias eram inquietantes, dentro e fora do País. E quando Victorino Guimarães vinha de licença a Lisboa, era obrigado a partir dentro de 48 horas, por ordem expressa de Sidónio Pais, sob cuja ditadura se estava, e isto por amizade (!), porque não queria mandá-lo prender! Veio depois a revolução monárquica, que envolveu o local em que Elina habitava. Mas deu-lhe o orgulho de ter visto carga republicana sobre Monsanto!

Entretanto nós seus estudos chegara a altura de ir para o liceu feminino, onde fez o 5.º ano. Mas na época seguinte o pai, que entretanto regressara, preferiu enviá-la para o prestigioso Liceu Passos Manuel, onde faria com êxito e gosto o sexto e o sétimo ano de Letras.

Nesse liceu conheceu um rapaz, Adelino da Palma Carlos. Foram desde logo bons amigos. Mais tarde vieram a namorar-se e casaram em 1928. O curso de Direito foi extremamente trabalhoso para Elina, que estudava afincadamente e era constantemente interrogada com rigor, mas sem nenhuma hostilidade, pelos diversos professores. E obteve distinção em todos os anos e nota final de 18 valores.

Mas as suas ideias sufragistas mantinham-se firmes. A determinada altura do curso Júlio Dantas escreveu um livro, «O

Terceiro Sexo», onde dizia que a mulher universitária nem sequer merecia o nome de mulher! Indignada, respondeu-lhe num jornal académico. A dr.ª Adelaide Cabete, dirigente do «Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas», única colectividade feminista existente, leu e convidou-a para sócia. Radiante aceitou. Durante vários anos trabalhou para essa associação, a que se manteve ligada até à sua forçada extinção em 1946.

Infelizmente Elina Guimarães e seu noivo formaram-se em 1926, ano em que começou o chamado Estado Novo. Isto iria fazer deles exilados no próprio país.

A deportação de Victorino Guimarães para Cabo Verde e depois para os Açores foi um rude golpe. Felizmente que regressou antes do meu casamento, em 1928.

Nesse mesmo ano de 1928, no Conselho conseguiu-se realizar um Congresso Feminista. Apesar da sua juventude, Elina Guimarães fez o discurso de abertura, o qual obteve enorme sucesso, quando o republicou em 1978...

O Congresso foi mal recebido pela imprensa governamental e as suas participantes consideradas inde-sejáveis.

Nos anos subsequentes Elina Guimarães publicou dois estudos jurídicos:

«Os Crimes Culposos», «O Poder Maternal» e «A Lei em que Vivemos», manual de vulgarização jurídica para as mulheres, que se esgotou logo.

Também o que a orgulha mais, teve dois filhos, o dr. Guilherme da Palma Carlos, hoje advogado e o dr. Antero da

Palma Carlos, professor catedrático da Faculdade de Medicina.

Sistematicamente e durante décadas comentou nas revistas jurídicas toda a legislação, doutrina e jurisprudência respeitantes às mulheres. Esporadicamente, mas com frequência, publicava, onde podia e como podia, artigos feministas em publicações indo das «Modas e Bordados» à «Seara Nova».

Em 1966 foi promulgado um novo Código Civil, que dava, em detalhe, novos direitos às mulheres, mas restabelecia a ordem patriarcal contra todas as tendências contemporâneas. Elina Guimarães mandou sobre tal um artigo para o «Diário de Lisboa». Este convidou-a a colaborar semanalmente na página feminina. Assim fez e continuou depois em vários outros periódicos. Só terminou com o fim do suplemento «A Mulher» do «Diário de Notícias» em 1988. Os artigos até 1976 foram coligidos com o título «Coisas de Mulheres».

O 25 de Abril foi uma profunda alegria. Principalmente por ver ser feita justiça às mulheres e por ver mulheres merecerem essa justiça.

O general Mac Arthur diz que só envelhecem as pessoas cujo ideal fenece.

Elina Guimarães é hoje uma senhora idosa e trôpega, mas nela ainda está viva a menina que queria ajudar as sufragistas, isto é, as mulheres...

ELINA JÚLIA GUIMARÃES DA PALMA CARLOS, filha de Victorino Guimarães e de Alice Pereira Guimarães nasceu em Agosto de 1904.

Publicou: «Crimes Culposos»; «O Poder Maternal»; «A Lei em que Vivemos» e «Coisas de Mulheres».

E o opúsculo: «Guilherme de Azevedo em Família».

Para a Comissão da Condição Feminina escreveu: «Mulheres Portuguesas de Ontem e de Hoje»; «Femmes Portugaises Hier et Aujourd'hui»; «Portugueses Womens Today and Yesterday». Todos com várias edições actualizadas e textos diferentes entre si.

Recebeu em 1983 um prémio da Revista «Mulheres» e em 1988 outro das Feministas Portuguesas.

Em 1985, no final da Década Internacional da Mulher, recebeu das mãos do presidente General Ramalho Eanes, a Ordem da Liberdade.



Elina Guimarães

JÁ À VENDA!

MUSICAIS
DA
WARNER



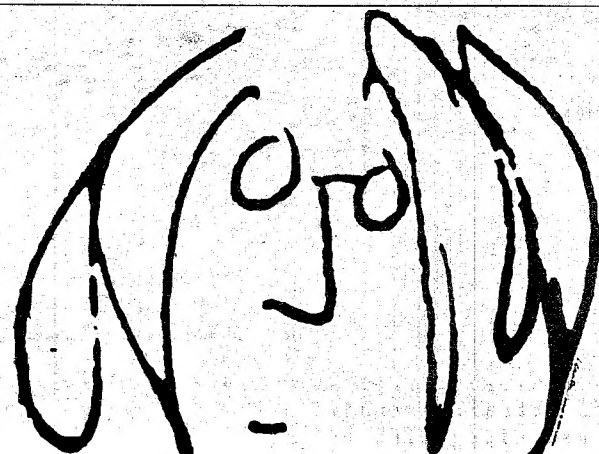
WARNER HOME VIDEO



I M A G I N E

John Lennon

A DAVID L. WOLPER Production As ANDREW SOLT Film
«IMAGINE: JOHN LENNON» Narrated by JOHN LENNON
Supervising Film Editor BUD FRIEDGEN, A.C.E. Co-Producer SAM
EGAN Written by SAM EGAN and ANDREW SOLT
Produced by DAVID L. WOLPER and ANDREW SOLT
Directed by ANDREW SOLT



POLÍTICA

A dança da remodelação continua

O primeiro-ministro demitiu Teresa Gouveia e Macário Correia, convidou Pedro Santana Lopes para a Cultura e Carlos Pimenta para o novo Ministério do Ambiente. A remodelação soma e segue dentro de momentos

A remodelação de Cavaco Silva ainda não terminou. Teresa Gouveia e Macário Correia souberam ontem à tarde, pelo primeiro-ministro, que iam abandonar o Governo. Assim, sem mais explicações. Cavaco disse claramente à secretária de Estado da Cultura que seria em breve substituída no cargo por Pedro Santana Lopes. Teresa Gouveia passa da bancada do Governo para a dos deputados sociais-democratas. O DL soube ainda junto de fonte governamental que Carlos Pimenta regressa a Lisboa para tomar posse como ministro do novo Ministério do Ambiente e Recursos Naturais. Quanto a Macário Correia, ainda não se conhece o seu substituto. A tomada de posse dos novos membros do Executivo não tem ainda data marcada podendo ser discutida hoje no encontro que Cavaco Silva vai ter com o Presidente da República às 17 horas.

Porquê o crítico Santana Lopes para substituir Teresa Gouveia? A explicação dada ao DL é de que Pedro Santana Lopes só aceitaria entrar para o Governo se não ficasse na dependência directa de nenhum ministro. Nestas condições existem apenas dois cargos, o de secretário de Estado da Cultura, que está directamente dependente de Cavaco Silva e o de secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros. Mas este último lugar estava fora

de questão dada a proximidade do seu titular - Luís Marques Mendes - de Fernando Nogueira e do próprio Cavaco Silva. Este seria o lugar mais ambicionado por Santana Lopes. E isto por dois motivos: por um lado, porque teria assento directo no Conselho de Ministros, por outro lado, porque é o centro do Governo, lugar-chave que já ocupou no primeiro Governo de Cavaco Silva.

Pedro Santana Lopes deverá encontrar-se ainda hoje com a secretária de Estado da Cultura para se inteirar das principais questões daquele gabinete. Os dois pertencem ao grupo de Lisboa que, desta forma, mantém a influência reduzida que já detinha no Executivo. Só que este grupo coloca assim um elemento que terá um papel mais político do que o desempenhado por Teresa Gouveia. A sua substituição está a causar algum escândalo, dado o agrado geral que a sua acção tem tido. As manifestações de protesto pela sua substituição, que estão a chegar ao gabinete da secretária de Estado da Cultura são inúmeras, apurou o DL. E há já quem veja em Santana Lopes um «secretário da propaganda», preocupado em aumentar o seu peso político-partidário.

Carlos Pimenta, actual deputado europeu, está incompatibilizado com António Pinto Leite, em especial desde que este inviabilizou a sua



A reunião da Comissão Política do PSD onde não esteve Eurico de Melo

candidatura à Câmara de Lisboa. O futuro ministro do Ambiente é mais um homem da confiança de Fernando Nogueira, o grande vencedor desta remodelação a contagotas. A lógica de mais esta «mexida» parece ter sido a de manter a relação de forças anunciada ontem com a entrada de quatro novos ministros afectos ao grupo de Fernando Nogueira. A exigência do grupo de Lisboa em introduzir Santana Lopes no Governo foi contrabalançada pela entrada de Carlos Pimenta, o homem que Fernando Nogueira propôs ingloriamente para a Câmara de Lisboa. A escolha de Pimenta é também o «pagamento» de mais uma dívida de gratidão, tal como já tinha acontecido ontem com a indicação de Carlos Brito, que também perdeu o Porto, desta feita em eleições.

Nas secretarias de Estado,

dependentes dos Ministérios que mudaram de tutela, o ambiente é de grande nervosismo e insegurança. Cavaco convida uns a ficar e não fala com outros. Ninguém sabe o que vai acontecer nas próximas horas, excepto o primeiro-ministro. É uma característica que tem a ver com o seu perfil e que Cavaco transformou em forma de acção política. Habitualmente, quem escolhe os secretários de Estado são os ministros. Cavaco Silva, salvo raras excepções, fez questão de ser ele a escolhê-los. Daí a dúvida que assalta todos aqueles que ainda não foram chamados à presença do primeiro-ministro.

Rui Carp disse «não» a Cavaco

O «Diário de Lisboa» apurou que o secretário de Estado do Orçamento, Rui Carp, foi um dos poucos

convidados a ficar em funções. No entanto, o grau de amizade entre os dois governantes não impediu Carp de dizer não a Cavaco Silva. Aliás, dos secretários de Estado na dependência de Miguel Cadilhe apenas Oliveira e Costa aceitou ficar em funções com o novo ministro, Miguel Beza (aliás ontem, por lapso de que pedimos desculpa, referido com o nome do seu antecessor). Faria de Oliveira que estava a trabalhar no processo das privatizações, tarefa delicada, vai também abandonar o Executivo. No Ministério da Agricultura, a substituição de Álvaro Barreto pelo seu secretário de Estado Adjunto, Arlindo Cunha, provocou um autêntico vazio. Os responsáveis pelas pastas da Agricultura, Pescas e Alimentação saem com «o super-ministro».

O DL soube que Eugénio Ramos, braço direito de Eurico de Melo na Defesa, foi convidado a ficar, não se sabendo ainda o futuro de Branquinho Lobo, o número dois da Administração Interna.

Na avenida João Crisóstomo, «quartel general» de Leonor Beza durante mais alguns dias, o ambiente é também grande tensão e incerteza. Por todo o lado se «cochicha» e, segundo uma fonte bem colocada, mesmo noutros Ministérios há já quem se interrogasse «vale a pena continuar num Governo com uma imagem tão degra-

dada».

Para muitos dos exonados o que custa não é tanto deixar o Governo mas a forma como o primeiro-ministro demitiu ministros e secretários de Estado. Eurico de Melo foi o único que teve tempo para apresentar a sua «exoneração urgente». O bater de porta do ex-vice-primeiro-ministro poderá ter consequências no próximo Congresso Extraordinário.

Na reunião do Conselho Nacional, marcado para dia 20, deverá ser ratificada a proposta da Comissão Política para que o Congresso se realize no dia 7 de Abril, anunciou ontem Dias Loureiro.

O secretário-geral do PSD escusou-se a responder às perguntas sobre a remodelação e mais concretamente sobre a exoneração de Eurico de Melo. Dias Loureiro foi redundante nas respostas: «O primeiro-ministro tem um mandato para escolher os governantes», repetia.

A conferência de Imprensa começou com uma declaração ao País, através de um directo na RTP, sobre «o objectivo do Governo manter o compromisso de modernização do País até 1992» e ainda sobre «o segundo sinal do eleitorado nos quis dar de que os portugueses querem que façamos mais e melhor».

Um discurso fechado, de um partido com telhados de vidro.

António José Teixeira e Maria João Rocha

Intelectuais reagem mal à substituição de Teresa Gouveia

A notícia da substituição de Teresa Gouveia por Pedro Santana Lopes na Secretaria de Estado da Cultura caiu como uma bomba nos meios artísticos e intelectuais, que, a crer nos depoimentos confiados ao «DL» por José Saramago, Agustina Bessa Luís (esta dando o benefício da dúvida), António Ramos Rosa, Pedro Cabrita Reis, Jorge Lima Barreto, Luís Serpa, Nelson de Matos, João César Monteiro e António Campos Rosado, não entusiasmou ninguém. Antes pelo con-

trário...

«No quadro de um Governo que não se mostrou particularmente interessado nas questões da Cultura, a secretária de Estado agora substituída mostrou alguma sensibilidade a essas questões e de certo modo apareceu como uma pequena ilha fértil no mar da indiferença governamental» - foi esta a primeira reacção do escritor José Saramago ao anúncio, feito esta manhã, de que Cavaco Silva afastara Teresa Gouveia das suas funções no Execu-

tivo, para a substituir por quem menos se esperava, Pedro Santana Lopes.

Em comentário ao «DL», o autor de «O Ano da Morte de Ricardo Reis» ainda disse: «É curioso verificar que depois das recentes alterações o sector agora atingido seja precisamente este. Permito-me pensar que se trata mais de resolver problemas internos do PSD do que, por uma súbita consciência da importância das questões culturais, "descobrir" um substituto acaso ideal. Será interessante ob-

servar que ideias terá Pedro Santana Lopes sobre a cultura do País, tendo em conta que até agora essas ideias, se as tem, não tiveram qualquer expressão pública».

Outros nomes importantes da actividade artística e intelectual portuguesa mostraram-se desagradados com o afastamento da governante. O escultor António Campos Rosado confessou-nos a sua «surpresa», já que, citamolo, «não parece que Pedro Santana Lopes seja uma pessoa ligada à cultura». Luís Serpa, director da galeria «Os Cómicos», preferiu não comentar a substituição, mas ainda assim afirmou ao «DL» que Teresa Gouveia tomou posições, durante o seu tempo de governação, «que contribuíram decisivamente para o estabelecimento não com certeza de uma política cultural global, mas pelo menos para a criação de instrumentos para a divulgação cultural».

Pedro Cabrita Reis, pintor, foi laconico mas claro: «Quero



Teresa Gouveia

apenas dizer que a substituição me deixa relativamente inquieto».

Jorge Lima Barreto, músico e musicólogo, manifestou-se surpreendido pelo facto de alguém que não é conhecido nos meios da Cultura poder ser nomeado para o lugar da ex-secretária de Estado. «Teresa Gouveia era uma pessoa equilibrada, embora saibamos que sempre foi preterida por outros interesses do Governo. Um erro gravíssimo», adiantou ao

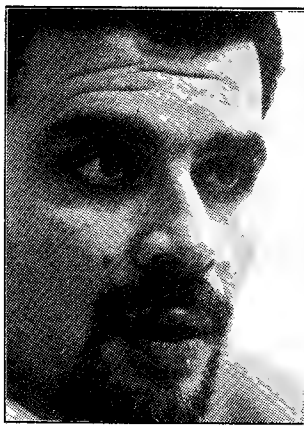
nosso jornal.

Agustina Bessa-Luís, falando do Porto, preferiu usar de prudência: «Na substituição de titulares de cargos há sempre um pouco de expectativa de que possa favorecer o próprio País e há também um pouco de risco. Teresa Patrício Gouveia fez um bom trabalho, mas o Pedro Santana Lopes também tem uma presença forte». O poeta António Ramos Rosa, instado pelo «Diário de Lisboa», optou pelo seu lado por não formular grandes juízos: «Pedro Santana Lopes? Não conheço».

Nelson de Matos, responsável pelas Publicações D. Quixote, afirmou que o Primeiro-Ministro «substituiu um técnico cultural de grande prestígio por um mero quadro profilítico», e o realizador de «Recordações da Casa Amarela», João César Monteiro, rematou os nossos contactos à sua maneira, achando que a troca é o mesmo que «substituir a Mona Lisa por um mono luso».

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
2.ª FEIRA A SÁBADO - 21.30
★ DOMINGO, 17H ★ FOLGA - 4.ª FEIRA
 TEXTO NATÁLIA CORREIA
 ENCENAÇÃO JOAO MOTA
 MÚSICA JOSE MARIO BRANCO
A PECORA
«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»
 APOIOS - PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE - FRAC - CAMPOLIBREIRO CITY - RÁDIO COMERCIAL - ANTENA 90
 PRAGA DE ESPANHA T. 726 0818
 Secretário de Estado da Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian

POLÍTICA



António Capucho ao DL:

«O mito da infalibilidade do primeiro-ministro não foi criado por ele»

Cavaco alterou o Governo na altura certa. Os ministros afastados concordaram. Sentiam já um grande desgaste governativo. Pelo menos assim diz António Capucho que aceita as decisões do líder do PSD, sem sombra de crítica

O PSD tem de encontrar novos quadros políticos e preparar-se para enfrentar melhor uma sociedade em mudança, diz António Capucho. Na entrevista que concedeu ao DL mostrou-se solidário com as decisões tomadas pelo primeiro-ministro, não deixou no entanto de acrescentar que a responsabilidade pelo fraco resultado nas autárquicas tem de ser atribuída a todo o partido, que adormeceu «à sombra da vitória» nas legislativas. Considerando natural que um primeiro-ministro altere o Governo a meio do mandato, Capucho diz que a remodelação não pode ser entendida como correcção de um erro e, a propósito, adverte: «Quem criou o mito da infalibilidade do primeiro-ministro não foi ele, embora o mito exista».

D.L. - A seguir às eleições autárquicas defendeu a necessidade de remodelação governamental. Concorde com a que foi feita, não a acha excessiva?

A.C. - Não posso nem devo escarpelizar uma remodelação que é da exclusiva responsabilidade do primeiro-ministro, com quem me manifesto solidário. Acho que corresponde à solução que ele encontrou para responder aos desafios que se colocam ao Governo nesta nova fase do mandato.

Se ao dizer cinzenta se refere ao facto de haver um ou outro novo ministro com menor notoriedade pública, penso que isso não terá importância, porque dada a qualidade dos meus companheiros que vão assumir responsabilidades governativas, em pouco tempo terão um grau de notoriedade muito maior.

Demissões solicitadas

D.L. - A demissão de Eurico de Melo foi uma surpresa para toda a gente. Como a explica?

A.C. - Pelas informações que tenho, todos os ministros que saíram receberam solidariedade quer do primeiro-ministro quer do PSD. E saíram fundamentalmente porque o solicitaram, em geral invocando razões de cansaço político natural, depois de exercerem, durante bastante tempo, uma acção política desgastante.

D.L. - Mas não acha que a saída do ministro da Defesa vai desagradar em especial às bases sociais-democratas do Norte?

A.C. - Confesso que não

consigo identificar um grupo do Norte que tenha especial afectividade em relação ao engenheiro Eurico de Melo. Há de facto uma enorme simpatia por ele e pelo que tem representado ao longo destes 15 anos, mas entre os militantes de todo o País. Creio que poderá desempenhar, noutras funções que não no Governo, um papel tão importante como até agora. Eu próprio estive no Governo, saí e nem por isso me sinto diminuído.

D.L. - O resultado que o PSD obteve nas autárquicas é considerado um teste, falhado, às capacidades de Dias Loureiro como secretário-geral. Há compatibilidade entre os dois cargos?

A.C. - Compatível é, mas o partido deve repensar tal situação. Eu próprio as acumulei durante algum tempo e sei que não é vantajoso. O próprio primeiro-ministro, no caso de se recandidatar a presidente do partido, como espero, deve avaliar se essa é a melhor solução.

Quanto aos resultados acho, com toda a franqueza, que há responsabilidades colectivas. O partido terá, porventura, adormecido um pouco à sombra da vitória de 1987.

Obtivemos 50 por cento - é uma percentagem esmagadora -, descansámos a nível nacional, distrital e até a nível local, nesse resultado. Acho que as responsabilidades são colectivas, repito, e não exclusivas do secretário-geral.

D.L. - E como é que o PSD vai gerir e «digerir», agora, essas responsabilidades?

A.C. - Estamos numa fase de grande reflexão interna, procurando caminhos que possam melhorar a vida partidária. Entrámos numa década em que se põem desafios completamente novos, a curto, longo e médio prazo. O partido tem de estar preparado, também ele, para responder aos anseios de um eleitorado que encontrou estabilidade política e uma situação financeira equilibrada.

Vamos ter um grande choque - positivo em meu entender - resultado da integração europeia. Perante desafios novos o PSD tem de se adaptar e adequar.

Daqui até ao início de Abril vai haver uma reflexão interna que, espero, seja profícua e muito produtiva, para encontrarmos sistemas organizativos mais adequados e que respondam melhor aos anseios dos nossos militan-



As saídas do Governo foram solicitadas, diz António Capucho

tes e também dos nossos eleitores.

Fim de um ciclo

D.L. - A remodelação apanhou muita gente de surpresa, também pelo modo como foi feita. Acha que este é o melhor método?

A.C. - Eu costumo dizer, a título de exemplo, que quando um primeiro-ministro ou um Governo decidem desvalorizar a moeda ou remodelar, o fazem de um momento para o outro.

Claro que a altura exacta espantou muita gente, mas em termos da estratégia política implícita na acção do primeiro-ministro e do partido, tínhamos um primeiro ciclo, o das chamadas reformas estruturais - de alguma forma desgastantes para a imagem do Governo, porque punham em causa alguns interesses de sectores profissionais muito vastos e interesses de classe muito representativos, em alguns casos de tradicionais eleitores do PSD - que tinha um auge precisamente neste final de 1989. É portanto normal que abramos um novo ciclo na acção governativa, precisamente após as eleições para o Parlamento Europeu e depois das autárquicas, numa reunião do órgão competente do partido. O momento estrate-

gicamente fixado para refrescar o Governo era este.

D.L. - Considera que o que aconteceu foi refrescar o Governo e não mudá-lo de tal forma que é quase como se tivesse sido constituído de novo?

A.C. - Para mim serve a expressão remodelação, ou outra qualquer... Acho que foi a altura que o primeiro-ministro achou adequada e ele é o primeiro responsável, saberá melhor se é esta a remodelação que convém. Tem inteira confiança do partido e possuía, inclusive, mandato do PSD para fazer a remodelação que entendesse necessária, com a profundidade que quisesse.

Mito de infalibilidade

D.L. - Esta mudança representa, aos olhos de muita gente, a primeira confissão pública de que o primeiro-ministro se enganou. Cavaco Silva vai adaptar um novo estilo? Irá ele admitir que é falível, como qualquer mortal?

A.C. - Quem criou o mito da infalibilidade do primeiro-ministro não foi ele, embora o mito exista. O facto de alterar a equipa a meio do mandato é naturalíssimo. Em toda a parte do Mundo os Governos de legislatura, com quatro anos de duração,

mudam a meio do seu percurso. Não considero que isso represente qualquer alteração de personalidade.

D.L. - Irá o primeiro-ministro adaptar a sua estratégia, daqui até final do mandato, de modo a diminuir, junto da opinião pública, essa ideia de que se enganou?

A.C. - Não creio que haja na opinião pública a ideia de que o primeiro-ministro se enganou pela remodelação que fez. Pelo contrário, parece-me que demonstrou que sabe tomar as medidas necessárias para enfrentar os desafios.

Se olharmos para aquilo que nos rodeia, na Europa por exemplo, vemos como há uma evolução que atinge formas de vertiginosa rapidez. Portanto é normal que quem tenha responsabilidades governativas esteja permanentemente a remodelar as equipas liderantes no sentido de responderem melhor a tais desafios.

Por outro lado o PSD deve repensar o seu papel na sociedade portuguesa, perceber que se alterou desde 1974/75. Precisamos de quadros profissionalizados, para acompanhar os autarcas e a política cultural entre outros pontos. Este tipo de respostas tem o PSD de os encontrar com quadros políticos novos.

Maria Guilomar Lima

I Série

N.º 3

Dia 4

de

Janeiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 1/90:

Aprova o modelo de declaração de rendimentos a apresentar à Direcção-Geral das Contribuições e Impostos nos termos do artigo 114.º, n.º 1, alínea c), do Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares e respectivas instruções de preenchimento.

Portaria n.º 2/90:

Aprova o modelo de declaração de rendimentos a apresentar à Direcção-Geral das Contribuições e Impostos pelas entidades a ela obrigadas nos termos do artigo 114.º, n.º 1, alínea c), do Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares.

Ministério da Indústria e Energia

Decreto-Lei n.º 8/90:

Proíbe a comercialização e utilização de detergentes cuja biodegradabilidade média seja inferior a 90% ou que possam causar danos à saúde do homem ou dos animais em condições normais de utilização.

Ministério da Indústria e Energia, da Educação e do Emprego e da Segurança Social

Despacho Normativo n.º 1/90:

Regulamenta o Programa 2 do PEDIP - Formação Profissional.

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 9/90:

Cria no Instituto Politécnico do Porto a Escola Superior dos Estudos Industriais e de Gestão.

Nota. - Foi publicado um suplemento ao Diário da República, n.º 262, de 14 de Novembro de 1989, inserindo o seguinte:

Ministérios da Defesa Nacional, das Finanças, da Justiça, da Agricultura, Pescas e Alimentação, das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, da Saúde e do Comércio e do Turismo

Portaria n.º 980-A/89: Estabelece as condições de exploração dos estabelecimentos de culturas marinhas no território do continente.

Ministérios da Defesa Nacional, do Planeamento e da Administração do Território, da Agricultura, Pescas e Alimentação, das Obras Públicas, Transportes e Comunicações e da Saúde.

Portaria n.º 980-B/89: Regulamenta o processo de autorização para a instalação de estabelecimentos de culturas marinhas no território do continente.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 980-C/89: Regulamenta o processo de licenciamento da exploração de estabelecimentos de culturas marinhas instalados no território do continente.

Padre Martins ao "DL"

«Vitória pode abrir mentalidades na Madeira»

Em entrevista ao Diário de Lisboa, o novo presidente da Câmara do Machico, padre Martins, afirmou que não pretende hostilizar o Governo Regional da Madeira, mas sim obrigá-lo a cumprir o seu dever.

P- Após mais de dez anos na presidência da Junta de Freguesia de Machico, ganhou a Câmara em Dezembro passado. Como explica esta vitória? Persistência? Há quem considere que, no fundo, beneficiou da imagem de «vítima» criada aquando da retirada de imunidade parlamentar...

R- Prefiro não lhe chamar vitória. É quase um processo histórico. Machico foi sempre uma vila revolucionária e tem grandes tradições de luta, desde Francisco Alberto Nóbrega, um sonetista contemporâneo de Bocage com uma veia satírica extraordinária. Foi seminarista e, caluniado pela Inquisição, chegou a estar preso no Limoeiro. Mais tarde, Machico deu guarida aos contendores

das guerras liberais. Já trás consigo as marcas da luta.

P- Acha-se, portanto, o resultado de um processo histórico?

R- Repare: antes do 25 de Abril, eu, aqui na paróquia, tive «pegas» com o chefe da PIDE na Madeira por causa da colónia a que a ilha estava submetida e, mais tarde, na época da emigração clandestina para França. Eles faziam deste aeroporto a fronteira com a Espanha e eu bati-me contra isso. Promovia festas com canções contra a Câmara e o Governo e a PIDE exigiu que mostrássemos as letras das canções. Até enviei... o hino nacional.

P- Sempre ligado ao combate político...

R- Acompanhei todo este movimento, sim. Eu próprio sou produto de uma classe explorada, porque sou filho de um pescador. Aqui a gente de Machico sofreu muito. Quando o padre Santana passou a bispo do Funchal, logo a seguir ao 25 de Abril e Alberto João se tornou direc-

tor do «Jornal da Madeira»...

P- Está a contar mais a história das outras pessoas do que a sua...

R- Vou contar, espere. É preciso conhecer o processo todo. Nós fomos caluniados e o nome do padre Martins nem se pronunciava! Mas, mesmo assim, ganhámos a Junta em 76 e, a pouco e pouco, a percentagem subiu. Nas últimas eleições, faltaram 400 votos. Progressivamente, as pessoas começaram a compreender o caminho a seguir. Não foi um processo de euforia, nem de arrebatamento. Mas é irreversível.

P- Será. Mas agora tem de gerir a Câmara contra o Governo Regional.

R- Não será bem contra o Governo. Ainda não se entendeu o binómio soberania-povo. A governação é o reflexo em termos organizativos da soberania do povo. Portanto, não vou governar contra o Governo Regional, nem hostilizá-lo. Vou fazer com que cumpra a sua obrigação.

P- Acha que será correspondido?

R- Eles vão tentar todas as artimanhas, como fizeram na Assembleia Regional. Mas aí, vamos dizer à população que este Governo não presta. Temos uma função pedagógica. Vamos fazer da política um exercício de esclarecimento das populações e não uma neurose, como tem feito o PSD. Isto pode ser uma ingenuidade, mas vamos lá ver. Não faremos da prometida asfixia do Governo a maior preocupação da Câmara. Vamos, sim, descobrir as potencialidades excepcionais do Machico, para situar o concelho no pedestal a que tem direito.

«Machico pode abrir mentalidades»

P- Há pouco, diziam-me que Machico é já uma «zona libertada». Acha que a sua vitória poderá contribuir para mudar a região, politicamente falando?

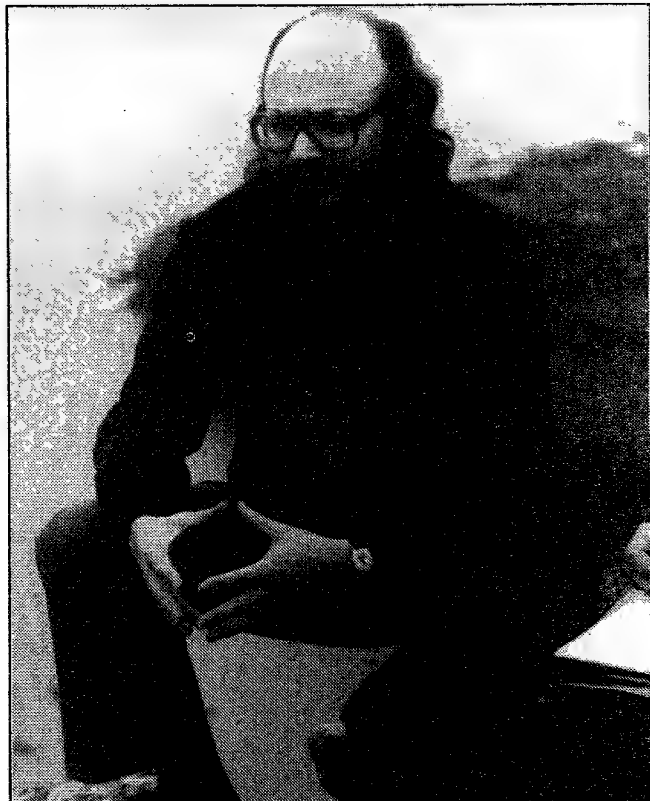
R- Sim. Tenho uma enorme esperança de que Machico possa contribuir para isso. Foi o pórtico da descoberta da Madeira, pode também ser o pórtico da abertura de clareiras e mentalidades. Perdendo Machico, o PSD inicia a sua curva descendente. É preciso demonstrar que é possível ser diferente; que ser diferente não é uma anormalidade.

P- Mas não é uma exigência a unidade da oposição?

R- Por mim, acho que a oposição devia unir-se, mas não abastardar-se. Ser oposição para realizar alianças contra-natura, não.

P- Na sua opinião não falta à oposição um líder carismático?

R- É verdade. É uma la-



«Sou produto de uma classe explorada»

cuna que deriva da falta de limpidez da oposição. Aqui na Madeira, temos um PS e um PC que fazem as coisas com punhos de renda, reuniões de gabinete e cedências constantes. Por isso «levam na cabeça» na Assembleia Regional. Digo isto com mágoa.

E quero mesmo dar um recado à UDP: se quiser assumir-se como oposição, não pode ter este comportamento. Não pode trilhar o caminho das colagens, por mais envernizadas que sejam. Tem de tomar uma posição clara perante a ditadura institucionalizada que se vive na Madeira. Aliás, o mais curioso é que quem tem aqui mais pedalada é o Ricardo Vieira,

do CDS. Ao ponto a que isto chegou!

P- Sem líder carismático e com a oposição dividida, como serão as próximas Legislativas Regionais, em 92?

R- Vai mudar mais. Não tenho dúvida de que o PSD vai perder deputados. Há muitos funcionários do Governo que estão contra ele, porque também são vítimas. Mas espero que a oposição, com as responsabilidades que o povo lhe conferiu, desperte para a descoberta do seu verdadeiro posicionamento no panorama político madeirense, numa perspectiva de junção de esforços, que é imperiosa.

Paulo Martins



MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL

N.º 174/89

TOPONÍMIA

Faz-se saber que ao abrigo do disposto no art.º 96.º do Decreto-Lei n.º 100/84, de 29 de Março e, tendo em vista a recuperação da antiga toponímia da Zona Ocidental de Lisboa, aos arruamentos do Bairro do Caramão da Ajuda, abaixo referidos, foram atribuídas as toponímias que vão indicados:

Rua 1	RUA JOSÉ PINTO BASTOS (Benemérito do Bairro da Ajuda)
Rua 3	RUA DA PRETA CONSTANÇA (Figura popular da Ajuda)
Rua 4	RUA DOS VAGA-LUMES
Rua 5	RUA HORTA E SILVA (Boticário)
Rua 6	RUA PEDRO AUGUSTO FRANCO (1.º Conde do Restelo e Presidente da C.M.L.)
Rua 7	RUA RAINHA DAS ILHAS DAS COBRAS (Figura popular)
Rua 9	RUA RAINHA DO CONGO (Figura popular)
Rua 10	RUA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA
Rua 11	RUA JOSÉ MARIA PRETO (Barbeiro popular)
Rua 14	RUA DAS CHAMINÉS D'EL-REI
Rua 20	RUA DOS ARCHEIROS

E, para geral conhecimento, se publica o presente edital.
Paços do Concelho de Lisboa, em 1989/12/18.

O Vereador,
Maquiel Maria de Menezes Pinto Machado

Sacerdote político

Todos o conhecem por Padre Martins. A farta barba pinta-o de revolucionário, mas a sua personalidade não é compreensível apenas à luz de princípios políticos. Celebra regularmente missa, mas está suspenso desde 1974 da sua condição de sacerdote da Ribeira Seca, no Machico. Ganhou a única Câmara do país para a UDP, mas não tem filiação partidária. Traços que o tornam um dos mais «incómodos» políticos madeirenses. E que justificam a apreciação de amigos seus: «é o arauto da verdadeira esquerda, a da justiça social».

Filho de pescadores machiqueiros, Martins foi pároco no Porto Santo e, mais tarde, capelão do Exército, em Moçambique. Um dia, o comandante da sua unidade perguntou-lhe porque não evocava a Senhora de Fátima para incentivar os soldados à luta. Impassível, explicou que não é propriamente a... Padeira de Aljubarrota. Há cerca de 20 anos, foi destacado para a sua terra natal. Sentiu a transição como um castigo, já que na época era uma espécie de região «proscrita», com elevada criminalidade.

Após o 25 de Abril, aproximou-se da União do Povo da Madeira, que mais tarde aderiu

em massa à UDP. Logo em 1976, foi eleito presidente da Junta do Machico nas listas do partido. De então para cá, como salienta nesta entrevista ao «DL», cresceu o apoio da população. Até à vitória, para a Câmara, a 17 de Dezembro.

Porém, João Jardim já deu a entender que não facilitará a vida ao seu adversário. As «retaliações», aliás, começaram na noite da passagem de ano: Machico não teve direito às tradicionais zonas de lançamento de fogo.

Tranquilo, continua igual a si próprio. Não recebe um tostão pelos serviços religiosos que presta. Reza missa com paramentos bordados pelas gentes da vila - desde a suspensão nunca mais usou os «oficiais». E anima um grupo musical, potenciando antigos conhecimentos na matéria.

Afastado do Liceu do Funchal, o seu «ganha-pão» é a Secundária do Funchal, onde lecciona português. Porém, mais do que o guia espiritual, é o homem a quem todos recorrem para resolver os pequenos e grandes problemas. Por isso não há quem consiga afastá-lo da paróquia. Em 1985, a polícia desistiu após um cerco de 15 dias...

POLÍTICA

PCP precisa de debate sem fronteiras

- afirma Zita Seabra

«Já não sou comunista se o partido continuar com a incapacidade de resolver os problemas e, se ainda se tomarem como base os princípios do marxismo-leninismo», disse Zita Seabra ao Diário de Lisboa. Nas declarações que fez, em sua casa, após ter sido notificada da sua expulsão pela Comissão de Controlo e Quadros, a ex-militante do PCP afirmou que a renovação do partido a que pertenceu desde os 15 anos só poderá acontecer se se realizar «um debate sem fronteiras, que aborde todas as questões ideológicas».

«Senti um grande abalo, mas também preocupação pela insegurança que há no partido», acrescentou, ao comentar a sua expulsão. Segundo informou, foram razões ideológicas que estiveram na base daquela decisão. «Foi um acto prepente e não passa de abuso do poder, mas vai-lhes custar caro», disse ainda.

Renovação Inclinada

Considerando «inclinada» a forma como a direcção do PCP está a iniciar o debate no seio do partido, Zita Seabra sublinhou que «agora é muito tarde para Álvaro Cunhal mudar». Na sua opinião, o secretário-geral «já devia ter assumido há mais tempo o lado negativo das coisas e só

o fez depois da queda do Muro de Berlim e das mortes na Roménia».

A semelhança do que já havia escrito no polémico artigo do «DN», Zita Seabra reafirmou a falência dos principais conceitos que sustentam a doutrina comunista. «Já não fazem sentido esses arcaísmos ideológicos e nem os perflhos», disse, referindo-se a ideias como marxismo-leninismo ou centralismo democrático.

«As transformações têm de partir das bases, pois uma renovação vinda de cima é uma utopia», acrescentou. Nesse contexto, a ex-dirigente do PCP defendeu ainda a realização de um congresso. «Mas tem de ser democrático, sem ter, à partida, os moldes ditados pela actual direcção do partido. De outro modo, é um disparate pois esta sairá sempre vencedora», frisou.

Novo partido? Não.

A criação de um novo partido foi, no entanto, posta de parte por Zita Seabra que recusou igualmente a ideia de que o Instituto de Estudos Sociais, INES, (organismo que reúne «críticos») seja o embrião de uma nova formação partidária. «É um espaço de debate», explicou.

«Procurar um caminho de mudança profunda, sem

limites, aproveitando o património histórico da luta dos trabalhadores, à qual a social-democracia não tem dado resposta», é a via para o futuro do partido, preconizada por Zita Seabra que defende «um novo PCP com a mesma base social de apoio, e com valores como o desenvolvimento, os direitos sociais e a liberdade».

Questionada a propósito de ter utilizado as páginas dos jornais como veículo da sua contestação à direcção do partido, Zita Seabra afirmou que essa foi a única forma de o fazer eficazmente, pois quando o tentou no seu interior foi «sucessivamente demitida da Comissão Política e do Comité Central».

Regressar ao partido? É algo que só admite se este renovar, e se adoptar «um debate sem limites, uma nova visão do mundo e valores diferentes dos até agora defendidos».

A posição do partido

Foram as afirmações de Zita Seabra no artigo publicado no «DN» de 2 de Janeiro, que a colocaram, segundo a Comissão Central de Controlo e Quadros do partido, «numa posição que já nada tem a ver com o PCP e em luta aberta com ele» e que provocaram a expulsão.

Em comunicado difundido,

após a decisão, a Comissão afirma que esta foi desencadeada pelo facto de, no referido artigo, Zita Seabra defender a demissão em bloco da direcção do Partido, e sublinhar que a renovação do PCP passa pela mudança de nome, programa e objectivos.

Para a Comissão a expulsão de Zita Seabra é o corolário de «faltas graves da sua conduta partidária» que conduziram a «um caminho de confronto com o partido» e que a levaram à expulsão da Comissão Política e do Comité Central do PCP, há cerca de dois anos.

Vital Moreira:

«uma vítima expiatória»

A reacção de Vital Moreira à expulsão não se fez esperar. Para aquele militante comunista, «Zita Seabra tornou-se uma vítima expiatória do combate pela renovação do PCP».

«Todos os que estão envolvidos na luta pela renovação do partido, independentemente das diversas posições e opiniões, não podem deixar de estar solidários com ela», acrescentou. No seu entender, «com esta expulsão começa por excluir-se um dos mais destacados militantes críticos e procura-se atemorizar e inibir os demais militantes».

Cunhal traça perfil do sucessor

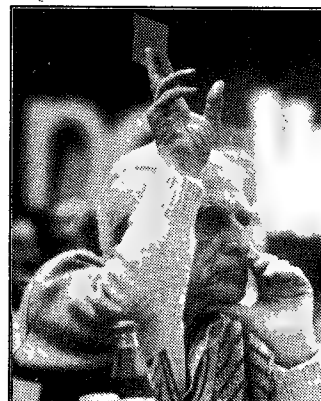
Álvaro Cunhal defende hoje, em entrevista ao «Avante!», que a sua substituição do cargo de secretário-geral do Partido Comunista Português deve ocorrer durante os trabalhos do congresso extraordinário do partido, a realizar no primeiro semestre deste ano.

Ao traçar o perfil ideal para o futuro secretário-geral do PCP, o líder comunista afirma que este deverá reunir nas suas qualidades «firmeza política e ideológica, respeito pela vontade do colectivo, confiança no partido e no povo, dedicação, prontidão para arrostar provas difíceis e duras». E acrescenta em síntese: «deverá ser «um revolucionário comunista».

Por outro lado, Álvaro Cunhal sublinha que não gostaria de se ser substituído por alguém com «ambição pessoal, desrespeito pelas decisões colectivas, auto-suficiência e carreirismo».

Na sua opinião, nenhum dos críticos poderá ocupar o seu lugar pois, o PCP não pode ser liderado por «alguém que ponha em causa tudo o que é essencial ao partido».

Abordando a questão dos «críticos» ou «fraccionistas», como prefere chamá-los, Cunhal defende a «aplicação



de medidas disciplinares».

Ao mesmo tempo considera que neste contexto, «tem havido muita tolerância. A razão fundamental tem sido procurar distinguir aqueles que, com plena consciência constituem grupos fraccionários e desenvolvem actividades fraccionárias, e camaradas que embora compartilhem de muitas das ideias fraccionistas, entretanto não aprovam a actividade fraccionária e alguns estão mesmo convencidos de que esta não existe como tal».

Para Álvaro Cunhal, o INES (Instituto de Estudos Sociais), «não pode ser considerado um grupo fraccionário», já que nele estão «democratas de várias tendências». Contudo, «a tornar-se uma organização para-partidária, deverá ser considerada a incompatibilidade entre a participação no INES e a qualidade de membro do partido», admite o líder comunista.

Maioria quer controlar Comunicação Social

A proposta de lei que visa regulamentar o funcionamento da Alta Autoridade para a Comunicação Social abre o caminho para fazer crescer a maioria de elementos afectos ao PSD e ao Governo de seis elementos já previstos para dez, no total dos treze que constituem este novo órgão criado pela última revisão constitucional.

O inesperado crescimento da Maioria em tal «órgão independente», como estipula o nº 2 do art. 39º da Constituição, criado para assegurar o direito à informação, a liberdade de Imprensa e a independência dos meios de Comunicação Social perante o poder político deve-se à fórmula adoptada para designar os quatro elementos que a Constituição deixava ao critério do legislador ordinário.

O Governo decidiu-se pela cooptação dos restantes nove membros designados, de acordo com o imperativo constitucional, pela Assembleia da República, Governo e Conselho Superior da Magistratura.

O método de Hondt aplicado à actual geografia parlamentar facultou ao PSD indicar três dos cinco representantes do Parlamento — e isto

se socialistas e comunistas se entenderem na indicação de nomes consensuais a sufragio — ficando a Oposição com os restantes dois. Acrescentem os três membros designados pelo Governo, o que dá seis para a actual Maioria. Como os quatro elementos «representativos, designadamente, da opinião pública, da Comunicação Social e da cultura» previstos na alínea d) do nº 2 do art. 39º, serão cooptados, a maioria governamental pode escolher mais quatro elementos que lhe sejam afectos.

Sobram neste caso extremo, tornado possível pela proposta do Governo, apenas dois representantes da Oposição e um magistrado designado pelo Conselho Superior da Magistratura e que se presume independente. Isto num órgão composto por treze elementos.

Cooptação: a chave do controlo absoluto

Tal cenário já tinha sido admitido por deputados alheios ao entendimento PS/PSD para a revisão constitucional. Mas resultou do conjunto da discussão no plenário da Assembleia da República, para além da garantia socialista de que não

havia razão para um cenário tão catastrofista, o entendimento de que o Governo poderia optar por vincular os quatro elementos sobran-tes da Alta Autoridade à representatividade directa dos interesses constitucionais protegidos. Por exemplo, indicar expressamente no texto da lei que esses quatro elementos seriam escolhidos pelos jornalistas, escritores, patronato da Comunicação Social ou trabalhadores do sector da cultura e dos audiovisuais.

A proposta de lei do Governo, que deu entrada na Assembleia da República no passado dia 28 e a que o DL teve ontem, mesmo, acesso, aponta para a cooptação e o resultado prático está à vista: um órgão independente, que deve velar pela independência dos órgãos de Comunicação Social e que vai, inclusive, emitir pareceres sobre licenciamento das estações privadas de televisão, potencialmente revestido de uma coloração política alar-anjadíssima.

O constitucionalista José Magalhães aponta, no seu Dicionário da Revisão Constitucional, o pormenor decisivo de a designação dos representantes da Assembleia na Alta Autoridade não exi-

gir maioria compromissória de dois terços, ao contrário do que acontecia com o Conselho de Comunicação Social. Daí a sua mais fácil proximidade do poder.

Magalhães ainda admitia a possibilidade de o critério do legislador ordinário para designar quatro elementos funcionar como factor correctivo. Vê-se, agora, que não funcionou, a menos que a proposta do Governo venha a sofrer alterações na Assembleia da República. E que, tal como escreve o deputado comunista no seu Dicionário da Revisão Constitucional, «a batalha pelo controlo da Alta Autoridade para a Comunicação Social assinalará, decisivamente, o panorama da comunicação social portuguesa nos anos 90».

Conselho de Imprensa também é extinto

Decorre directamente do texto constitucional, revisto na sessão legislativa passada, a substituição do Conselho de Comunicação Social pela Alta Autoridade que, inclusive, ficou dotada de poderes e competências mais vastos, nomeadamente por ter jurisdição sobre todos os órgãos de Comunicação Social e não apenas sobre os do sector

público.

Mas já não decorre directamente da Constituição, segundo vários comentadores que se pronunciaram sobre a matéria no quadro da revisão, a eliminação pura e simples do Conselho de Imprensa. Este, em princípio, continuaria a exercer funções específicas de fiscalização e garantia, por exemplo, da deontologia profissional.

Para vigiar a observância das regras deontológicas pelos jornais e os jornalistas, o Conselho é constituído, maioritariamente, por representantes da Comunicação Social, sejam jornalistas e directores de jornais, sejam outros trabalhadores do sector. Do ordenamento jurídico prestes a entrar em vigor resulta que as questões de deontologia passam directamente para o controle de uma larga maioria de políticos, quicá afectos à Maioria eleitoral.

Isto porque a proposta de lei do Governo varre, de uma assentada, o Conselho de Comunicação Social e o Conselho de Imprensa.

Mandatos de quatro anos

Os membros da Alta Autoridade para a Comunicação

Social são inamovíveis, segundo o texto da proposta do Governo, e o seu mandato é de quatro anos. Logo, ainda que o PSD venha a perder a maioria na Assembleia da República, em próximas eleições legislativas, o partido ganhador dessas eleições terá de conviver durante mais cerca de dois anos e meio com um organismo hostil e habilitado a tomar decisões fundamentais sobre o futuro tecido da Comunicação Social, nomeadamente da televisão e da rádio.

Obviamente que o atrás referido ao PSD e ao seu potencial controlo total da Alta Autoridade, vale para qualquer maioria política que venha a resultar de eleições gerais. Só assim se compreende, aliás, o facto de o Partido Socialista ter alinhado no compromisso de que resultou o artigo 39º da Constituição, um artigo totalmente novo no texto revisto. Mas essa hipótese só se colocará daqui por quatro anos e não antes.

Até lá, é mais do que provável estarem atribuídas todas as redes de televisão privada e definido, com carácter duradouro, o espectro radiofónico nacional.

Daniel Reis

INTERNACIONAL

Bush: julgamento imparcial para general Noriega

Do nosso correspondente em Washington

O general Manuel Noriega já se encontra em Miami, na Flórida, onde, nas próximas horas, será formalmente acusado, pelas autoridades norte-americanas, de vários crimes envolvendo o tráfico de drogas. O ex-ditador panamiano, derrubado na sequência da invasão americana, pôs fim a quinze dias de tensão e incerteza ao entregar-se, voluntariamente à força militar que montava cerco à Nunciatura Apostólica, na Cidade do Panamá. A sua chegada à base aérea de Homestead, nos arredores da cidade de Miami, um mar de gente era contido à distância por um forte dispositivo de segurança, reforçado logo que os primeiros populares acorreram ao local alertados, horas antes, acerca da sua chegada.

Foi o próprio presidente George Bush quem anunciou ao país a detenção de Noriega. Numa breve intervenção, feita na Sala de Imprensa da Casa Branca, cerca das 21.30 horas (2.20, em Lisboa) e transmitida em directo pela rádio e televisão, o chefe de Estado norte-americano

anunciou a detenção do general panamiano, sublinhando estarem cumpridos os quatro objectivos propostos para a «Operação Justa Causa»: salvaguardar as vidas de cidadãos americanos; ajudar a restaurar a democracia no Panamá; proteger o Canal do Panamá; e deter o general Manuel Noriega com o objectivo de o julgar nos EUA por várias acusações de envolvimento no tráfico de drogas.

O presidente George Bush garantiu que Noriega terá direito a um julgamento imparcial, mas fez questão em notar que a prisão do ex-ditador panamiano constitui «sinal claro» da sua determinação de perseguir e julgar os fora da lei que se dedicam ao tráfico de drogas, enviando-lhes a mensagem de que «não podem escapar à justiça».

Bush agradeceu com especial ênfase a colaboração do Vaticano na resolução deste caso, mas não especificou se houve qualquer acordo prévio entre Washington e a Santa Sé quanto à libertação de Noriega. No entanto, segundo o repórter permanente na Casa Branca da cadeia de televisão

«CNN», o Vaticano obteve dos Estados Unidos a garantia expressa de que o general não será submetido à pena capital, qualquer que seja o veredicto do tribunal.

Noriega: «vigoroso e confiante»

Segundo o relato do general Max Thurman, que é o responsável directo pelas forças americanas no terreno, Noriega entregou-se directamente à unidade que montava guarda à Nunciatura. Segundo o general americano admitiu, Manuel Noriega mostrou-se em boa forma, «vigoroso e confiante», sendo imediatamente transportado num helicóptero para a base aérea de Howard, onde chegou escassos minutos depois.

Após o desembarque, agentes da agência americana de combate ao tráfico de drogas (Drug Enforcement Agency) deram voz de prisão ao presidente deposto, embarcando-o a bordo de um avião «C-130» da Força Aérea, eram 21 horas e três minutos (2.03 da madrugada, em Lisboa). O presidente Bush, que havia sido informado da decisão de Noriega se entregar três



Os americanos iniciam o levantamento do cerco à Nunciatura no Panamá

horas antes desta se ter concretizado, só, então, tomou a decisão de comunicar oficialmente ao país a detenção de Noriega.

Em Washington, primeiras reacções à detenção do ex-ditador panamiano foram de visível satisfação. No entanto, a generalidade dos observadores concorda que se vai agora entrar na fase mais sensível deste processo. Muito embora o presidente George

Bush tenha já afirmado não estar preocupado com as possíveis implicações que este caso lhe possa acarretar, o que é facto é que, segundo se admite publicamente, as estreitas relações que Manuel Noriega manteve durante décadas com a CIA poderão criar embaraços a várias personalidades altamente colocadas na cena política americana. Admite-se, geramente, que o réu deste

processo já mostrou ser capaz de utilizar todos os meios ao seu alcance para vender caro a sua pele. Noriega, ao que tudo indica, prepara-se para se manter nas manchetes dos órgãos de Comunicação Social, numa dialéctica de «good guy» e «bad guy», versão americana do jogo do gato e do rato, que arrasta a curiosidade de milhões por esse mundo fora.

Fillipe Vieira

Panamianos festejaram rendição

Endara diz que crimes de Noriega "não podem ser esquecidos"

O novo Presidente do Panamá, Guillermo Endara, disse ontem que «esta é uma noite gloriosa», depois da rendição do general Manuel Antonio Noriega. «Devemos sentir-nos felizes. Deus abençoou-nos nestes últimos dias», disse Endara, de 53 anos, numa comunicação ao país, transmitida pela televisão.

O Presidente panamiano agradeceu ao nuncio apostólico do Panamá, Sebastian Laboa, por «ter dado asilo a Noriega apenas o tempo necessário e conseguido que (Noriega) se entregasse directamente».

Por seu turno, o vice-Presidente, Guillermo Ford, assegurou que Noriega se entregou «sem condições» e disse que «os crimes de lesa-pátria que (o general) cometeu contra este país jamais poderão ser esquecidos».

Enquanto isto, milhares de pessoas festejavam a noite passada, na Cidade do Panamá, a rendição de Noriega.

Em toda a cidade soaram apitos e gritos de alegria e centenas de carros percorreram as ruas do centro da

capital, fazendo soar as buzinas dom estridência.

Ignorando o recolher obrigatório em vigor, os habitantes da cidade atiraram chapéus ao ar, fizeram soar tambores de panelas nas janelas e lançaram fogo de artifício, assim que foi conhecida a notícia da entrega do ex-general. As pessoas interpelavam jornalistas nas ruas e perguntavam: «É verdade? Foi-se realmente embora?».

Centenas de militares norte-americanos que patrulhavam a rua principal da cidade viram-se abraçados por populares que empunhavam bandeiras do Panamá e dos Estados Unidos.

Depois da rendição de Noriega, o Presidente norte-americano, George Bush, disse que estavam cumpridos todos os objectivos que levaram à intervenção dos EUA de há duas semanas no Panamá.

O Presidente norte-americano agradeceu ao Vaticano e ao nuncio apostólico do Panamá a forma como conduziram as negociações sobre o futuro de Noriega e prometeu que o ex-general terá «um julgamento justo».

Noriega é acusado pelo grande júri de Miami de delitos abrangidos na lei das organizações de contrabando e corrupção, que abarca a preparação, importação e distribuição de droga inter-Estados, ajuda a actividades de contrabando e associação ilícita, num total de 12 acusações.

Essas acusações ligam Noriega aos principais dirigentes da associação de narcotraficantes colombiana, conhecida como «cartel de Medellín».

Segundo a acusação, Noriega protegeu as remessas de cocaína que voaram de Medellín, através do Panamá, até aos Estados Unidos.

Recuperação económica

Bush prometeu também apoiar a reconstrução do Panamá e prestar toda a assistência para que a normalidade regresse ao país.

De referir que, horas antes da rendição de Noriega, o subsecretário norte-americano de Estado, Lawrence Eagleburger, reuniu-se ontem com o Presidente Endara, para estudar um programa de

recuperação económica do Panamá.

A reunião efectuou-se no palácio presidencial, fortemente guardado por soldados do Exército norte-americano e membros da guarda panamiana, estes últimos desarmados. Endara qualificou a reunião de «excelente» e disse que nela tinham sido tratadas «quase exclusivamente» questões relativas à recuperação económica do Panamá.

Na reunião participaram também o subsecretário de Estado para os Assuntos Latino-Americanos, Bernard Aronson, secretário do Tesouro em funções, John Robson, além do administrador em funções da agência norte-americana para a ajuda externas (USAID), Mark Edelman.

Entre a delegação panamiana estavam, além do Presidente Endara, os dois vice-Presidentes, Ricardo Arias Calderon e Guillermo Ford, este último responsável pela pasta da Planificação e Política Económica.

Redacção DL/Lusa/Reuter

Chefes de Estado africanos reúnem-se em Luanda

O «Comité dos oito» chefes de Estado africanos sobre a paz em Angola vão reunir-se no próximo dia 10, em Luanda, para discutirem as recentes propostas de cessar-fogo apresentadas pelo Presidente José Eduardo dos Santos ao seu homólogo zairense, Mobutu Sesse Seko, medianeiro no conflito.

A cimeira, em que vão estar presentes os Presidentes de Angola, Zaire, Gabão, Moçambique, Zimbabwe, Congo, Zâmbia e São Tomé e Príncipe, estava prevista para o passado dia 21 de Dezembro. Mas as discordâncias manifestadas pelo Governo de Angola quanto à anterior proposta zairense de cessar-fogo entre as forças do MPLA e da UNITA, fez com que a cimeira fosse adiada.

Segundo o Governo angolano, a rejeição por parte de Luanda da plataforma apresentada pelo Presidente Mobutu Sesse Seko deu-se porque a «sua base política omitia os princípios mais importantes acordados em Gbadolite».

Num discurso, durante o passado fim-de-semana, em que expunha os principais pontos da sua proposta de cessar-fogo, José Eduardo dos Santos afirmou que o desacordo de Luanda residia na inadequação do mecanismo sugerido para controlo do cessar-fogo. Segundo ainda o chefe de Estado angolano, a proposta avançada por Mobutu Sesse Seko serviria para «uma guerra de tipo convencional mas não para uma guerra de guerrilha» como a que caracteriza o conflito em Angola. Observadores em Luanda ficaram surpreendidos com a amplitude da nova proposta do Governo aos rebeldes da UNITA, que preconiza uma abertura democrática do regime, sem precedentes no país.

No entanto, durante o seu discurso do passado fim-de-semana, Eduardo dos Santos foi bem claro ao definir os limites da democratização preconizada pelo Governo. Segundo aquele chefe de Estado, tal reajustamento «não implica o abandono da nossa opção pelo socialismo, nem o abdicar da fórmula do partido único em Angola».

Nestes moldes, e caso a posição Governo de Angola se mantenha, é com algum cepticismo que se poderá conceber que a UNITA venha a aceitar a proposta de Eduardo dos Santos, tanto mais que Jonas Savimbi tem recusado qualquer integração do seu movimento no seio das estruturas do MPLA.

Redacção DL/Lusa

INTERNACIONAL

Roménia em busca do futuro

Ultrapassada a fase do terror e alcançada a liberdade, os romenos interrogam-se sobre os caminhos a trilhar

Da nossa enviada especial

Na Roménia o terror já está morto e enterrado. Agora, enquanto o novo Governo promulga as leis e os direitos da «Democratie», um punhado de dúvidas e apreensões começa a inquietar os espíritos. O número exacto de mortos nos confrontos das últimas semanas, o futuro papel do poderio militar, submetido ao novo Executivo e o passado dos membros da Frente de Salvação Nacional - que governará o país até às eleições de Abril - são algumas delas. A URSS, entretanto, está prestes a deitar a cabeça de fora.

Nos meios mais próximos do Governo espera-se, com certa ansiedade, a visita do ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Shevardnaze, anunciada ontem aos jornalistas, alguns dos quais resolveram adiar o regresso.

Mas o assunto do dia foi a confrangedora decepção de uma conferência de Imprensa, dada por Vasili Ionel, chefe do Exército e primeiro adjunto do ministro da Defesa.

Estão ou não detidos os terroristas da Securitate? Quantos são eles? Quem matou, de facto, os manifestantes de Timisoara? Onde estão os membros do Comité Central do Partido Comunista? Quantos soldados do exército regular morreram ao todo? Porque é que, apesar da abolição da pena de morte anunciada pelo Presidente Iliescu, o Exército tem ordens para abater os elementos da Securitate que ainda não se renderam? E, afinal, morreram mesmo 60 mil pessoas nos últimos quinze dias?

Silêncio incita jornalistas

O silêncio do velho general não aplacou em nada a intensidade deste bombardeamento das centenas de jornalistas, ontem à tarde comprimidos numa sala do Hotel Intercontinental, no centro de Bucareste. Uma conferência de Imprensa em que a insistente negação, a resposta camuflada com declarações fugidias, só serviram para aumentar um pouco mais a confusão reinante.

O general Ionel, instigado pela avidez inquisitória da sua plateia, referiu-se confusamente ao número de mortos nos últimos confrontos, publicamente anunciado pelo Governo a que pertence.

Chegou a apontar que as 60 mil pessoas abatidas pelas tropas de Ceausescu se referiam aos 24 anos da ditadura, e não às duas últimas semanas.

Timisoara foi outro tópico a gerar ambiguidades. O general não soube discriminar se, por ocasião dos massacres, de 15 a 18 de Dezembro, todos os militares carregaram sobre os manifestantes ou se alguns se recusaram a fazê-lo.

Acerca do número de soldados e oficiais mortos em todos os confrontos, Vasili Ionel, apontou 196 mortos e 450 feridos.

O general confirmou ainda o descontentamento de uma facção significativa do Exército com a gestão megalómana de Ceausescu, mas recusou-se a admitir a existência de uma oposição organizada da classe militar em torno de uma Frente de Salvação Nacional.

A questão da existência prévia de uma oposição ao regime ditatorial, tem ultimamente contribuído para avolumar as especulações. Para alguns, que classificam o derrube de Ceausescu como um golpe de Estado e não como uma revolução, a confirmação da hipótese invalidaria em grande medida as espontaneidade das manifestações populares ocorridas ao fim de 24 anos de obscurantismo. Outra possibilidade com repercussões delicadas na Roménia refere-se ao aproveitamento por parte da potencialmente organizada Frente de Salvação Nacional das manifestações para, subitamente, surgir como alternativa única de um novo aparelho de Estado.

Achas na fogueira

Jornalistas franceses tentaram pôr achas na fogueira. Numa entrevista que Pietre Roman, o primeiro-ministro da Roménia, concedeu à cadeia francesa de televisão «Channel 3» com um estúdio instalado no edifício da TV romena, parcialmente destruído, o jornalista tentou abrir uma «caixinha de surpresas». Após a veemente negação do chefe do Executivo romeno, quanto à prévia formação da Frente de Salvação Nacional antes dos episódios de Timisoara, o repórter projecta um vídeo classificado por ele como «prova» irrefutável de que tudo estava preparado para derrubar o ditador Ceausescu. Nessas imagens, alegada-

mente obtidas por um repórter amador jugoslavo, a 22 de Dezembro - data da tentativa de fuga e da detenção de Ceausescu - podiam ver-se, par a par, elementos «revolucionários» e membros da Securitate, entre os quais o próprio chefe da brigada antiterrorista.

Pietre Roman provou, carresianamente, que a suges-

tão lançada pelo repórter, não poderia nunca ser fundamentada naquelas imagens, recolhidas na sede do Comité Central do Partido Comunista, uma vez que não havia sinais da hora exacta em que elas foram colhidas. Ceausescu foi capturado, disse Roman, exactamente às 14 e 30 horas do dia 22. Por outro lado, o facto de se verem

na mesma sala elementos do Comité Central do PC, da Securitate e revolucionários, explica-se. É que estes - CC e polícia secreta - encontravam-se ainda naquelas instalações no dia 22.

A precipitação inoportuna da equipa do «Channel 3» veio provavelmente deitar por terra uma hipótese bastante plausível. Uma observação

mais atenta dos acontecimentos dos últimos três anos na Roménia, dá pistas para a sua confirmação. Mas, numa altura destas, os romenos não estão de modo nenhum interessados em esmiuçar pormenores deste tipo, dado o contexto embriagante da sua «libertate».

Marina Tadeu

TROQUE O SEU SONHO POR UM SONHO MAIOR

Troque o carro novo que queria... pelo carro com que sempre sonhou. E a casinha dos seus sonhos, por uma casa de sonho. É que o TOTOBOLA e o TOTOLOTO, apenas por mais cinco escudos, vão dar prémios maiores já na 1.ª Semana de 90! Troque os bilhetes antigos pelos bilhetes novos. E aposte forte! Por apenas pouco mais pode ganhar muito mais! E quanto mais apostar mais pode ganhar. É Ano Novo. Sonho Novo. Novos Prémios. Prémios de Sonho.

totobola
totoloto
NESTES VALE A PENA JOGAR.

JÁ EM 90 NOVOS PREÇOS
MELHORES PRÉMIOS

Fim da guerra fria

A Europa - que futuro? (1)

Escrevo com dificuldade porque a saúde me diz que não. Escrevo directamente à máquina, sem o intermédio da caneta que me ajuda a pensar e às vezes pensa por mim. Mas é urgente intervir numa problemática a generalizar-se com o furacão que devastou o leste europeu. O comunismo era um referencial não só para a esquerda mundial, mas até mesmo, de certo modo, para o que não era essa esquerda e à qual servia de alvo preferencial – e que, afastado desse alvo, ficou de espingarda no ar sem saber para onde dar tiros. Acima de tudo, porém, o comunismo fôra um espantoso sucedâneo de tudo quanto orientara a vida, nomeadamente a religião. De um modo geral esquece-se que só o comunismo se arrogou a possibilidade de dar uma resposta praticamente a todas as solicitações humanas. Assim ele propôs-se responder a uma solicitação económica – que era o fundamento de todas as outras – a uma solicitação social, ética,

cultural – e aí, à do pensar, ou seja à filosófica, e à estética, entre nós concretizada no falado neo-realismo, e finalmente à solicitação religiosa, com o seu Absoluto ou o su Deus no Partido, a sua hierarquia eclesiástica, desde o secretário-geral aos fiéis militantes, e ainda, bem evidenciadamente, com o seu secretismo. Garantido com a Ciência desde quando a Ciência tinha o dom da infalibilidade, em comunismo uma vastíssima área de influência e poder. e isto era de tal forma evidente e funcional, que ao levantar-se

comunista para ter a palavra, à sua volta só havia réus para ouvirem e calarem. Assim é que incrivelmente ainda há poucos dias, e depois que o Leste já rebentava por todo o lado, houve entre nós um intelectual comunista que a um outro intelectual, vindo do salazarismo (mas a quem os serviços comunistas pouparam sempre quanto intervinha na TV) falou na «mordaga» fascista, não res-

tando ao outro senão levantar-se e sair em silenciosos protestos. Fantástico, não é verdade? Porque o que o ex-salazarista teria a dizer era apenas que não era o comunista que tinha ali autoridade para falar em «mordagas», uma vez que seria esse o método prático que ele iria aplicar, se a má sorte o tivesse guindado ao Poder. Aliás, não foi preciso ascender ao galarim para praticar eficazmente a sua técnica censória. É necessário que alguém faça um dia a história dessa outra censura, paralela à fascista, e que era a censura comunista. É necessário saber-se como se manobrava a opinião pública a partir de todos os centros de decisão para um público parecer, desde as Redacções dos jornais em que funcionavam os «nossos», até às Redacções das revistas, às editoras, às apreciações do que se passava na TV, ao passe-palavra das livrarias e cafés. É urgente historiar-se o que se passou após o 25 de Abril para se avaliar do que aconte-



Solidariedade e Partido Comunista polaco: uma dialéctica que esgotou o partido de

tecera se o comunismo se entronizasse.

Mas em face do descalabro geral, o mundo inteiro parece só agora despertar o futuro na nossa Europa laica com a sua reciclagem do passado, frente à América e à religião armada dos outros povos (que não são laicos)? – pergunta Eduardo Lourenço. Estaremos condenados a um futuro de pasmaceira e chatice (boredom) com o fim da arte, da guerra e da História, na subsequência do fim das ideologias? – pergunta Francis Fukuyama num ensaio (*O Fim da História?*) que está incendiando a curiosidade intelectual em tudo isto é que só agora se generalize o espanto com tudo isto.

O problema do fim da história já de há muito vem sendo posto e mais racionadamente desde Hegel e Marx. E o mesmo poderemos dizer, mas mais recentemente, do futuro da Europa. Ser-me-á permitido referir que eu próprio o tenho posto – com a normalidade do entender mais a firmeza do olhar aberto e da honestidade descomprometida? Há 25 anos publiquei um romance chamado *Alegria Breve*, possivelmente ainda recordado por alguns leitores. E nesse livro eu punha genericamente toda a problemática que agora se põe. A ideia do «último homem» de uma civilização repercutia em mim, naturalmente, o eco de um problema visionado por outros. Assim eu pensei inscrever-lhe como epígrafe várias frases que recolhera desde... Isaías (53,2-3), Nietzsche (prólogo do *Zarathustra*), de Blanchot (*Le dernier*

homme, p.14), além de Sófocles (*Antígona*, 332/3), que foi a única que ficou. Naturalmente um problema civilizacional punha-se (põe-se) para mim em termos europeus. Porque a Europa era (é!) ainda a capital do mundo. Compreendo assim a reflexão de E. Lourenço quando nos revoca ao passado europeu, que é o transmissor implacável da nossa cultura aos outros povos. E, o seu próprio laicismo só na aparência é um possível vencido da maré religiosa alheia. Porque não é fácil conceber um intelectual islâmico ou mesmo budista conhecedor da cultura europeia, que lhe não sofra o seu poder mortífero. A religião, no nosso tempo, é uma arma eficaz a curto prazo – o prazo em que se desvanece o seu verdadeiro motor de revindicta e ressaca, que é o nacionalismo. Será facilmente imaginável um intelectual chinês que se reencontre no budismo – para lá do que aí é fundamental uma «moral» – depois de repassado pelo *made in Europe*, ainda que para o repudiar? E quantos Rushdie estarão em «fila de espera» para avançarem? E como não entender que o catolicismo polaco foi sobretudo o eixo ordenador do anticomunismo generalizado? que nessa ordem de ideias não foi naturalmente por acaso que a Igreja escolheu um Papa no Leste, depois de o ter sido em Itália por vários séculos? O laicismo só é uma peste da Europa porque é a peste do homem culturalmente evoluído e que se deu o caso de estar sediado nessa Europa. De certo a religião é uma saudade inve-

ncível e é assim soberanamente significativo – o que os jornais talvez não tenham sublinhado – que Gorbachev, no encontro com o Papa ou a propósito disso (já me não recordo bem) tivesse falado em «espírito» (espírito!) e admitisse a importância da religião como um grande adjuvante do homem (a religião!). Poderei confessar que a sua referência ao espírito me levou a pensar irresistivelmente no ar suave... da mulher dele, Raisa? A História faz-se onde não imaginamos. Mas isto para não mencionar, noutro domínio, a sua questionação (já!) de Marx e a obliqua valorização da social-democracia...

Alegria Breve é o romance do fim de uma cultura/civilização. E do vazio de uma «liberdade abstracta» (como, aliás, do comunismo em geral) falei em muitos textos como p.ex. em *Conta-Corrente I*, pp.271/4 (1 de Set.º de 75). Em tais textos eu pude assim falar do que hoje todos julgamos significativo pelo que explosivamente se nos mete pelos olhos dentro. E é, pois, um pouco curto admitir-se que só uma certa literatura dá a «imagem» do nosso ser português – a que dá apenas o que é visível segundo a óptica do séc. XIX. Mas a verdadeira imagem está depois da miopia...

O meu livro pensa o esgotamento das ideologias ou dos «valores» e tenta entender-se com o enfrentamento do subsequente vazio. Como consequência da morte das ideologias, tal como agora Fukuyama, admite-se aí o fim das guerras. Um romance não «demonstra» nada e apenas problematiza. E é do saldo



Quantos Rushdie estarão em «fila de espera» para avançarem?

ou fim da História?

Ou muito me engano...

... / Demonstraré já duvidar. Deus começou a morrer quando lhe demonstraram a existência / ... / a sua última forma era a guerra civil, ou seja, ideológica. Mas já não há ideologia que se agüente. / ... / Haverá sempre crimes, de certo. Mas um crime organizado, mesmo em pequena escala, precisava já de uma 'ideologia'. Em grande escala precisava já de uma 'ideologia' superior. Como defendê-la? Justificá-la?» (Cap.º XXVI). Mas já em **Apelo da Noite** se dizia que só uma «ideia» podia dar ao gatilho.

Que penso eu, autor do livro? Que além das armas radicais e de efeito boomerang, sempre possíveis a um descuido ou a uma tara, como penso que a consciência da guerra como problemática objectivável, diminui-lhe ou anula-lhe o absoluto interiorizado da sua indiscutibilidade. E tudo isso, não por efeito de um raciocínio, mas por efeito de uma evidência de que as razões são o que se varre da sua pureza, dificulta a viabilidade de uma guerra universal. Freud diz que não. Mas para ele ter razão há as lutas circunstanciais dos arbalades da outra. Mas será possível que estas mesmas se desvançam? Kant dá, como na sua Moral, uma racionalização formal na sua **Paz Perpétua** que funciona a nível de homens ideais de homens ideais, ou seja quando já não é necessária. Mas a paz perpétua tem de começar antes quando a sua evidência nos queima como a crença aos crentes.

Vergílio Ferrelra
(conclui amanhã)

A discussão levantada pelo artigo de Fukuyama deve-se muito mais ao contexto histórico da sua publicação do que a qualquer originalidade real do seu conteúdo. Nem as verdades nem os erros são originais, embora, à primeira vista o autor pareça ter razão.

E talvez os portugueses, mais do que outros neste fim de século, tenham compreendido o valor das liberdades públicas e da democracia política. Foi com este sentimento que, ao discursar na Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, em 22 de Setembro de 1976, disse «Estamos aqui, no Conselho da Europa, para afirmar a toda a Europa democrática representada: vale a pena travar o bom combate. A liberdade, tal como nós a concebemos, é incontestevelmente a grande ideia generosa que conduz a humanidade na rota da perfeição.»

De facto, não fora a queda das ditaduras na Europa Ocidental na década de setenta (e eram três: grega, portuguesa e espanhola) e talvez essa capacidade de atracção dos regimes democráticos pluralistas não tivesse seduzido a maior parte dos países do Leste na década de oitenta.

Verdade se diga que tudo principiou na Polónia com a dialéctica entre o Sindicato Solidariedade e o Partido Operário Unificado, quando as Forças Armadas tiveram de socorrer o regime, oficializando a falência do partido de tipo leninista. A partir, daí o diálogo entre as Forças Armadas e a Igreja Católica fez o resto, economizando assim à União Soviética intervenções e apoios. Será isto uma vitória do liberalismo, como pretende Francis Fukuyama? Continuo com as maiores dúvidas até porque ainda se não sabe como se agüentará o actual Governo polaco perante os «ciclónicos trabalhos» que terá de enfrentar.

No fundo, Fukuyama dialoga com Hannah Arendt ao concluir que o modelo das democracias populares faliu e que

os Estados do Leste europeu estão em vias de liberalização e de rendição ao modelo ocidental.

Quem se não recorda da analogia entre os regimes nazi e comunista, feita através do conceito de «totalitarismo» que tinha por impossível, nesses regimes, a transição para sociedades pluralistas? E quantos não se arrimaram a esse respaldo ideológico para distinguirem os regimes totalitários dos regimes autoritários à Salazar ou à Franco, a fim de tolerarem estes?

Em todo este processo que sacode os países do Leste europeu, e a própria União Soviética, poucos são os que referem esse dado tão óbvio de serem esses próprios regimes a reformarem-se, contrariando as teses apocalípticas da libertação pelo exterior. Ou, numa versão mais complexa, são esses Estados, através da pressão popular, a desembracarem-se dos regimes monolíticos e colectivistas.

Será isso o fim da História?

Creio bem que não.

Em primeiro lugar, mesmo atendendo ao actual ponto de fixação geográfico, a evolução desses regimes não será uniforme para toda a Europa de Leste e para a própria URSS. E, depois, basta consultar o último número da revista «Mondoperai», de Novembro deste ano, próxima do Partido Socialista Italiano, para se verificarem as manchas geográficas de autoritarismo, terrorismo, esmagamento das liberdades individuais que subsistem no mundo actual. A evolução geral para sociedades pluralistas onde os direitos humanos sejam respeitados ainda está muito atrasada.

Em segundo lugar, a evolução nos países do Leste não será linear. Já em Maio de 1982 numa conferência proferida no Curso de Relações Internacionais da Universidade do Minho, havia chamado a atenção para esse aspecto da questão: «Para uma melhor compreensão do futuro da evolução dos países da Eu-

ropa Central e Oriental afaste-se desde já a imagem de que todos esses países tivessem sido objecto do mesmo tipo de solução política internacional depois da II Guerra Mundial: assim, três países invadidos por tropas russas não se tornaram membros do Pacto de Varsóvia: Finlândia, Áustria e Jugoslávia. A Albânia afastou-se da órbita soviética. E os acontecimentos ocorridos na Checoslováquia entre 1947 e 1949 caracterizaram-se por uma forte indeterminação até ao golpe de Praga.»

E previa:

«A década de 80 poderá assistir à multiplicação de fenómenos de liberalização nos regimes de democracia popular e é de calcular que a União Soviética tenha de enfrentar... a adopção de novas formas de entendimento do que são os seus interesses vitais nos países do Pacto de Varsóvia.»

É certo que o autor do artigo refere-se sobretudo à liberalização económica e à vitória das leis do mercado sobre o voluntarismo da economia planificada e colectivizada. Essa constatação geral chega atrasada dez anos a Portugal, mas não pode ser tomada à letra, se entendida como entrega à mão invisível de Adam Smith nem nos próprios Estados Unidos, onde vigoram medidas anti-trust e outros regulamentos, que, sem porem em causa, minimamente, o princípio da livre iniciativa tornam mais visível a mãozinha dos poderes públicos. E, depois, para quem tenha umas noções de história económica não será surpresa o facto de, a qualquer momento, a carestia de bens ou a carestia do emprego, mesmo circunstancial, poder levar de novo o Estado e os economistas ao altar dos mitos intervencionistas. Os «new-dealers» são especificamente norte-americanos...

Por mim, que acho essas matérias económicas dignas do maior selectivismo e historicismo se comparadas com a exaltação dos sentimentos humanos e com a aspiração à liberdade, retenho a alegria do senhor Fukuyama, a espriar-se pelo oceano Pacífico... onde os liberalismos económicos norte-americanos e japoneses têm encontro marcado pela História.

Será que mais vale uma hora de ilusão triunfal do que uma vida de refratamento relativista?

E nesta matéria de «sentidos da História», valerá a pena recordar Merleau-Ponty, quando constata:

«Há na História um malefício qualquer: ela solicita os homens, tentos, eles julgam caminhar no seu sentido; e, de súbito, ela esquiva-se, o acontecimento muda para provar, na prática, que uma outra via era possível.»

A pretensão do «socialismo científico» revelou-se bem mais frágil do que as aspirações desencadeadas pelos «socialistas utópicos». A derrota clara do marxismo-leninismo não é obrigatoriamente a vitória dos egoísmos e do modelo manchesteriano de desenvolvimento. Ou muito me engano ou ainda veremos muitos homens de direita a lamentar a queda do muro de Berlim.

José Medeiros Ferreira

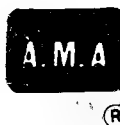


partido de tipo leninista

final que o leitor poderá supor o que o autor subcreve. A uma pergunta de alguém, a personagem do Inglês considera: «Porquê ainda uma guerra? / ... / Well: conflito de personalidades, de religiões, de ideologias políticas, de classes - tudo se esgotara, nada tinha já razão / ... / havia uma ciência nova, a **Polemologia** / ... / A guerra fôra sempre uma evidência, um fenómeno natural / ... / agora a guerra estudava-se / ... / Mas discutir é destruir /



O Muro de Berlim derrubado: a direita ainda pode vir a ter saudades dele



Auto Monumental do Arquivo



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

Negócio com Finlândia em risco de ir ao fundo

Solisnor herda da Setenave resolução de contrato de 2,65 milhões de contos. Estado pode ter de pagar um milhão de subsídios

A Solisnor, empresa formada pela Sponata, Lisnave e a Barber International, da Noruega, concessionária plena desde ontem dos estaleiros da Setenave, enfrenta já uma negociação difícil. Um processo que se arrasta há semanas, com os estaleiros finlandeses Hollming interessados na construção de um casco para navio e de duas barcas para carvão, contrato no valor de 30 milhões de marcos (cerca de 2,65 milhões de contos).

Questão até aqui pendente de uma «carta de conforto», onde o Estado assumiria o compromisso de apoiar o estaleiro, a par do subsídio de 100 mil contos para a produção de cada barco. Para além disso está previsto, no contrato recentemente formado entre o Governo e a Solisnor que, caso esta não tenha trabalho assegurado para as cerca de seis centenas de operários, com a consequente e previsível inoperatividade de 600 mil horas, o Estado pagará algo como um milhão de contos de subsídio.

Segundo disse ao «DL» uma fonte do Ministério da Indústria e Energia, o secretário de Estado teria con-

siderado não ser admissível passar a referida «carta de conforto», já que a Setenave iria ser gerida por um grupo privado. A Solisnor considerava-se, por seu lado, com capacidades de angariar novos contratos, mas, segundo o seu presidente, Nunes Correia, «está previsto o pagamento de um milhão de contos caso os estaleiros fiquem parados».

Os estaleiros finlandeses têm sido um dos clientes com um volume de encomendas com peso na existência da Setenave.

A sua insistência mantém-se, mas, ainda segundo Nunes Correia, ter-se-iam desinteressado deste último contrato, face aos novos preços. «Se pagarem o que deve ser pago, o contrato avança, até porque a Solisnor tem capacidade de passar a 'carta de conforto', o que até nem é o mais importante», são ainda palavras do presidente da empresa.

Gerir o futuro

A Solisnor, empresa privada que explora os estaleiros da Setenave por um período de sete anos, depois do Estado ter absorvido o passivo de cerca de 100 milhões de

contos, garante que irá lançar-se na actividade de forma a justificar o interesse que tem pela actividade.

A encomenda finlandesa daria, segundo uma fonte do «DL», para assegurar trabalho durante largos meses o que, somado a outros contratos possíveis, daria ocupação aos operários que, assim, correm o risco de ficar parados.

É opinião, em certos sectores, que o estaleiro vai ficar mesmo parado durante um ano, caso se perca o negócio com a Hollming.

«Pode dizer-se que esta encomenda daria prejuízo contabilístico, mas custará muito mais reactivar o estaleiro depois de estar parado durante tantos meses», disse ainda uma fonte da Setenave ao «DL».

Novas perspectivas

As negociações com os finlandeses têm interesse, disse Nunes Correia. Mas não é a única solução, pois outras estão em curso.

A alternativa provável passa pela construção de quatro navios. Disse Nunes Correia que está quase resolvida a negociação para a construção de um barco para a Sacor Marítima.

Mas nem tudo é tão linear. Disse ainda Nunes Correia que estas questões se arrastam durante meses, para negociação de equipamentos, financiamentos e até para a compra do aço, que dura quatro a cinco meses.

O facto da Setenave não ter crédito não lhe permitiu, até à concessão da exploração, obter financiamentos e apoios bancários. Daí a referida «carta de conforto». Hoje e de forma algo estranha, os estaleiros alemães MPC reapareceram como clientes da Solisnor. «É só uma questão de preços e garantias», disse o presidente da empresa.

O facto chama a atenção devido a ter a MPC sido um dos primeiros negociadores interessados na exploração da Setenave, a qual esteve perto de conseguir, em consórcio com a Lisnave.

Como dados finais: o Estado deverá continuar a ter prejuízos, pois que, mesmo que não responda pela Solisnor, não cobrará as percentagens usuais, se não forem construídos navios. E, mesmo que sejam construídos, por força contratual, o Estado poderá ter de continuar a subsidiar essas empreitadas.

COMENTÁRIO

E a vida continua...

A não concretização das negociações com os estaleiros finlandeses podem significar, para cerca de 600 famílias, o regresso a um clima de instabilidade social que, a pouco e pouco, estava a abranda na região de Setúbal. Estaleiros em situação de inoperatividade, um ano à espera de melhores dias, o futuro dirá como a vida vai continuar.

Panorama imediato, a crise do costume. Centenas de homens válidos à espera, esperando por esperar também. A conversa pelas oficinas, os jogos de cartas, as dúvidas quanto ao futuro, as dívidas do dia a dia. Situação crítica? Por certo, mas não inultrapassável.

A Setenave, como outras empresas nacionais, parece ter uma imagem pior, em Portugal, que no estrangeiro. A persistência dos finlandeses pode ser significativa. As culpas primeiras cabem, por certo, às consecutivas e, quase diríamos, conseqüentes, más gestões que, ao longo de anos (demais) têm desmobilizado o pessoal da, até há dias, Setenave.

Mas culpar, só e exclusivamente, as gestões e gestores não é suficiente. Há que olhar desapassionadamente os erros cometidos por algumas comissões de trabalhadores e por certos operários para quem o Estado se tornou a fonte permanente e obrigatória de abastecimento de ordenado.

Pese embora o direito real de receber a justa paga pelo que se produz, há que considerar que não produzir e receber acaba por pesar no bolso de todos nós.

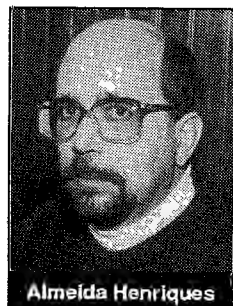
São os trabalhadores culpados? Talvez, pela passividade, pela falta de interesse, pela ausência de empenhamento. É certo que seremos todos nós a pagar os 100 milhões de contos de passivo assumido pelo Estado. É verdade que provavelmente seremos todos nós a pagar o milhão de contos destinados a cobrir a possível inoperatividade de 600 mil horas.

Mas se, por motivos vários, a que lutas políticas não são alheias, a consciência dos trabalhadores da Setenave não será a que se esperaria, o responsável máximo da situação vigente é o Poder instituído. Não este Governo, não um ministro ou secretário de Estado em particular, mas todo um sistema que, lenta e deliberadamente, levou a que se chegasse a esta situação.

O exemplo que nos vem de Viana do Castelo, dos seus estaleiros e dos trabalhadores destes pode e deve ser aplicado noutras empresas. Há que produzir para avançar. Há que rendibilizar recursos humanos e materiais para ganhar o futuro. Que será destas centenas de operários, dentro de um ano, se os estaleiros estiverem inactivos? Qual a posição que a nova empresa que explora o estaleiro irá assumir? Quais os custos que todos nós, «voluntariamente à força de lei», iremos pagar?

A desejada plena capacidade competitiva do estaleiro, desejada pelo ministro da tutela, parece estar muito além da realidade. E ficam muitas dúvidas a pairar, talvez a maior das quais seja se, de facto, a solução encontrada com a concessão de exploração da Setenave sirva para estabilizar os postos de trabalho.

Ou será que o objectivo tenha sido assustar, desmobilizar e afastar muitos trabalhadores para, com novos recursos e recursos a novas pessoas, avançar com contratos que já deveriam ter sido firmados quando os rendimentos da Setenave poderiam reverter por completo para o Erário Público?



Almeida Henriques

COTACÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS125^{mos}

(Por Unidade)

COTACÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49\$90	55\$90
ALEMANHA FED. (marco)	87\$15	88\$35
AUSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	39\$90	45\$20
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	128\$90	131\$40
(notas de 5 a 1000)	129\$40	131\$90
DINAMARCA (coroa)	22\$40	22\$80
ESPAÑA (peseta)	1\$315	1\$435
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	149\$85	153\$35
(notas de 5 a 1000)	150\$35	153\$85
FINLÂNDIA (marka)	36\$60	37\$20
FRANÇA (franco)	25\$50	26\$20
HOLANDA (florim)	77\$10	78\$20
IRLANDA (libra)	230\$60	234\$60
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (iene)	\$985	\$1040
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	242\$00	246\$50
SUÉCIA (coroa)	23\$90	24\$40
SUÍÇA (franco)	94\$90	96\$40
VENEZUELA (bolívar)	3\$327	4\$127

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotacões devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Crescimento económico com boas perspectivas

Há perspectivas favoráveis para 1990 em termos de crescimento económico, afirma a Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco (SAER), embora apontando para uma deterioração da balança de transacções correntes e para uma manutenção do ritmo da inflação.

A SAER, que é dirigida por Ernâni Lopes, ex-ministro das Finanças do Governo do "Bloco Central", prevê que este ano se deverá verificar uma deterioração da balança de transacções correntes na ordem dos 500 milhões de dólares.

Quanto à inflação, estima que, mais do que uma desaceleração deverá verificar-se uma contenção, o que provavelmente originará a manutenção, talvez mesmo uma subida, das taxas de juro.

Um milhão é pouco pelas Águas Alardo

«As Águas do Alardo vão associar-se numa joint venture com empresas estrangeiras do sector», disse ao DL o empresário Horácio Lobato, adiantando que as negociações «ainda decorrem».

Horácio Lobato não confirmou a venda daquelas águas minerais por um milhão de contos, sublinhando que só o equipamento vale essa quantia. «Um milhão é pouco», afirmou.

Sublinhou, por outro lado, que as «Águas Alardo» são as que têm maior caudal no país, possuem uma situação económica estável e obtiveram

vendas, no ano passado, cerca de um milhão de contos.

Segundo declarou ao DL, Horácio Lobato prevê, para a época de 90/91, vendas no valor de 1,5 milhão de contos, indo, nesse sentido, efectuar investimentos na ordem dos 150 mil contos.

Escusando-se a confirmar quais os países e as firmas estrangeiras interessadas nas «Águas Alardo», aquele empresário admitiu que poderia ser países onde já exportam o produto, nomeadamente o Canadá, a Suíça, os EUA, Angola e Moçambique.

QUOTIDIANO

Preso do caso FUP em perigo de vida

«O Poder não pode aproveitar a saída de Otelo como válvula de escape para deixar que os outros militantes 'apodreçam' na prisão. Porque têm de ser os 'outros' a pagar a factura? Para acusações iguais quereres libertações iguais», afirmaram hoje, em conferência de Imprensa, os elementos da Comissão de Solidariedade Contra a Repressão.

Alfredo Frade, membro daquela comissão, deu conta do estado de saúde de José Ramos dos Santos. Segundo este médico, o detido do caso FUP/FP-25, que iniciou a greve da fome há 21 dias, está «em perigo de vida» e os seus valores de glicémia e potássio «são extremamente baixos». As consequências imediatas deste quadro clínico poderão traduzir-se, num

«enfarte do miocárdio ou em insuficiência renal», acrescentou.

Ramos dos Santos, que ainda ontem «estava lúcido», é o detido que há mais tempo iniciou a greve como forma de protesto pela sua situação de prisão preventiva cujo o prazo máximo já esgotou. Entretanto, outros detidos solidarizaram-se com este arguido do primeiro processo, estando igualmente em greve de fome Aldino Pinto, Teodósio Alcobia e Helena Carmo. A Comissão de Solidariedade Contra a Repressão criticou «alguns silêncios comprometedores», nomeadamente da Presidência da República, dos partidos políticos e até de Otelo, ao não «desenvolverem as diligências para a resolução do problema».

Um morto e 40 feridos em despiste de autocarro

Um morto e cerca de 40 feridos era o balanço, ao princípio da tarde, de um acidente ocorrido hoje com um autocarro de passageiros.

Eram 11 horas quando o veículo se despistou na Estrada Nacional nº 1, entre Condeixa e Coimbra, revelou a brigada de trânsito da GNR.

Das vítimas que deram entrada no Hospital da

Universidade de Coimbra registam-se 11 feridos e um morto. A identidade da vítima mortal é Matilde da Conceição, de 69 anos.

No Hospital de Covões deram entrada duas dezenas de feridos, três dos quais em estado grave.

O motorista, que não sofreu ferimentos graves, atribuiu a causa do acidente a problemas técnicos.

Explosões na EDP

«Uma explosão normal», assim classificou um responsável pelas relações públicas da EDP o incidente ocorrido ontem perto da Paiva Couceiro, a meio da tarde, com um armário distribuidor de electricidade.

Os comerciantes acorreram de imediato ao local, com extintores, controlando a situação. Segundo a mesma fonte da EDP, «esta explosão não teve nada de especial e pode acontecer em qualquer armário desta companhia».



O racismo é alvo de um inquérito do Parlamento Europeu

As preocupações de Maria Belo

O racismo - esse fenómeno social assumido ou rejeitado por todas as raças, de acordo com as épocas e as conveniências - é, no momento, a maior dor de cabeça de Maria Belo.

A eurodeputada socialista representa Portugal na Comissão de Inquérito que o Parlamento Europeu constituiu para analisar o tema. Es-

tamos seguros de que a política vai tratar o assunto de forma caprichosa. Pelo menos começou bem. Ao contrário do que é frequente, convocou, ontem, em Lisboa, uma reunião de jornalistas para os ouvir e não para lhes falar. Foi engraçado e promete. Haverá racismo em Portugal? Ela ainda não sabe ao certo.

Dez dias de greve nos comboios

O Sindicato dos Maquinistas da CP convocou uma paralisação parcial que vai perturbar a circulação ferroviária em todo o País

O Sindicato dos Maquinistas da CP convocou uma greve entre as 12 horas de 16 de Janeiro e as 24 de dia 26. Cada maquinista vai paralisar quatro horas diárias no início do período de trabalho, à semelhança do que tem acontecido com outras greves do sector.

A correcção salarial de acordo com os níveis de inflação é a principal reivindicação dos maquinistas, aos quais, segundo o sindicato, «o Conselho de Gerência da CP impôs, em Fevereiro de 1989, um aumento de 8,7 por cento, manifestando insuficiente quando a inflação rondou os 13 por cento».

Entretanto, os trabalhadores

da Direcção Geral de Viação, que estão em greve desde terça-feira, reivindicam a revalorização das carreiras técnicas «que há muito deveriam ter sido ajustadas à legislação em vigor». Os inspectores-examinadores e agentes técnicos de viação reúnem-se, amanhã, em Santarém, para analisar a actual situação e decidir «novas formas de luta».

Os trabalhadores sentem-se «discriminados em relação aos outros técnicos da função pública que, recentemente, foram beneficiados com a aplicação do novo sistema retributivo».

Também o sector met-

alúrgico conhece um momento agitado.

O Conselho Nacional da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas, reunido em Coimbra, decidiu intensificar a acção sindical em torno das «questões centrais de ordem reivindicativa» que podem culminar em novas paralisações.

O conselho, que classifica de «antiegocial» o comportamento do patronato nos vários processos de contratação em fase de revisão» decidiu que a direcção executiva da federação promova, a 10 de Janeiro, um plenário nacional de activistas, para «definir as formas

de luta a encetar, sectorialmente, por todo o país».

Enquanto isto, a ligação fluvial Lisboa/Barreiro continua interrompida devido à greve dos marinheiros dos barcos da CP. A acção reivindicativa teve cem por cento de adesão e deve-se, segundo os trabalhadores, à luta por aumentos salariais, novo regulamento de carreiras e antecipação da idade de reforma.

Os efeitos da greve, que só termina às cinco horas de amanhã, reflectiram-se no movimento rodoviário de acesso à capital. A fila de carros na auto-estrada do sul chegou a ter sete quilómetros de extensão.

16.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Av. ALMIRANTE REIS, 104-1.º
Notário-Lic. FERNANDO LOPES CORREIA SEMEDO

PERSERVE — SOCIEDADE DE FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA, LIMITADA
CAPITAL SOCIAL: UM MILHÃO DE ESCUDOS
MATRICULADA NA CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE OBRAS
SOB O N.º 5196

CERTIFICO, nos termos do número dois do artigo setenta e dois do Código do Registo Comercial e para efeitos de publicação que a escritura de Aumento de Capital da sociedade em epígrafe, lavrada a folhas oitenta e três verso do livro TREZENTOS E DOZE — A das notas deste cartório, é do teor seguinte:

AUMENTO DE CAPITAL NA SOCIEDADE «PERSERVE — SOCIEDADE DE FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA, LIMITADA»
No dia vinte e seis de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove, nesta cidade de Lisboa e no Décimo Sexto Cartório Notarial, a meu cargo, perante mim, Lic. Fernando Lopes Correia Semedo, notário, compareceram a outorgar:

JOÃO ERNESTO VAZ FRANCO e mulher D. ELISA MARIA DE SOUSA CARIA VAZ FRANCO, casados segundo o regime de comunhão de adquiridos, residentes na Praceta Carlos Mardel, n.º 69, 1.º andar esquerdo, em Nova Oeiras, naturais ele da freguesia de Mercês, concelho de Lisboa e ela da freguesia de Santa Engrácia, concelho de Lisboa (contribuintes n.ºs 145759610 e 145759628).

PELOS OUTORGANTES FOI DITO:
Que como consta e verifiquei na certidão emanada da Conservatória do Registo Comercial de Oeiras, que arquivo, eles outorgantes são os únicos sócios da sociedade comercial por quotas ali matriculada sob o número cinco mil cento e noventa e seis e o cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 501700803 denominada «PERSERVE» — SOCIEDADE DE FORNECIMENTO DE MÃO-DE-OBRA, LIMITADA — com sede em Nova Oeiras, na Praceta Carlos Mardel, número sessenta e nove, primeiro andar esquerdo, concelho de Oeiras, constituída por escritura outorgada no Vigésimo Cartório Notarial de Lisboa, em vinte de Março de mil novecentos e oitenta e quatro, lavrada a folhas noventa e seguintes do livro de notas número cento e vinte e dois — F. sociedade cujo capital social integralmente realizado e registado é de cem mil escudos, correspondente à soma das seguintes quotas dos sócios: — uma de noventa e cinco mil escudos de João Ernesto Vaz Franco; e uma de cinco mil escudos de Elisa Maria de Sousa Caria Vaz Franco;

Que a sociedade tem nesta escritura representada a totalidade do seu capital social e, assim, deliberam:

a) aumentar o capital social de cem mil escudos para um milhão de escudos, aumento de novecentos mil escudos, efectuado em dinheiro pelo reforço das quotas dos sócios;

b) alterar parcialmente o contrato da sociedade quanto ao artigo terceiro;

Que pela presente escritura e na qualidade em que outorgam e em execução do deliberado, celebram os seguintes actos:

UM — aumentam o capital social de cem mil escudos para um milhão de escudos, aumento de NOVECENTOS MIL ESCUDOS, efectuado em dinheiro, já integralmente realizado, o que eles outorgantes declaram sob sua responsabilidade, pela forma seguinte:

o sócio JOÃO ERNESTO VAZ FRANCO reforça a sua quota do valor nominal de noventa e cinco mil escudos, com mais oitocentos e cinquenta e cinco mil escudos, passando, assim, a ter uma quota do valor nominal de novecentos e cinquenta mil escudos;

o sócio ELISA MARIA DE SOUSA CARIA VAZ FRANCO reforça a sua quota do valor nominal de cinco mil escudos com mais quarenta e cinco mil escudos, passando, assim a ter uma quota do valor nominal de cinquenta mil escudos;

além das entradas efectuadas não é exigida pela lei, pelo contrato ou pela deliberação a realização de quaisquer outras;

DOIS — alteram parcialmente o contrato da sociedade quanto ao artigo terceiro, que passa a ter a seguinte redacção:

ARTIGO TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro e nos diversos valores sociais, é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, correspondente à soma das seguintes quotas dos sócios: — uma de novecentos e cinquenta mil escudos de João Ernesto Vaz Franco; e uma de cinquenta mil escudos de Elisa Maria de Sousa Caria Vaz Franco.

ADVERTI os outorgantes de que o registo deste acto é obrigatório e tem de ser requerido no prazo de noventa dias.

ESTA ESCRITURA foi lida e o seu conteúdo explicado em voz alta na presença simultânea dos outorgantes, pessoas cuja identidade verifiquei, nos seus bilhetes de identidade, respectivamente, números 1311941 de 26 de Janeiro de 1987 e 1224680 de 26 de Janeiro de 1987 do Centro de Identificação Civil e Criminal, depois de os outorgantes terem ainda declarado que a sociedade não possui bens imóveis.

O Notário

(Assinatura ilegível)

Conta registada sob o n.º 1788

Está conforme. — Lisboa, aos vinte e dois de Novembro de mil novecentos oitenta e nove.

A escriturária Superior
Maria Beatriz Reis Costa

«DL» — 3/1/90

«INTERTOLDOS — SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENCERADOS, LIMITADA»

Certifico para efeito de publicação e em cumprimento do disposto no artigo setenta e dois do Código do Registo Comercial, que a fotocópia anexa composta de três folhas está conforme o original da escritura de CONTRATO SOCIAL, referente à sociedade em epígrafe, lavrada no dia doze de Dezembro corrente e exarada a folhas catorze verso e seguintes do Livro 122-D, das notas do Sétimo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária MARIA DO CARMO ANTUNES DOS SANTOS.

Lisboa, dozeito de Dezembro de 1989
A Ajudante
(Assinatura ilegível)

CONTRATO SOCIAL

No dia doze de Dezembro de mil novecentos e oitenta e nove, em Lisboa e no Empreendimento das Amoreiras, Torre dois, décimo primeiro andar, perante mim, licenciada MARIA DO CARMO ANTUNES DOS SANTOS, notária interina do Sétimo Cartório Notarial desta cidade, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRA

MARIA ROSALINA CALADO PEDRAS, divorciada, natural da freguesia de São Saturnino, concelho de Fronteira, residente na Quinta de S. Miguel, lote 5, 6.º dt.º, na Venda Nova, Amadora, contribuinte fiscal n.º 2955592.

SEGUNDA

RUI ALEXANDRE BAUNITES DA SILVA LIMA, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, desta cidade, residente na Rua da República da Bolívia, número 24, 6.º frente, em Lisboa, casado com Maria do Pilar de Barros Lima, no regime da comunhão de adquiridos, contribuinte fiscal n.º 130330264.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pelos seus bilhetes de identidade, respectivamente n.ºs 5247487 de 28 de Outubro de 1988 e 4651862, de 23 de Março de 1989, ambos emitidos pelo Centro de Identificação Civil e Criminal de Lisboa, que exhibiram.

E DECLARARAM:

Que, pela presente escritura formalizam um contrato de sociedade comercial por quotas, nos termos constantes dos seguintes artigos:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma «INTERTOLDOS — SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENCERADOS, LIMITADA», tem a sua sede no Bairro da Figueira, Rua da Primavera, lote seis, Bobadela, freguesia de São João da Talha, concelho de Loures.

SEGUNDO

O seu objecto é «Fabrico e Comercialização de Toldos e Encerados e Também Mobiliário de Jardim».

TERCEIRO

O capital social, integralmente subscrito e realizado em cinquenta por cento, é de DOIS MILHÕES DE ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas — uma no valor de um milhão e quatrocentos mil escudos pertencente a Maria Rosalina Calado Pedras — e outra de seiscientos mil escudos pertencente a Rui Alexandre Baunites da Silva Lima, tendo realizado cada um metade. O capital será realizado na totalidade dentro do prazo de seis meses.

QUARTO

A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade

QUINTO

A gerência e administração de todos os negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente será exercida por ambos os sócios, de «já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com a remuneração que for deliberada em 1.ª assembleia Geral».

PARÁGRAFO PRIMEIRO

Para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos é necessária a assinatura de dois gerentes.

PARÁGRAFO SEGUNDO

A gerência poderá constituir mandatários da sociedade para a prática de determinados actos mediante procuração.

PARÁGRAFO TERCEIRO

Aos gerentes é expressamente proibido obrigar a sociedade em actos e contratos que não digam respeito aos negócios sociais, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes.

PARÁGRAFO QUARTO

A sociedade poderá, em Assembleia Geral, nomear outros gerentes, ainda que não sejam sócios.

SEXTO

Ocorrendo o falecimento de qualquer sócio a sociedade continuará com os sobreviventes e os herdeiros do falecido, que nomearão um de entre si para os representar junto da sociedade.

SÉTIMO

As Assembleias Gerais, quando a Lei não prescreva outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com quinze dias de antecedência, nelas se indicando os assuntos a deliberar.

«Os Lusitanos no contexto peninsular»

Do berço à CEE

Não é que ignoremos a nossa identidade de portugueses. Mas no momento em que nos estamos a confrontar com outros países europeus (CEE), interessa que aprofundemos as nossas origens mais profundas. Uma fonte interessante para concretizar tal propósito, parece-nos ser o livro «Os Lusitanos no contexto peninsular», da autoria de Carlos Consiglieri e Marília Abel (Cadernos O Professor / Caminho).

Afirmam os autores, assim justificando o seu empreendimento, que «a questão Lusitanos é, sem dúvida, um dos aspectos mais controversos da nossa historiografia, com a particularidade de que pouco se tem investigado, repetindo-se e banalizando-se ideias tomadas acriticamente».

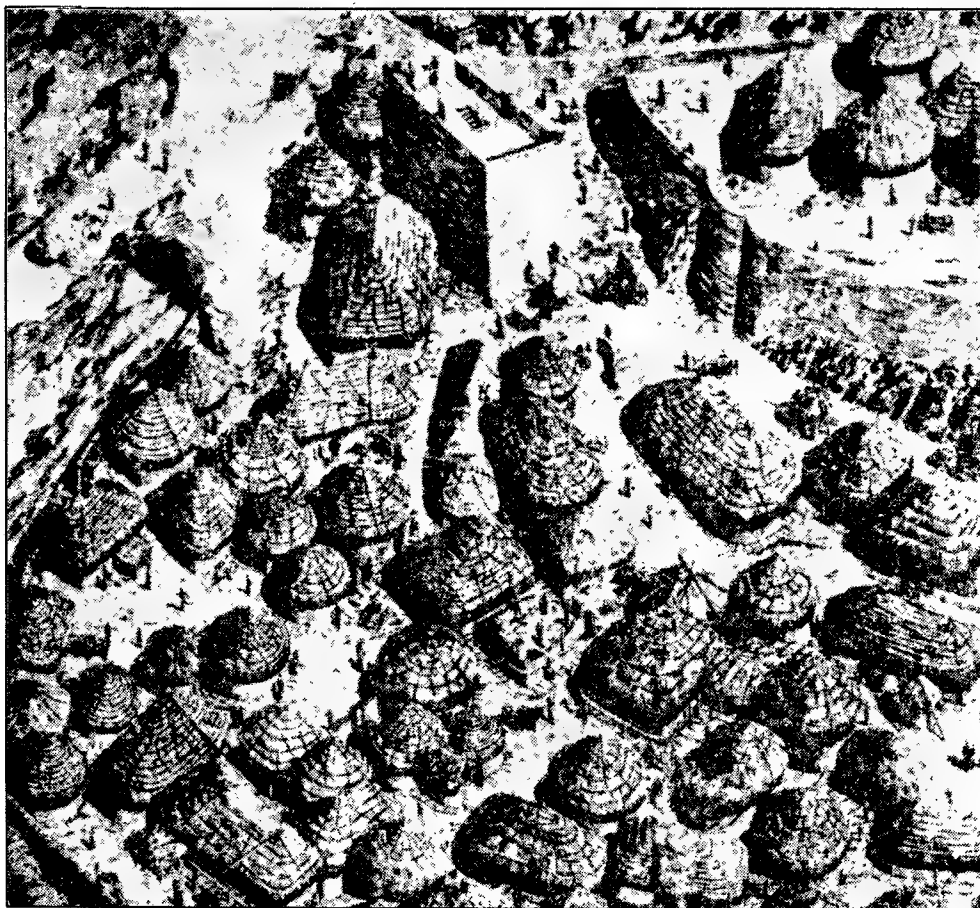
Ao longo de cento e trinta páginas, é apresentado ao leitor um (passe a expressão) programa que toma em consideração o enquadramento geográfico, o povoamento pré-romano, o conceito de Lusitanos, a Lusitânia segundo as fontes literárias, etc. Não falta também um comentário às fontes históricas, comentário que evidencia bem as muitas contradições existentes sobre a questão em causa. Em resumo: o que foi um lusitano, o que é um português...?

Antes da nossa era

Esboçado o enquadramento geográfico, com o juízo de que os Pirenéus (que separam a península do resto da Europa) nunca foram impeditivos do intercâmbio entre culturas, os autores debruçam-se sobre o povoamento pré-romano, recorrendo às fontes clássicas de Políbio, Estrabão, Mela, Plínio. Óbvio: «conclusões controversas».

Feita a síntese de variadíssimas exposições, surge-nos o Algarve como ponto onde «se radicaram os Cónios» - e ocupando parte do Alentejo, constituídos por várias pequenas tribos de sangue celta. Mas foi a norte do Tejo, até às zonas montanhosas do Douro interior, que «se estabeleceu os Lusitanos», enquanto a norte do Vouga «ficavam os Suros».

Outros povos foram, e situando na Península, que «mitos aqui por falta de espaço e por uma questão de clareza. Interessa-nos, para já, é o período seguinte: «Para as fontes clássicas, os Lusitanos eram povos mais numerosos e guerreiros, de origem céltica e não autóctones. Possivelmente no século VI antes da nossa era teriam vindo das montanhas do Centro da Europa ocupar a região de entre Douro e Tejo. Numa



Reconstituição de um povoado castrejo lusitano - trabalho realizado por Garcia y Bellido e reproduzido no livro «A Vida dos Lusitanos no Tempo de Viriato»

primeira fase são absorvidos pelos Celtas. Posteriormente tornam-se independentes...»

Depois dos Lusitanos eram os Galaicos os mais aguerridos. Escreve Estrabão a esse propósito: «A maior parte dos habitantes, deixando de viver da terra, vivia do roubo e da guerra contínua entre si e com os vizinhos» e que os povos vindos do Noroeste «tiveram de trocar o trabalho dos campos pela guerra, e, conseqüentemente, a terra não só deixou de produzir frutos, mas também se povoou de ladrões».

Os romanos

Atravessando mais uma vez o discurso de Carlos Consiglieri e Marília Abel (isto é, deixando ao leitor o cuidado de se debruçar, em pormenor, sobre o livro que nos ocupa agora), podemos adiantar que são os Romanos «que trazem à Península a hegemonia entre os diversos povos, com a unificação e a organização de uma superestrutura estatal, independente da vontade dos povos, submetendo-os à centralização do poder romano».

E quanto aos Lusitanos...? Devido às muitas invasões que assolaram a Península no período de formação dos Lusitanos, é difícil dizer com rigor qual a sua origem. «Uns autores - lê-se - defendem que são povos indo-europeus, próximos dos Celtas, e, portanto, não seriam Iberos autóctones. Outros preferem integrar os Lusitanos nos povos meridionais do Norte

de África descendentes de germânicos».

Sobre o assunto, a primeira fonte que se conhece é Estrabão, que afirma ser a Lusitânia «a maior das tribos ibéricas, com a qual durante anos lutaram os Romanos». Mais à frente acrescenta que aos Galaicos «alguns autores deram o nome de Lusitanos».

Modernamente, no entanto, e de acordo com as consultas de Consiglieri e Marília Abel, «vem-se admitindo que os Lusitanos são povos celtiberos, seja qual for a forma etnológica por que se fundiram». Mas...

Miscigenação

Mas ainda uma outra fonte clássica, a de Tito Lívio, na história romana, menciona os Lusitanos «incorporados como mercenários no exército de Aníbal, tomando parte e distinguindo-se na batalha de Trébia e depois atravessando os Pirenéus, após a destruição de Sagunto, em 219 antes da nossa era».

E como nasce o termo «português»...?

Passando sobre muitos pormenores (que, repetimos, deixamos à busca do leitor interessado), adiantaremos que são «os renascentistas que empregam pela primeira vez Lusitanos no sentido de portugueses, e vice-versa. Vários são os exemplos: André de Resende, Frei Bernardo de Brito e Camões. Em «Os Lusíadas», o poeta inspira-se numa passagem mitológica de Marco Varrão que filia Lusitânia em Luso ou Lyse, filhos de Baco».

A estas posições reagiu Alexandre Herculano ao abordar a questão da nacionalidade na introdução à «História de Portugal», «recusando por completo a relação entre Lusitanos e Portugueses». (...) «Defende a origem dos Lusitanos como assimilação de diversas raças donde resultou um povo misto, que de forma nenhuma poderia ter sido berço da nacionalidade».

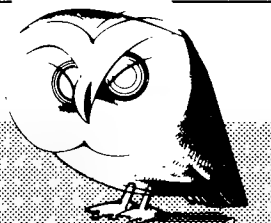
Ora que conclusão tirar...?

Actualmente, continua-se a discutir acerca do conceito de Lusitanos, «mas todos eles terão de se basear nas fontes literárias clássicas, e só é possível outra fonte para um melhor conhecimento destes povos desde que sejam analisados os achados arqueológicos que permitam conclusões mais rigorosas e científicas».

Recorrendo a José Hermano Saraiva, os autores de «Os Lusitanos...» transcrevem da «História Concisa de Portugal» o seguinte período (com o qual damos por terminado este escrito-resumo): «O povo português resultou (...) de um milenário processo de miscigenação de sangue e de sucessivas sobreposições culturais. A pré-história modelou um determinado tipo humano, mas não definiu uma raça».

E pronto: esse tipo humano, o português, tem agora a Europa à sua frente, não talvez para se miscigenar, mas certamente para se impor como cidadão que é e homem completo que foi na Época dos Descobrimentos.

Pedro Alvim



olhar de mocho

Teóloga da libertação

Para que Zita Seabra se chamasse Zita Trotzki Seabra seriam necessários ingredientes que em geral já não se vendem nas farmácias. Antes de mais, requeria-se um autoritário regime estalinista - que, como é do conhecimento público, já não existe. Depois, que o Soljenizine ainda não tivesse escrito, facto que também não se verifica. Finalmente, que a sua luta fosse - directamente - contra o poder político, e também aqui, não é disso que se trata. Os dissidentes têm o seu *copyright* - que por sinal até é uma palavra russa: *samizdat* (auto-editores de ideias próprias que procuraram quebrar o gelo da asfixia estalinista). E também têm data: anos 60 na URSS, décadas seguintes nos países do Bloco de Leste. Em democracia, se haverá «dissidentes» (entre aspas e por aproximação e nem sequer a *Charta 77* da Checoslováquia mantém qualquer interesse sociopolítico) em linguagem própria à liberdade poética. Depois da *Charta* do Havel já passaram 13 anos.

Contudo as coisas não se processam bem assim, dado que no início desta década ainda existem teólogos da libertação na América Latina e lutarem contra muitos e muitas coisas estruturais. O paralelismo entre o problema da dona Zita e o do Leonardo Boff, por exemplo, salta à vista, mas o dr. Cunhal não é o Ratzinger. Por isso, Zita Seabra poderia muito bem, à mesa do café, discutir os problemas, seus dela e seus dele, Cunhal, e no final cada qual seguiria a rota que a respectiva bússola marcasse. Impingir problemas pessoais a outrem - desde que tais questões não digam respeito ao regime democrático - significa no mínimo, ingenuidade: será que nós, agora, também temos uma teóloga da libertação a ombrear com o Leonardo Boff? Mas o que os serviços informativos da TV nos apresentaram ontem, é que nada tem de ingenuidade: cerca de dois terços do Telejornal e cerca de metade do Jornal das 9 foram para «canonizar» a dona Zita. será legítimo recorrer a este «jornalismo» informativo do pior quilate? Foi um autêntico festival de violação de normas democráticas: as instituições têm os seus mecanismos próprios, e os tempos de antena estão regulamentados por lei ordinária. Mas amplos tempos de antena - nos dois canais - para propagandear o anti-comunismo de folhetim, ao que consta, ainda não está na lei. Além disso, o telespectador é que deverá tirar conclusões, e não é a bater no ceguinho que se faz luz nas raízes obscurantistas da pátria comum.

Mas já que a TV nos quis recomendar o que se passa na teologia da libertação da América Latina, então, também deveria enquadrar o problema da Zita Seabra no que para aí vai de mundo vivo - e ele ainda é tão vasto.



José S. Monteiro

CULTURA E ESPÉCTACULOS

Crítica de Teatro

D. João e a morte

D. JOÃO E A MÁSCARA, de António Patrício. Encenação: Mário Feliciano. Cenografia: Manuel Graça Dias/Egas José Vieira. Música: António Victorino de Almeida. Assistente dramático: Sérgio Treffaut; Figurinos: Hilda Portela. Desenho de Luzes: Orlando Worms. Produção: Maria José Casal-Ribeiro/Gabriela Cerqueira. Interpretação: João Grosso, Eunice Muñoz, Fernando José Oliveira, Rui Pedro, Ilda Roquete, Estrela Novais, Margarida Marinho, Marques d'Arede, Carmen Santos, Jorge Sequerra, Paula Mora, Mário Feliciano, Miguel Rodrigues, Filipe Costa, João Reis e Marcello Urgeghe. Estreia: Teatro da Politécnica/12-12-89.

«D. João e a Máscara», por onde perpassam ecos de Pessoa, é por excelência uma visão anticondionjuanesca de D. João. Nas mil mulheres que possuiu, D. João só uma amou, e essa era a Morte. A Morte que ele encontra no princípio e no fim do seu percurso. Este percurso propõe uma nova máscara do mito, aliás, identificável com a da personagem real de que aquele partiu, como lembra Patrício por estas palavras: «Miguel Marañón, o pretexto real de D. João, morreu de La Caridad, no convento de La Caridad, em cheiro de santidade».

Esse cheiro, o D. João de Patrício, arrasta-o como uma espécie de maldição que queima até que ele o assuma radicalmente, transformando-o em benção.

É pois a Morte a figura central do drama simbolista de António Patrício, não apenas na corporeidade da sua dupla presença física (na interpretação de Eunice Muñoz) mas na sua invisibilidade; através das mulheres que ama e dos homens que dele se aproximam, através do discurso com que tenta tornar real a sua virtual apreensão do mundo dos outros. D. João procura, encontra, volta a perder e a encontrar, essa outra realidade. Por fim, é na sublimação do arrependimento que D. João procura esse presença que é para ele a realidade suprema do amor.

Texto tocado pela graça da poesia, «D. João e a Máscara» de António Patrício é mais forte como sugestão do que como realidade teatral, por isso parece estar mais próxima do «drama estático» pessoano do que do pretexto para a dinâmica da representação. Não entendeu assim Mário Feliciano que optou por uma linha de encenação que força os próprios limites da obra ao querer interpretá-la através de processos cénicos que quase ignoram o que é mais forte na peça: a sua interioridade, a invisibilidade da sua principal razão de ser, a relação de D. João com a Morte.

A favor do encenador a coragem de estreiar, 65 anos depois, uma peça que permanecia praticamente inédita. Digo praticamente, já que a leitura que dela fez o encenador José Gil (não confundir com José Blanco Gil) com o grupo «O Novo Teatro» (Teatro da Graça, 1980) consistiu na redução do texto a uma personagem, interpretada por João Lagarto.

Lamente-se, no entanto, que

de Pasolini no «Gymnastic» («DL/25-9-87»), precisamente aqueles em que existia uma articulação rigorosa, adequada, entre o discurso poético e o discurso cénico, neste incluindo um dispositivo ao mesmo tempo depurado, simples e extremamente funcional e eficaz. Pelo contrário, no caso de «Píades», de Pasolini, no CAM («DL/

à direita.

Na segunda parte, o espaço é dominado por um dispositivo em chapa, móvel, que permite a criação de vários espaços. Este dispositivo, como outros elementos, obriga a esforçada intervenção de vários auxiliares de cena, o que prejudica irremediavelmente o desmanchar de algumas das mais belas ce-

devia ser mais forte: a leitura dramatúrgica e a sua interpretação pelos actores. Mário Feliciano reuniu um núcleo de bons actores e atrizes e de alguns jovens que não são ainda bons actores, o que prejudica muito o equilíbrio que uma peça como esta exige. O espectáculo gira à volta de D. João que está praticamente sempre em cena e, para ela, Mário Feliciano contou com um grande intérprete que talvez venha a ser um grande comediante, João Grosso. Intérprete magistral de um poema («Ode Marítima», de Pessoa) e de um monólogo («O Contra-baixo», de Suskind), João Grosso viu-se aqui confrontado com uma personagem que exigia um outro tipo de relação com a forma teatral. Se é certo que as suas falas assumem muitas vezes carácter monológico, D. João não deixa, no entanto, de implicar discursos dialógicos, diversificação de registos, gestualidades, formas de comportamento em cena, que nem sempre João Grosso conseguiu tornar plausíveis. Não digo com isto que não se trate de um bom trabalho, é mesmo, por vezes, um trabalho lindíssimo (caso da cena final), um trabalho por vezes altamente criativo sob o ponto de vista do entendimento da palavra, do posicionamento

do corpo, do jogo gestual, do relacionamento com o outro, quero apenas dizer que João Grosso não dá nele toda a medida do seu talento, quero dizer que a personagem exige ainda mais. É o que podemos dizer em relação aos outros intérpretes, mesmo Eunice prejudicada na primeira cena por um vestido assaz monstruoso mas com uma admirável cena final. Ilda Roquete, Estrela Novais, Margarida Marinho, Carmen Santos, Paula Mora, manifestam algumas dificuldades com personagens que não são mais do que máscaras apenas sugeridas (pelo menos neste trabalho de dramaturgia). Destaque, pela parte dos actores, para Rui Pedro, que aproveita a sua excelente voz e Marques d'Arede e Fernando José Oliveira. O próprio encenador participa do grupo de intérpretes, como Jorge Sequerra, Miguel Rodrigues, Filipe Costa, João Reis e Marcello Urgeghe.

Ao contrário do que acontece com o espaço, a música de António Victorino de Almeida procura uma zona de discrição que joga mal com a omnipresença do dispositivo cénico. Claro que a culpa não é do compositor.

Excelente desenho de luz de Orlando Worm.

Carlos Porto



O encenador Mário Feliciano

Mário Feliciano não tenha entendido que esse acto necessário de coragem, que consiste em representar o irrepresentável, exigia ser levado até ao fim: aceitando a presença do texto como razão primeira e última do espectáculo, e por isso limpando a encenação de todos os resquícios que tornam grosseiro o que devia ser subtil, exterior o que devia ser interior, ruído e movimento, o que devia ser silêncio e quietude. O problema maior deste espectáculo é o do desentendimento entre um texto que só é viável através de determinados valores que potencia e um dispositivo cénico que tende a ignorar esses valores: o compromisso tentado pelo encenador e pelos cenógrafos acaba por não resultar. A palavra - elemento mais frágil - fica a perder e com ela a leitura do texto e com ela o espectáculo.

Não é a primeira vez que este facto se verifica com um encenador que é, no entanto, um artista inteligente, sensível, dotado para trabalhar peças que exigem um respeito maior pelo texto. Se recordarmos a sua obra, verificamos o que parece óbvio: os seus melhores espectáculos são «A Casa de Bernarda Alba», de Lorca, no Teatro Nacional («DL/4-2-83») e «Calderón»,

16-10-85) e agora neste «D. João...» as formas estruturantes do dispositivo cénico, para falar deste espectáculo, impõem um peso sobre o texto que tende a esmagá-lo, facto agravado pelas dificuldades da sua movimentação o que por vezes tem por efeito a destruição da cena e da poética da proposta. O facto torna-se evidente na cena e da poética da proposta. O facto torna-se evidente na cena e da poética da proposta. O facto torna-se evidente na cena e da poética da proposta.

O cenário começa por ser, com óbvias sugestões tchekhovianas, uma enorme demonstração da natureza com o espaço cheio de folhas secas (árvores, chão, mesa-vitrina) como se as referências do texto a esses elementos implicassem uma sua tão intensa visualização; a esse dispositivo, ao mesmo tempo natural e artificial, contrapõe-se um praticável em escadaria, elemento bonito mas cuja colocação dificulta o jogo da relação do espectador com as situações, já que aquele tem à sua frente o dispositivo natural dominado pela porta da morte, para assim lhe chamar, o referido praticável

nas do espectáculo. Não creio que tenha sido encontrado pelo encenador e pelos cenógrafos o processo mais inventivo, a solução mais eficaz, porque mais simples, de conciliar a construção e mudanças de cena com a carga simbólica do texto. Difícilmente aquilo a que o encenador chamou a «sacralidade de um espaço organizado em função do ponto fulcral identificado como altar» poderia operar de acordo com as exigências do texto, a não ser precisamente, como já assinaliei, no momento em que esse dispositivo se torna nudez inicial e terminal, se torna no seu despojamento, ao mesmo tempo o lugar do nascimento e do fim, com D. João nascendo da morte e com ela morrendo. Eis uma cena em que o essencial não foi sacrificado ao fútil.

Espectáculo de produção complicada pelo facto de Mário Feliciano ter sido obrigado a criar um novo espaço teatral para o apresentar, projecto de certo modo sacrificado por esse facto mas também pelas opções estéticas do encenador (isto do ponto de vista do espectador, tão respeitável como qualquer outro), esta versão de «D. João e a Máscara» perde-se, em parte, e também em consequência dos factos assinalados, naquilo que nele



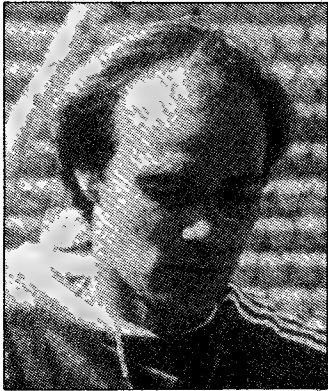
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO • CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA • FUNDAÇÃO ORIENTE • UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA LUIS DE CAMÕES
COLABORAÇÃO DO TEATRO NACIONAL D. CARLOS

3.ª a sábado às 21.00h
Domingo às 16.00h
RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA
1200 LISBOA
TELEFONE 67 44 74

DESPORTO

Personalidades

ADELINO NUNES: mau estral. A atitude que tomou, no intervalo do jogo do Marítimo com o Tirsense, não regressando ao relvado por alegar que estava sendo muito assobiado pelos associados do clube funchalense, despede-o do emblema comandado por Rui Fontes, com o presidente maritimista dando ordens ao técnico Ferreira da Costa para arrear o médio «internacional» do «team», ao mesmo tempo que é movido um processo para despedimento ao atleta que (diz-se) estará já comprometido para, na próxima temporada, regressar ao Vitória de Setúbal. Todavia, Adelino Nunes, afirma que não foi apenas por causa das vaias da bancada que se recusou a voltar ao relvado: **a razão principal foi outra. A direcção do Marítimo e o treinador sabem bem qual é. E, se for castigado, atiro-a cá para fora: e todos verão quem tinha motivo para nem sequer alinhar no início desse jogo. Problema médico, Adelino Nunes?**



RICARDO GOMES RAIMUNDO: que completou 25 anos no passado mês de Dezembro e nasceu em Ilhéus, tornando-se um dos mais cotados desportistas do futebol brasileiro, regressa hoje ao Benfica, após seis semanas de estadia no seu país, convalescendo de uma intervenção cirúrgica à pubalgia, que vinha acusando há meses. Agora, segue-se um período de recuperação, com exercícios e terapia especiais, prevendo-se que o homem-base de toda a cobertura da baliza de Silvino possa voltar ao trabalho activo nos finais do mês de Fevereiro, dando nova possibilidade a Aldair de emergir da deficiente forma física que vem apresentando desde que foi obrigado a abdicar da generosa «muleta» do compatriota que integra os melhores planos do seleccionador Lazaroni, para um bom comportamento do «escrite canarinho», no mundial de Itália. Ricardo só começará a tocar na bola em fins do mês corrente.



Disciplinas desportivas

CANOAGEM: A Assembleia Municipal de Santa Maria da Feira, aprovou a construção do Centro Nacional de Canoagem, orçado em cerca de 200 mil contos.

Este Centro, esteve inicialmente previsto para Gondomar, mais próximo da sede da federação da modalidade, mas indecisões do executivo gondomarense com sucessivos protelamentos levaram a que a candidatura de Santa Maria da Feira se tornasse a mais exequível.

A construção de um Centro Nacional de Canoagem resulta da necessidade de dotar a modalidade de um local de estágio onde se inclua uma pista para competições.

GOLFE: A fase de pre-qualificação europeia do torneio mundial Dunhill Cup disputa-se hoje e amanhã no campo da Quinta da Marinha em Cascais, com a participação de quatro países.

As selecções, cada uma com três jogadores profissionais, de Portugal, Suíça, Áustria e Bélgica, vão disputar os dois lugares de apuramento para a fase de qualificação mundial, que terá lugar em Fevereiro em Singapura.

A equipa portuguesa será constituída por Daniel Silva (Pinne Cliffs), Rogério Valente e Sebastião Gil (ambos da Quinta do Lago).

CICLISMO: Francisco Carvalho, do Pinheiro de Loures, foi o vencedor da S. Silvestre de Cabo Verde, em bicicleta, disputada em quatro etapas na Cidade da Praia ganhando as duas primeiras etapas sendo segundo classificado na quarta e última tirada.

NATAÇÃO: A Federação Portuguesa de Natação destacou quatro atletas para participarem no 17.º torneio Villa de Madrid, a disputar na capital espanhola a 13 e 14 do corrente.

Os nadadores convocados são Ana Barros, Sandra Neves, Diogo Madeira e Paulo Trindade.

VELA: O iate francês «Charles Jourdan» sofreu um sério percalço na regata Volta ao Mundo, ao embater contra uma baleia nas águas neozelandesas, no decorrer da terceira etapa da prova.

Apesar do tempo perdido com o insólito acidente, que perturbou a calma e a tranquilidade do mamífero, os ocupantes da embarcação manifestaram o desejo de prosseguir na competição, que liga Fremantle (Austrália) a Auckland, na Nova Zelândia.

No momento do desastre, a embarcação francesa ocupava a sétima posição da geral.

Futebol em ponto de rebuçado

Seleccções levam uma volta: desde técnicos a médicos

Acabaram-se as especulações: Artur Jorge foi nomeado técnico nacional, Toni designado adjunto do chefe portista, António Oliveira fica com a incumbência de orientar a selecção olímpica e a Luís Norton de Matos caberá a liderança das «Esperanças». A decisão foi agora anunciada pelos dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol, depois de analisado e aprovado o plano que Artur Jorge elaborou e apresentou e no qual constam as linhas mestras de orientação e esquematização futuras, na área do futebol sénior.

Resolvida a formação da equipa técnica (que o líder federativo afirma custar menos de 2000 contos) João Rodrigues e seus parceiros da direcção têm outra questão; igualmente importante, para solucionar: quem serão os futuros elementos do departamento médico? Presentemente, integram aquele órgão os drs. Camacho Vieira (vinte anos ao serviço da Federação), Abel da Silva, Manuel Pinho e Cesário Mamede e os enfermeiros/massagistas João Silva (sucessor de Manuel Marques), Joaquim Cotovio, José Catoja, Fernando Martins e Hélder Martins, mas tudo indica que Artur Jorge pretenderá modificar o quadro com a entrada de figuras nortenhas e, por outro lado, andam «mosquitos por cordas» à volta de certos nomes.

Por exemplo: segundo o jornal «A Bola» (edição de hoje) Hélder Martins estará envolvido no «escândalo do portista Hotel Sheraton» para onde, na véspera do encontro Portugal-



Fernando Roriz, Ribeiro de Magalhães e João Rodrigues: os «revolucionários» federativos

Luxemburgo, teriam sido encaminhadas algumas senhoras para «entreter» os jogadores e, de acordo com o referido trisemanário (naturalmente bem informado), Hélder Martins é apontado como responsável pelo que se passou no citado hotel portuense. João Rodrigues já foi informado do assunto prometendo ir averiguar: caso se confirmar aquilo que se diz não terei outra alternativa se não actuar.

O dr. Manuel Pinho e o técnico Carlos Queirós, andam de «candeias às avessas». Camacho Vieira parece «condenado» à despromoção para o grupo de Queirós, cessando a posição privilegiada que vem

mantendo na Federação desempenhando as funções com absoluta competência (sendo digno continuador do seu colega Silva Rocha) e Cesário Mamede parece não contar com a simpatia do presidente João Rodrigues. Tudo isto confirma a grande volta que a selecção vai levar. Oxalá as «mexidas» resultem em benefício do prestígio perdido: mas, cuidado com os exageros de prepotência e excessos de autoritarismo.

Outro caso: dois jovens futebolistas juniores (Brassard e Rogério) excederam as determinações de Carlos Queirós na eufórica passagem da década e, para além da tradicional

tacinha de espumoso, terão optado por outras variantes, de tal forma que não lhes foi possível evitar os indícios de embriaguez. Queirós não gostou e João Rodrigues muito menos, constando que o presidente federativo estará na disposição de banir os dois jovens guarda-redes da selecção. Atendendo a que a irregularidade foi cometida em dia de festa, cremos que a drástica decisão preconizada por João Rodrigues antecederá a volta-face da tolerância e da condescendência. Obviamente que os prevaricadores terão que ser punidos: porém suspensão definitiva afigurase-nos penalização injusta em demasia para dois jovens.

Paris-Dakar: espectáculo sobre a areia

Peugeot e Yamaha na 1.ª fila

Prossegue o mais curioso rali mundial, com a 2.ª etapa do Paris-Dakar cumprida em 497 quilómetros, entre Dirkou e N'Gouri (no Níger), e dois comandantes persistindo: o finlandês Ari Vatanen (em automóvel Peugeot) e o motociclista francês Stéphane Peterhansell, em Yamaha.

Ari Vatanen, que tem como co-piloto o sueco Bruno Berglund, largou ligeiramente o 1.º lugar, ganhando quase um minuto ao sueco Bjorn Waldegard, que ripula também um Peugeot. O piloto finlandês terminou a tirada no 3.º lugar, a um minuto e 51 segundos do vencedor, o francês Alain Ambrosino (num Peugeot) que totalizou uma penalização de duas horas, 37 minutos e 41 segundos. O 2.º lugar na etapa foi para a dupla francesa formada por Philippe Hambergue e Jean da Silva (Peugeot), a 48 segundos do vencedor, enquanto Waldegard e o francês Fenouil foram quartos, com mais 2h 38m que Ambrosino.

Vatanen tem agora uma vantagem de 47

minutos e um segundo de vantagem sobre Waldegard e uma hora e 51,08 minutos sobre Hambergue, que mantêm o 2.º e 3.º lugares da classificação geral.

Em motos, o gaules Stéphane Peterhansell arrebatou o topo da geral ao seu compatriota Cyril Neveu (também em Yamaha) que baixou para a 2.ª posição. O melhor motociclista na etapa foi o italiano Alessandro de Petri (em Cagiva) com 5 horas e 01.20 minutos, seguido do espanhol Jorge Alcarons (Cagiva), a 1.17 minutos) e do italiano Franco Picco (Yamaha), a 2.19 minutos. Peterhansell, 4.º classificado na tirada (com mais 3.45 minutos que o vencedor) lidera a geral, com um total de 27 horas e 3 27 minutos, detendo escassos 12 segundos de avanço sobre Cyril Neveu, em Yamaha.

Entre tanto, o francês Gilles Picard (Yamaha), que iniciou a etapa no 3.º lugar, foi ultrapassado a tabela pelo italiano Edi Orioli (Cagiva) e pelo espanhol Carlos Mas (Yamaha), descendo para o 5.º posto.

Catalunha dá-nos banho

Nosso hóquei perde em Espanha

A selecção portuguesa de hóquei em patins (categoria sub-21) perdeu por 5-2, frente à selecção da Catalunha, em encontro da 1.ª jornada da Taça dos Reis, a decorrer em Barcelona (Espanha). Os tentos de Portugal foram apontados por Eduardo Vital e Rui Neto.

PORTUGAL: António Alegria, José Zorro, Rui Neto, Pedro Teles, Eduardo Vital e, ainda, Eduardo Pinheiro e Lúcio Moraes.

SELECÇÃO DA CATALUNHA: Folgueira, Santi Carda, Ballabriga, Polo, Gabaldm e, mais tarde, Rubio, Lluchi, Calero e Pons.

DESPORTO

«Dossier» boxe-1

Desporto ou espectáculo:
uma longa indefinição*Por detrás das luzes dos ringues há sempre alguém
que domina as marionetas*

Portugal já se emocionou com as grandes proezas pugilísticas: especialmente em

Lisboa e no Porto havia várias sessões semanais, com o público lotando completa-

mente a Praça de Touros Pequeno, o «ruído» de Algés, a Sala Internacional (que se

localizava no Parque Mayer), acorrendo ao Lisgás, à Madre de Deus, aos ringues montados nas salas do Rio de Janeiro, Lisboa Ginásio, Arroios ou Ginásio Clube para aplaudirem as vedetas de três dilatadas décadas: desde Santa Camarão e Pierre Charles, de António Rodrigues e Francisco Brito, com prolongamento por espectaculares atletas moçambicanos (Beni Levy, Tafoi, Luís Eugénio «Xanga», Júlio Neves, Carlos Wilson, Manuel Braga), um estilista cabo-verdiano (Rafael da Silva), muitos outros nomes que encheram o olhar das plateias que faziam gala em assistir a lutas da «nobre arte»: Miguel França, Jack Pestana, Agostinho Guedes, Augusto de Sousa, Armindo Pons, António Mateus, Valente Rocha, António Pina, Carlos Rocha, João Teixeira, Afonso Garcia, José Luís, Júlio Martins, o esquerdino Chico Santos, o desconcertante «Sota», o serpenteante e filigrinado Belarmino.

Em Lisboa, era certo e sabido: a Bombox e a Tobox alternavam com Jerónimo Gonçalves e José Arsénio na organização dos combates, quartas e sábados entre o Campo Pequeno e a Avenida da Liberdade, enquanto nas colectividades amadoras iam surgindo Portugal Nunes, Carlos Tavares, Carlos Almeida, Juvenal de Oliveira, Fernando Branco, Licínio



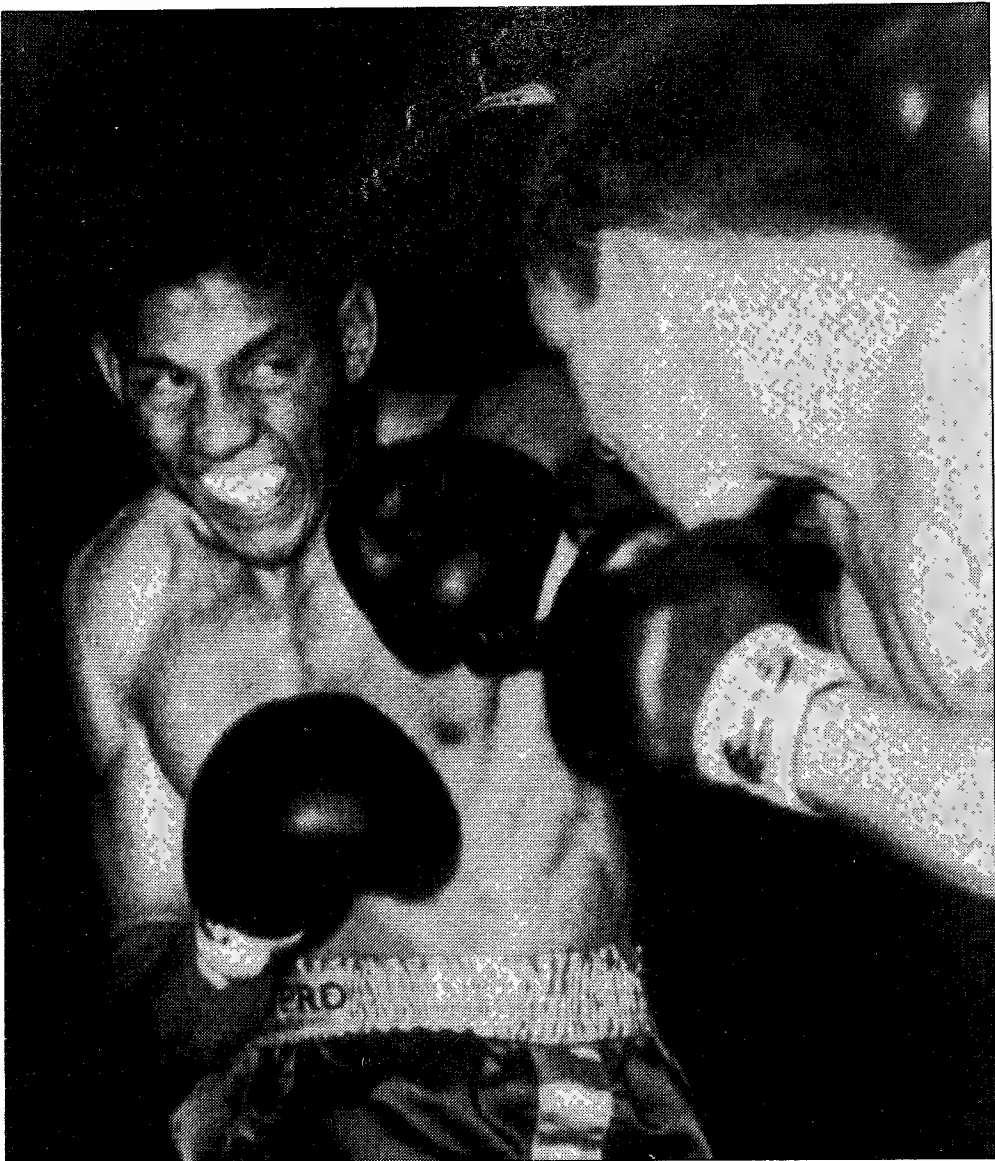
Jordan: na sua dura expressão a máscara de um massacre

Sena e todo um vasto punhado de figuras que prendiam multidões aos cartazes em que alinhavam perante Garcia Alvarez, Kid Tunero, Peiró, Callejas, até o próprio Marcel Cerdan que, numa célebre noite, aviou em menos de um fósforo Agostinho Guedes, ia o apaixonado de Edith Piaff a caminho da disputa do título mundial entre doze cordas norte-americanas e, tímida e assustadoramente, aceitara o nosso representante (caldeireiro na Cuf) trocar forças com o titular europeu, num Coliseu dos Recreios que batia o seu recorde de bilheteira para muitos e bons anos.

Foi a época em que, no portuense Parque das Camélias ou no bonito Palácio de

Cristal da Invicta, Alves Teixeira escrevia páginas que não esqueceram sobre as façanhas dos pugilistas nortenhos que, desde Licínio Passos até aos discutidos «cinturões de ouro», criavam falanges de admiradores que apostavam entusiasticamente nos resultados das pelejas, poucos sabendo que (por exemplo) o futuro campeão xadrezístico Joaquim Durão, encarregado da publicidade da empresa controlada pelos irmãos José e Agostinho da Silva (mais tarde os homens fortes da Torralta), tinha de informar os jornais matutinos dos resultados das pugnas antes do fecho das edições: a Imprensa cerrava as páginas pelas 23 horas e

cont. na pág. 24



Violência no boxe é música no baile: exigência de quem paga para ver o espectáculo

assim vai o

totobola

Jornal da Beira: X22 111 11X 2211; Correio de Coimbra: X2X 111 X1X 2X11; Correio do Vouga: X2X 111 X1X 1X11; A Defesa: X22 111 X1X 1X11; O Diário: X2X 111 111 2X11; Diário de Lisboa: 12X 111 111 2XX1; Diário de Viseu: 222 111 211 XX1X; Rádio Nova Antena: X2X 111 21X 221X; Ecos de Cacia: 22X 111 X11 2X11; O Jornal de Felgueiras: X22 111 X1X 2111; Rádio Guarda: 222 XX1 21X X21X; Rádio Totobola: 222 11X X1X 2X11; Linhas de Elvas: 122 111 111 X211; Litoral: X21 111 X11 2X11; Maria da Fonte: 22X 111 X11 121X; O Mensageiro: 222 11X 21X 22X2; No Estúdio e No Estádio: X2X 111 X11 2211; Notícias de Chaves: 222 111

211 XXXX; Notícias de Felgueiras: X22 111 X1X 2111; Notícias de Viseu: X22 111 X11 2212; Semanário da Região Bairradina: X2X 111 X1X 221X; Informação Desportiva/Rádio Altitude: X22 111 X1X 2211; Bom Dia: 221 112 1X1 212X; A Voz do Domingo: X22 111 11X X211; Desporto/Rádio Guarda: 12X 111 112 2X2X; Contacto/Rádio Guarda: 121 X11 X21 X1X2; Meia Tarde: 2X1 1X1 1X2 1XX1; Encontro Com a Manhã: X1X 211 X21 X21X; Convidámos Para Lanchar: X1X 11X 11X 12XX; Tarde Desportiva: 122 111 11X X2XX; Livre e Directo: X2X 111 X1X 2X1X; Um Caso Por Semana: 22X 111 X1X XX11; Foi Notícia: 1X2 X1X

X1X XX11; Desporto e Música/Rádio Covilhã: X22 111 X1X X2XX; Cultura e Recreio: X22 111 XX1 21XX; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 22X 11X X21 22X2; Penalti: 22X 111 211 2212; Notícias de Gouveia: X22 111 X12 1212; Notícias de Guimarães: 222 111 211 2X1X; Tempo e Resultados: X2X 111 X1X 2211; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 222 111 111 2X1X; Tempo de Desporto: X22 1X1 11X 22X1; O Comércio de Leixões: X2X 111 X1X 2X11; De Tudo Um Pouco: 222 111 X11 X211; Jornal de Gaia: 12X 111 X1X 22XX; Diário da Graça: 222 111 XXX 2211; Jornal de Notícias: 222 111 X12 221X; Quadrante Norte: 222 111 111 22X1; Re-

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 1/90 DE 7 DE JANEIRO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Setúbal - Porto	8	17	22	2	4	6
2. U. Madeira - Benfica	2	3	54	1	1	10
3. E. Amadora - Sporting	5	23	29	1	5	6
4. Guimarães - Penafiel	52	4	1	10	1	1
5. Belenenses - Portimon.	53	4	0	11	1	1
6. Boavista - Marítimo	51	5	1	10	1	1
7. Tirsense - Braga	17	32	8	4	6	2
8. Chaves - Feirense	49	5	3	10	1	1
9. Rio Ave - Varzim	25	27	5	5	6	1
10. Vianense - Famalicão	10	15	32	2	3	7
11. Estoril - Farense	10	20	27	2	4	6
12. Silves - Alverca	39	16	2	8	3	1
13. Lusitano - Barreirense	30	21	6	6	5	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
222 111 X1X 2211

senha Desportiva: X2X 111 X1X 221X; Panorama: 222 111 211 111X; Placard Desportivo: 222 111 X11 X111;

Alvo Desportivo: 12X 111 X1X X111; Rádio Alvo: XX1 1X1 111 11X1; Alvo: 222 111 X1X 1XX1; Alvo Suplemento:

X2X 111 112 X21X; A Voz dos Ridículos: X2X 111 111 2X11; Música e Desporto: 222 X11 1X1 11X1.

«Dossier» boxe: longa estrada conduz da fome à glória

Triste é o regresso às origens

cont. da pág. 23

os combates acabavam lá para a meia-noite e tantas...

Adiante. Numa hora em que o pugilismo português parece querer remorar, procurando descobrir vedetas para regressar a um profissionalismo que, nos últimos dez anos, foi fracasso absoluto de todos os nomes lançados para a fogueira (o caso mais flagrante foi de um moço chamado Edy de Melo, rotulado de *fenómeno* e, afinal, um incipiente aprendiz de utilizador de luvas) até toda uma série de mitos «furados», que não duraram uma gota de água, como Osvaldo Silva e outros personagens inventados por empresários entusiastas do boxe mas minimamente perfilhados com a realidade de um negócio-desporto que movimentava bilhões em todas as coordenadas terrestres.

Matar a fome a golpes

Uma verdade inamovível: neste momento, o boxe estagna em Portugal. Se a futura gerência federativa não lhe acode, dá a alma ao criador, nada interessando que

constitua aprendizagem nos fuzileiros ou nos «comandos», que meia dúzia de colectividades vão promovendo algumas sessões anuais e tentando atirar para a crista da onda uns jovens com certo jeito, alguma força de vontade e uma réstea de coragem e atrevimento.

Rezam as crónicas antigas que o pugilismo tem sido, desde o início da sua prática, uma habilidade para matar a fome a golpes. «Um desporto apenas para esfomeados» — como escreveu Mário Hernandez Estevez, que nada teve a ver com o mais famoso dos nossos cronistas de pugilismo (o escritor Romeu Correia), que trabalhava na «EFE» e não era colega português de um Patrício Álvares (que continua terçando armas por sua dama), que não pertencia aos «Formidáveis do boxe» (dirigidos por Valente Rocha) nem aprendeu com Caballero e Seródio ou Jordão França, Raul Nunes ou Canelas Júnior as artes e os bastidores do chamado *jogo dos nobres*.

Tal como na tauromaquia, onde nenhum espada é oriundo de família de posses, também no boxe os campeões vieram do nada: e muitos aí re-

tornaram por não terem sido capazes de administrar fabulosas fortunas arrebanhadas sobre os ringues.

Modernamente, o acesso à cultura por parte de gerações ambientadas com a literatura, a escultura, a poesia, cativadas para o diletantismo das discotecas, das «boîtes», das luxuosas salas de casinos, o próprio (e indiscutível) aumento do rendimento *per capita*, desnudou a verdade do boxe, uma terrível realidade: muitos homens mortos pela força dos golpes recebidos em cima da lona e muitas outras centenas deambulando hoje pelas ruas, sonâmbulos ou tocados pela loucura, tal a intensidade dos socos que os aturdiram, que os massacraram, que lhes devastaram os cérebros e estoíram fígado, estômago, coração, pulmões e pernas. Pergunta o nosso colega espanhol: «mas, a sociedade actual tem menos fome ou apenas é menos violenta?»

A resposta a Hernandez Estevez está aí, patente em centenas de cartazes que, por todo o mundo, vão anunciando lutas para os mais diversos títulos, com «bolsas» de estrear um próprio milionário. Dizem os nostálgicos, os folheadores da história antepassada, que o boxe nasceu como uma arte: a arte de socar, de utilizar a finta e o jogo de pernas para escapar aos punhos do antagonista. De praticar uma espécie de «ballet», um ritmo musical que funciona no estilo «um, dois, três, esse homem tem queixo de cristal, aplica-lhe um 'jab', dá-lhe um 'directo', mete um 'upercut'. Pronto, já está: oito, nove, dez, KO. Ganhasse! És o campeão!»



Lord Byron: poeta romântico foi apaixonado pelo pugilismo

Escreveu-se já que «o boxe não tem cor» e na esteira deixa, na valeta ou na estrada lumi-

nosa, uma rotina de nostalgias, o eco de aplausos, o som de façanhas que ficaram

por surgir, o prolongamento de memoráveis combates em que a arte e a subtileza venceram a força bruta ou (pelo contrário) imperou sobre o ringue o peso de punhos como aço, a força impressionante de autênticos Golias enraivecidos. Os mais antigos, aqueles que são capazes de fazer aflorar à memória a filosofia do tempo, ondulam as cabeças: não há campeões como os antigos, não existem mais as loucas paixões que faziam deslocar multidões atrás dos melhores e mais renomados titulares do pugilismo. O tempo dos tangos de Gardel ou do vozeirão de Caruso aparece novamente apenas de década em década: é um marco sucessivamente desejado, conquistado e logo novamente quebrado em estilhas.

Que deseja a multidão?

Na «belle époque», no abrir deste século quase em decomposição, o boxe esteve no auge. Depois, dentro dos anos 60, começou a conhecer-se com certa profundidade o que estava por detrás das luzes do ringue, para além dos roupões de seda que os campeões envergavam já pensando no dia em que a televisão os iria mostrar por essas terras fora. Principiou a saber-se porque razão tantos pugilistas terminavam a vida sobre os ringues, entre doze cordas, um foco de luz sobre as suas cabeças e o punho do outro lado que chegou com contornos de um «gancho», quase sem ser visto, relampejante, estrelado, certo. Que aterrou no rosto uma leve fracção de segundos antes do queixo ficar virado para o céu. Milhares de



Paulino Uzcudun: o campeão espanhol mais famoso de todos os tempos como peso pesado

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR MANUEL AUGUSTO MOUTINHO DA SILVA PEREIRA, Juiz de Direito na 1.ª Secção deste 10.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa:

FAZ SABER que nos autos de acção declarativa constitutiva com processo Sumário registados sob o n.º 2703, que MARIA CLOTILDE JORGE NINA, viúva, residente na Av. Guerra Junqueiro, 22-2.º, Esq.º, em Lisboa move contra o Município de Lisboa, Ministério Público e interessados incertos, correm Editos de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do anúncio, para deduzirem a sua habilitação como herdeiros ou representantes do falecido EDUARDO JORGE, também conhecido por EDUARDO JORGE RODRIGUES, que foi casado com Clotilde da Conceição Jorge, também já falecida, que foram residentes no então lugar de Venda Nova (hoje Freguesia), na Rua Elias Garcia, Amadora.

Fica CITADA qualquer pessoa que se julgue com melhor direito ou com direito igual ao da Autora, para os termos da acção supra identificada, pelos fundamentos constantes da petição inicial, cuja cópia se encontra arquivada nesta Secretaria e será entregue logo que solicitada, e para no prazo de dez dias, querendo contestar a referida acção ou deduzir a sua habilitação, fíndos que seja o prazo dos editos, do direito à concessão do terreno onde está edificado o Jazigo n.º 5075, sito na Rua 45, Lado Esquerdo, do Cemitério dos Prazeres em Lisboa, sob pena de não o fazendo, decretar-se que a Autora é, por usucapião, a única titular do direito de concessão acima indicado.

PARA CONSTAR se lavrou o presente e outros de igual teor que vão ser legalmente afixados.

Lisboa, 6 DE DEZEMBRO DE 1989.

O JUIZ DE DIREITO,
Manuel Augusto Moutinho
da Silva Pereira

O Escrivão Adjunto,
Rui Freira

DL 4/1/90 — 2.º Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

SEGUNDO JUÍZO

Por este Tribunal e 3.ª Secção correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da publicação dos anúncios citando os requeridos para, no prazo de oito dias, fíndo o prazo dos editos, contestarem, querendo, o pedido feito pela autora Companhia de Seguros Império, E.P., no processo de Habilitação de Herdeiros n.º 11 412/A, instaurado por apenso à Acção Sumária movida ao réu José Manuel Leal Salvador Costa, este falecido no decurso da acção.

Esse pedido consiste em que os requeridos José Manuel Pinheiro Coutinho Leal da Costa e mulher Azita Esmail Leal da Costa, ausentes em parte incerta e com última residência no Monte da Laginha — S. Manços, comarca de Évora, sejam julgados sucessores do falecido réu, para como seus representantes prosseguirem os termos da causa.

Com a contestação devem oferecer o rol de testemunhas ou quaisquer outros meios de prova.

Lisboa, 19-12-89.

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)

A Escrivãria,
(assinatura ilegível)

DL 4/1/90 2.º Pub.

DESPORTO



Joe Louis: o «bombardeiro de Detroit» foi rei dos ringues durante 13 anos. Esta é uma das primeiras fotos como profissional

espectadores tinham ido ali, pago bom dinheiro, saboreado charutos caros e fazendo apostas com os vizinhos porque esperavam isso mesmo: o KO da fera abatida, que os colocava em delírio enquanto o animal derrubado recolhia em maca ao balneário. Ou ao hospital. Ou viajava logo a caminho da mesa mortuária, ainda a multidão rugia de alegria, como aconteceu no embate em que Gino Verdinelli (no Pavilhão hoje denominado Carlos Lopes) foi duramente vergastado pelos golpes do adversário (Robert Villemain) e o público, completamente fora de si, não aceitou a queda para o tapete, julgando (crendo, jogando em absoluto nisso) que se tratava de «chiqué»: quatro dias mais tarde, em Roma, falecia o pugilista transalpino que fora apupado sem dó nem piedade quando já pairava à porta de outra galáxia.

Os donos do animal encurralado

Exacto: a emoção está muitas vezes de braço dado com a violência sem domínio. Os técnicos e o «manager» do «boxeur» que mal se podia erguer, que nada via, que tinha a consciência toldada e dores mortais. Iam soprando ar, agitavam nervosamente uma toalha húmida de suor e lágrimas, mesmo já tinta de sangue, tentando que o seu vaivém sobre o corpo derrubado conseguisse restituir-lhe uma réstea de energia. Por vezes, um «preparador» mais humano, menos escravizante, fazia chamamento ao médico de turno, que subia ao ringue, mirava rapidamente a assistência interrogativa e levantava as pálpebras ao pugilista que, suspenso das nuvens, nem sequer entendia que lhe estavam examinando as pupilas, que o luto no olhar era a única tonalidade que o esperava daí para diante.

Sem se procurar destruir o boxe (pelo contrário: mostrar todas as suas faces) é obrigatório salientar que o percurso que levou muitos campeões, da fome ao ginásio, do treino para o quadrilátero cercado por doze cordas, aos braços das mais belas mulheres, ao ouro e ao aplauso, à fama que se irá lentamente diluindo nas páginas dos jornais, todo esse andamento é, em esmagadora maioria de exemplos, movimentado pelo peso dos dólares, das libras esterlinas, das pesetas, dos marcos, dos francos, dos pesos, dos ienes: tudo que está em equação no horizonte, mas só contempla quem os donos das marionetas resolvem escolher para alimento rápido da sua voracidade. O mísero donativo que contempla o animal ferido é a fatia de pão que se joga de um bolão, em marcha acelerada, para a criança faminta de uma África em todos os quadrantes.

tes. Por detrás de uma figura de proa há sempre uma mulher, dizem os historiadores do nosso tempo. No boxe, a frase tem outra vertente: escondido na capa que envolve um campeão mora a ganância sem fronteira de um empresário, de uma associação de apostas, de um «manager» capaz de vender a própria alma ao diabo. À Mafia ou à Camorra.

Regras do jogo

O boxe parece ter nascido na Grécia, durante as primeiras Olimpíadas. Porém, com o andar do calendário, «o odor da emborcação foi degenerando em cheiro a Mafia. No KO mortal, a fome regressou». E existe uma série de famosos campeões dos ringues que voltaram bruscamente ao pé descalço, que mergulharam na lama, que retornaram à velha casa de lama no chão de

tronos onde a grande fatia do bolo nunca lhes entraria na carteira.

Claro que esta imagem é opaca, está (aqui e além) intervalada com o desfile de pugilistas que seguiram o mote: para cada campeão, ficam no tapete alguns mortos e mil falhanços. Apesar da idade de ouro do pugilismo ter voltado a algumas latitudes, é necessário alertar quantos procuram esquecer que, em paridade com os ringues, existem hospitais psiquiátricos «onde alguns homens do boxe conseguem fugidamente lembrar-se de nuvens de algodão manchado de vermelho». E há sempre, em qualquer taberna de grande cidade, alguém que recorda a gritaria que escutou quando o seu terrível e demolidor «crochet» atirou para o KO um grande campeão.

Neves de Sousa /EFE



Joe Louis actuando como árbitro num embate entre jovens pugilistas. Uma fatia da sociedade moderna considera deplorável o ensino do boxe a garotos com menos de 13 anos

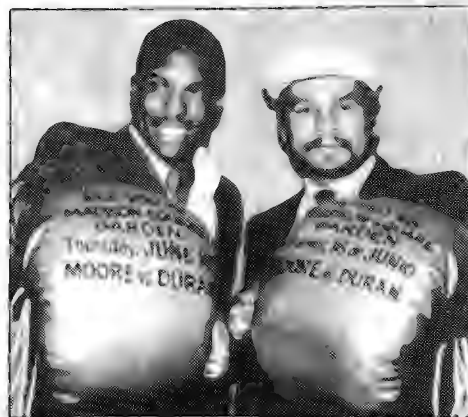
ou quinze anos depois de terem sido passeados em ombros, pouco tempo passado sobre os meses em que das algibeiras dos seus deslumbrantes fatos de seda caíam para as mãos de outros famintos milhares de notas graúdas.

Logo que o boxe se converteu em profissão, mal foi regulamentado e os punhos nus ou embrulhados em correias deram lugar à luta com luvas de várias onças, quando as «humanizou» a prática do mais violento dos desportos-espectáculo, mal se decidiu que os combates tinham de ter pausas de um minuto entre cada 180 segundos de murro e não apenas terem paragem quando um dos lutadores perdia o conhecimento ou abandonava, surgiram os famosos, os «monstros» que iriam dar fortunas a quem melhor os utilizasse, a quem mais «sabiamente» os encaminhasse para

Nova gerência promete renovar nosso boxe

Tudo leva a crer que a Federação Portuguesa de Boxe passe a ter nova gente, ao leme, procurando uma volta (pelo menos a 90 graus) do quase marasmo em que tem arrastado a mais recente existência. Há nomes para uma lista directiva que fazem supor o renascimento do pugilismo num país onde, desde Horácio Velha e Al Pereira a Levy e Fernando Matos, aconteceram períodos cíclicos em que muitas figuras populares encaminhavam o público para sessões com profissionais que chegavam a processar-se, por esse país fora, a uma média de dez por mês.

O bloco que surge como única lista para a sucessão da ge-



Davey Moore («mãos de pedra») terminou mal a carreira. Aqui o temos ao lado de Duran, com quem trocou luvas no nova-iorquino Madison Square Garden

rência até
 agora enca-
 beçada por
 Raul Reis
 integra Má-
 rio Nobre,
 o professor
 Silva Mar-
 ques, Patrí-
 cio Álvares,
 Antônio Ca-
 vaco, Artur
 Lopes, Fern-
 ando Pe-
 res, Álvaro
 Almeida,
 Vítor Peres,
 Mário Bra-
 gança e tem
 o apoio do
 professor
 João Horta

Gato (director técnico nacional) pensando-se que também alguns dos principais treinadores em exercício (Ricardo Ferraz, David Ferreira) estão de acordo em dar a sua colaboração para que o pugilismo volte a animar-se.

O programa de trabalho da lista única que se apresenta a sufrágio é ambicioso e, nomeadamente, prevê (a 17 de Fevereiro) a 1.^a eliminatória da «Taça de Portugal», com equipas representativas das Associações de Lisboa, Porto e Setúbal, as únicas que, de momento, possuem praticantes em número suficiente para se organizarem grupos de cinco atletas. A «Taça» terá a sua fase final a 13 e 14 de Outubro. Por seu lado, os campeonatos regionais devem ocorrer em meados de Março, após o que os elementos escolhidos para participarem no Torneio Internacional de França vão cumprir estágio gratuito durante uma semana, em Saint Nazaire.

Outras actividades previstas: campeonatos nacionais, intervenção na Boxam-90 (que terá lugar na cidade espanhola de Huelva), uma delegação no Torneio Internacional de Martigny (Suíça), turma lusitana no campeonato europeu de juniores e, a meio do ano, pugilismo em grande nas «Festas da Cidade de Lisboa», em despique com «boxeurs» do Luxemburgo, da Suíça e da Bélgica.

Um cartaz de actividades que (todavía) fica inteiramente dependente das capacidades de resposta de clubes e associações. Todavía, é um ponto de partida para se sacudir a ressequida e abandonada árvore que já deu a Portugal bons triunfos internacionais.

Neves de Sousa



PROF. DOUTOR
JORGE DA SILVA
HORTA

**AGRADECIMENTO
E MISSA DO 7.º DIA**
Filhos, genros e noras,
netos e demais família,
vêm agradecer a todos
quantos, de algum mo-
do, manifestaram pesar
pela sua morte e partici-
pam que será celebrada
missa, no sábado dia 7
de Janeiro, pelas 19 ho-
ras, na Igreja de S. João
de Deus, em Lisboa.

**Academia de Instrução e Recreio Familiar
Almadense**

FUNDADA EM 27 DE MARÇO DE 1985
RUA CAPITÃO LEITÃO, 64 — TELEF.
275 21 27 — 2800 ALMADA

SEDE PRÓPRIA E CINE-TEATRO

**AGRACIADA COM O GRAU OFICIAL DA ORDEM DE
BENEMERÊNCIA CONSIDERADA DE UTILIDADE PÚBLICA
EM 27-10-978**

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA ELEITORAL

Conforme o disposto nas alíneas a) e b) do Art.º 45.º dos Estatutos, convoco os sócios desta colectividade a comparecer ao acto eleitoral, no dia 21 de Janeiro de 1990, na sala do associado, com início às 14.00 horas e encerramento às 24.00 horas, para a eleição dos corpos gerentes e mesa da assembleia geral para o biênio de 1990/1991.

Almada, 27 de Dezembro de 1989

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

OSVALDO AZINHEIRA

HOJE CONTINENTE

Regiões do Norte: - Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado para a tarde. Vento fraco ou moderado de Noroeste, rodando para Sudoeste. Períodos de chuva para o fim do dia. Nebolina ou nevoeiro matinal.

Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação Noroeste de 3 metros.

Regiões do Centro e Sul: - Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco do quadrante Norte. Nebolina ou nevoeiro matinal.

Costa Ocidental: - Mar de pequena vaga. Ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação Sudoeste de 1 metro.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: - Céu muito nublado, apresentando aberturas para a tarde. Vento moderado a forte de Oeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros.

Mar cavado a grosso. Ondulação Noroeste de 4 a 5 metros.

Grupo Oriental: - Céu geralmente muito nublado. Vento nublado a forte de Sudoeste. Períodos de chuva.

Mar cavado. Ondulação Noroeste de 4 metros.

MADEIRA

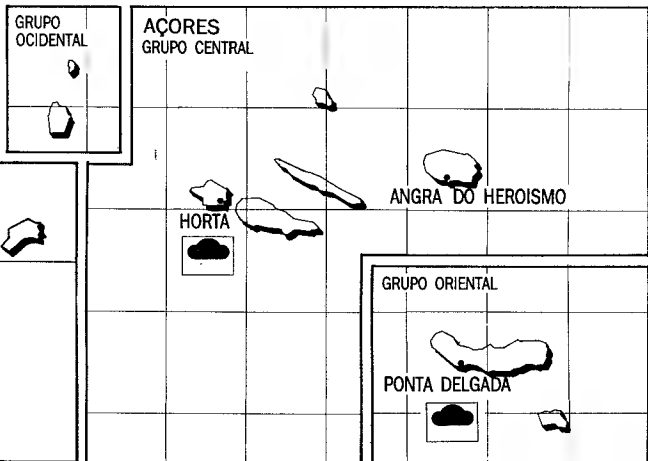
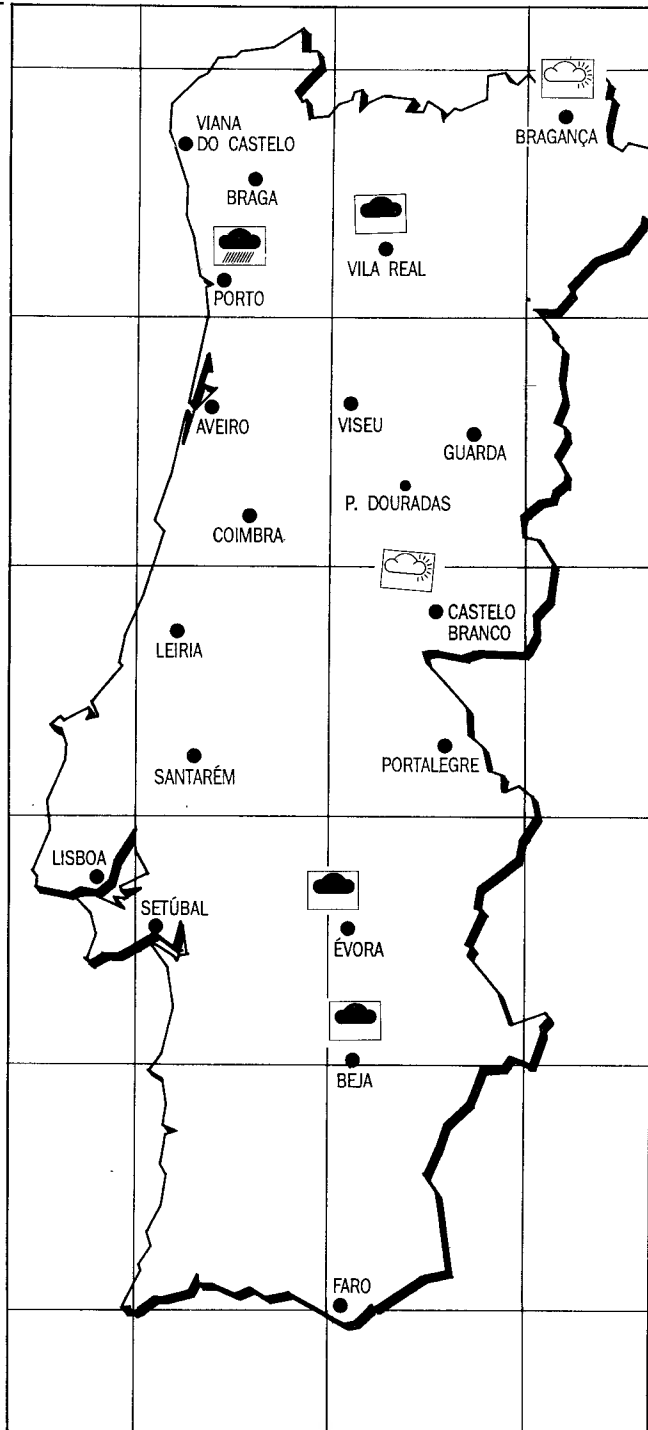
Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

Costa Norte: - Mar encrespado. Ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Costa Sul: - Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: - Céu pouco nublado. Vento Fraco.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança.....	2	2	P. nub.
V. Castelo.....	7	7	Nevoeiro
Vila Real.....	5	5	M. nub.
Porto.....	7	-	Nebolina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	6	7	M. nub.
C. Carvoeiro.....	10	13	M. nub.
C. Branco.....	4	6	Limpo
Portalegre.....	4	5	P. nub.
Lisboa.....	8	9	M. nub.
Évora.....	6	7	M. nub.
Beja.....	5	5	Nevoeiro
Faro.....	6	6	Limpo
Sagres.....	11	13	P. nub.
P. Delgada.....	14	15	Encoberto
Horta.....	13	13	-
Funchal.....	12	12	P. nub.
Sines.....	-	-	-

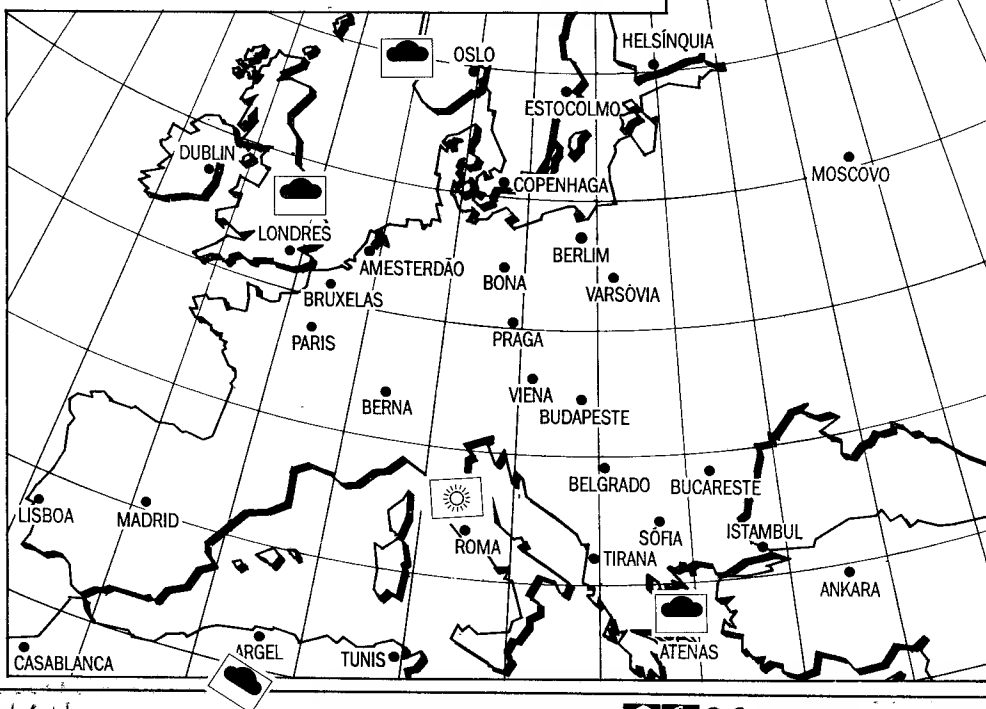
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 15; Porto, 14; Faro, 15; P. Delgada, 17; Funchal, 19.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	0	0	Limpo
Londres.....	4	5	Bruma
Paris.....	-2	-2	Nebolina
Bruxelas.....	-2	-1	M. nub.
Amsterdão.....	-2	-1	Nebolina
Genebra.....	-1	-1	Nebolina
Roma.....	1	5	M. nub.
Oslo.....	-6	-3	Nebolina
Copenhaga.....	0	0	M. nub.
Estocolmo.....	-5	-2	Neve
Berlim.....	-1	-1	M. nub.
Viena.....	-10	-7	Nebolina
Varsóvia.....	-9	-8	P. nub.
Atenas.....	5	6	Encoberto
Moscovo.....	-18	-17	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Chicago.....	0	2	Neve
Houston.....	13	16	Aguaceiros
Los Angeles.....	5	18	P. nub.
Montreal.....	-4	3	Aguaceiros
Nova Iorque.....	2	10	Aguaceiros
S. Francisco.....	7	14	M. nub.
Toronto.....	0	3	Chuva
Vancouver.....	3	8	Chuva
Washington.....	4	13	Chuva
Hong Kong.....	8	15	Chuva
Melbourne.....	13	28	Limpo
Pequim.....	-10	2	Limpo
Perth.....	15	27	Limpo
Singapura.....	23	30	Limpo
Sydney.....	17	24	P. nub.
Tóquio.....	3	8	V. fraco
Wellington.....	12	18	Chuva



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
07.53	3,5m	01.08 1,3m
20.32	3,2m	13.59 1,2m
Amanhã		
09.00	3,3m	02.27 1,4m
21.44	3,2m	15.09 1,3m

HÁ 20 ANOS



Década de 70-Informação

A electrónica revolucionou na década de 60 muitos aspectos do trabalho, do divertimento e do estudo humanos - e terá uma influência muito mais profunda na década agora iniciada. Em casa, no escritório e na escola, em todo o Mundo, desde o fundo dos oceanos até ao espaço exterior, o desenvolvimento electrónico dos últimos dez anos transformou fundamentalmente as técnicas das comunicações e da informação.

Franco e Ano Novo

Franco, como habitualmente, dirigiu a sua mensagem de fim de ano aos espanhóis. Apesar da controvérsia sobre a interpretação da mensagem, os observadores não podem deixar de concluir que não está iminente a retirada do Chefe do Estado espanhol..

Vacina anti-gripe

A Inglaterra deverá pôr em breve à disposição do público uma nova vacina contra a gripe. A vacina será administrada por via nasal e, segundo se julga, dará imunização total pelo menos durante três anos.

EFEMÉRIDES

1289

D. Dinis outorga «para sempre» a Vila Real de Panoias um fidalgo destinado a mil povoadores, concedendo-lhes termos, direitos, courelas e um «casario dentro do castelo para quantos la puderem caber».

1837

É extinto o Colégio dos Nobres, fundado em 1761, pelo Marquês de Pombal.

1881

O jornal diário «O Século» inicia a sua publicação.

1904

Josef Estaline, deportado na Sibéria, por actividades revolucionárias, evade-se da prisão.

1929

Morre, em Lisboa, o poeta Guilherme de Faria, que esteve ligado ao movimento do integralismo lusitano.

1960

Morre o escritor francês Albert Camus, galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 1957.

1964

O Papa Paulo VI inicia uma peregrinação de três dias à Terra Santa.

1984

Inicia-se, em Albufeira, o julgamento do presumível assassino de Issam Sartawi, Al Awad, identificado posteriormente como Mohamad Rashid.

1986

Mário Soares, candidato à Presidência da República, apresenta, no Porto, o seu manifesto eleitoral.

AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA PERMANENTE

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Ameixoeira - Lumiar:** Santos, Al. António Sérgio, 8-C - Urb. Quinta Santa Clara; Avenidas Novas: Figueiras, Av. Marquês Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Castelo:** Silva, Calçada Santo André, 16, Tel. 862074; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Frete Hospital do Desterro:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4 D-F, Tel. 549479; **Penha Franca:** Dimar, Rua Conde Monsarraz, 17-B, Tel. 8142533; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Manuel Vicente Jesus, Largo do Rato, 3 C-D, Tel. 681947; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Rocha:** Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16; São Domingos Benfica: Vitex, Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Ajuda: Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117, Tel. 3633288; **Alvalade:** Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Baixa:** Azevedo, Filhos,

Rossio, 31, Tel. 327478; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Dazul, 32-B, Tel. 671667; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; **Fundação Calouste Gulbenkian:** Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Parque Eduardo VII:** Latina, Av. António Augusto Aguiar, 17-A, Tel. 542312; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Heleno, R. 1, Lote C - Reboleira, Tel. 964476. Permanente; Carlos, R. Sebastião Gama, 28 - B. Casal S. Brás. Permanente; Clabel, R. António Sardinha, 23-D, Tel. 4938551. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; Albergaria, L. Prof. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro - Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até

às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; S. Pedro de Sintra: Valentim, Tel. 9230456. Permanente.

OUTRAS LOCALIDADES

Moscavide: Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520. Permanente.

LINHA DE CASCAIS

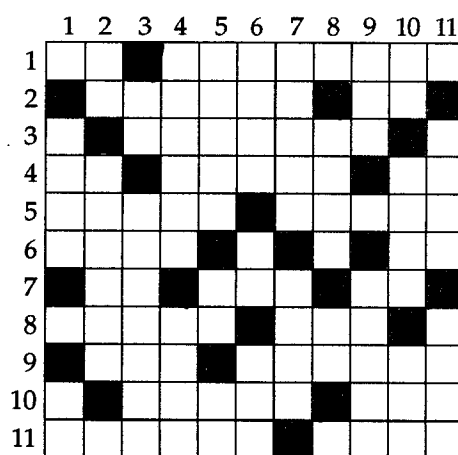
Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Modorma:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho,

1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A, Tel. 2766498. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higienica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azalbuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2531192. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007. Até às 22 h; **Montijo:** Diogo, R. Almirante Reis, 50, Tel. 2310532. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Coron. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; **Setúbal:** Oliveira, R. Misericórdia, 10, Tel. 22488. Permanente; **Oliveira Rodrigues:** Vale Cerejeiras, Lote 11, Tel. 31567. Permanente; **Louro:** R. Frei Ant.º Chagas, Tel. 24491. Até às 22 h.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17829

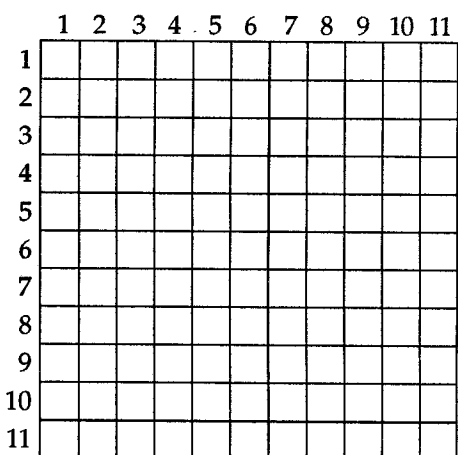
HORIZONTAIS:

1 Uma pinta no jogo de dados. Ornamentara.
2 Poisai no mar (o avião). Boro (s.q.).
3 Acarinhar.
4 Preposição. Animal da classe dos acarídeos. Brisa.
5 O futuro. Aduz em defesa.
6 Fêmea do cavalo. Alumínio (s.q.).
7 Antes do meio-dia. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Pago (abrev.).
8 Exclusiva. Rio da Suíça.
9 Nome de mulher. Furado.
10 Tratas por tu. Numeral cardinal.
11 Abalas. Enrubesce.

VERTICAIS:

1 Introduz. Em a.
2 Freguesia do conelho de Ponte de Lima. Namoradeira.
3 Miriare. Tornar a mastigar.
4 Latada. O mesmo que catechu.
5 Cidade da Sicília. Apelido. O mesmo que uma (ant e pop).
6 Leito. Artigo definido. Hastes.
7 Gemera. Vais para fora.
8 Ave semelhante à pomba. Actínio (s.q.).
9 Sopé. Formação de plantas herbáceas.
10 Letra grega. Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Conceder.
11 Rio da Rússia. Cozinha.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16639

HORIZONTAIS:

1 Dá massagens a. Relata.
2 Esbarre com alguém. Abalar.
3 Recuar. Nome de jogo.
4 Concede. Consagras. Nota musical.
5 Bário (s.q.). Pertences.
6 Voltar. Torna oco.
7 Piedosa. Pessoa de categoria (gir.).
8 Pertences. Remaram para trás.
9 Chefe etíope. Rezara.
10 Jarro (planta). Preposição. Mágua.
11 Alburno. Cânhamo de Manila. Para barlavento.

VERTICAIS:

1 Querida. Nome de frutos.
2 Nome de fruto. Mirara.
3 Sapo do Amazonas. Grande árvore da Índia. Figura que simboliza o povo americano.
4 Enterrar. O sono das crianças.
5 Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Procedia.
6 Nome de planeta. Preposição.
7 Flutuas. Perfume.
8 Filéiras. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
9 Alcool de melado. Tom-bada.
10 Esteiros. Átomo. Lista.
11 Tempo forte, entre os latinos. Animal da classe dos acarídeos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17828

HORIZONTAIS: 1 - TEM. POUÇOS. 2 - Óleo. Açor. 3 - Mas. Anatava. 4 - Amancebaram. 5 - Dei. Anari. 6 - Anda. An. 7 - Mi. Há. PS. Si. 8 - Irou. Nô. 9 - Gosma. Rolai. 10 - Osa. Brava. 11 - Sassa. Sargo. VERTICAIS: 1 - Toma. AMIGOS. 2 - Elam. Irosa. 3 - Mesada. Osas. 4 - NENHUM. 5 - Ácida. Aba. 6 - Orne. 7 - Aba. Porás. 8 - Catanas. Ova. 9 - Ocara. Alar. 10 - Sovaras. 11 - Rã. INÍMIGO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16638

HORIZONTAIS: 1 - AC. Partíamos. 2 - Tarar. Alaga. 3 - Oba. És. Im. 4 - Ar. Aliava. 5 - Rima. Atas. 6 - Lançai. 7 - Tirritamos. 8 - Opacos. Ca. 9 - Farás. Viras. 10 - Apa. Ta! Vais. 11 - Sósia. Mossa. VERTICAIS: 1 - Atoar. Sofás. 2 - Cabril. Papo. 3 - Ra. Mataras. 4 - Ba. Nanica. 5 - Are. Crosta. 6 - Sanais. 7 - Ia. It. 8 - Aleia. Avivo. 9 - Má. Atam. Ras. 10 - Ogiva. Ocás. 11 - Samas. Sassa.

PROVÉRBIO: TEM POUÇOS AMIGOS NENHUM INÍMIGO.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Contraste; 17.00: Antena 1 - Regiões (2.ª edição) - Informação; 17.15: Porto d'Abrijo - RDP Norte

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; 17.00: Sete Mares; 19.00: Informação e Música; 20.00: A Europa dos Doze; 20.30: Musical; 21.00: Passos Perdidos - Actualidade Parlamentar (Informação); 21.30: Livre e Directo (Desporto); Notícias intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

17.00: Dicionário Sonoro do

Teatro; 17.30: Sonata para Violino e Piano n.º 1, op. 80, de Prokofiev; 18.15: Ângulos e Reflexos; 19.00: Integrais - As 10 Sonatas de Scriabine, para piano; 19.26: Álbum Musical. - Obras de Stravinsky, Satie, Ravel e Britten; 20.40: Esta Madrugada no Dois; 21.00: Canto Primeiro; 21.25: Música de Hoje. - Obras de Iannis Xenakis, Stockhausen e Philip Glass; 22.00: Música Antiga de Mozart e Haendel; 23.00: Espaço Sinfónico. - Sinfonia n.º 2 em dó menor «Ressurreição», de Mahler; 00.30: Concerto de Câmara. - Obras Orquestrais e Beethoven; 01.30: Canções Orquestrais Inglesas; 02.00: Até às 08.00 horas Música na Madrugada em Disco Compacto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

14.00: Não há duas sem três; 17.00: Contacto; 19.00: Peça

que a Gente Passa; 21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de Desporto; 23.00: 24.ª Hora.; 01.00: Fantástico; 02.00: Serviço Nocturno. - Notícias de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97,4 MHz

15.00: Casa da Música; 16.00: Rock em Stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao Fim e ao Cabo; 20.00: Topo de Gama; 22.00: Pessoal e Transmissível; 00.00: Morrison Hotel; 01.00: Som da Frente; 03.00: Serviço Nocturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASÇENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

16.00: Banda da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Continua; 20.00: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Sequência; 22.00: Revista; 22.30: Bola

Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Nordeste Magazine.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; 18.00: Bola Branca; 18.30: Sete Colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do Terço; 21.00: Lisboa à Noite.

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

PERIGOSA SEDUÇÃO

Filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Filme de Robert Zemeckis com Michael J. Fox e Christopher Lloyd.

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

OS CAÇA FANTASMAS PARTE II

Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

ABISMO

Filme de qualidade de James Cameron

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
Telef. 691275

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Um filme de Robert Zemeckis.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de vYS.
Maiores de 6 anos. Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3

PERIGOSA SEDUÇÃO

Um filme de Harold Becker com Al Pacino e Ellen Barkin.

Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4

O MEU AMIGO MAC

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 5

OS CAÇA FANTASMAS II

Um filme de Ivan Reitman.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6

SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Um filme de Steven Soderbergh com James Spader e Andie MacDowell.

Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7

OS MARADOS À SOLTA

Maiores de 6 anos.

CARTAZ



Em exibição na Sala 4 do Quarteto

O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

M/12

Pub.

Um filme de Howard Zieff
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8

ABISMO

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

A SENHORA

Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10

OLIVER E OS SEUS COMPANHEIROS

Um filme de Tan Haisen - Desenhos animados.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30,

19.30, 21.30 e 24 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Telef. 324194

FÚRIA SUICIDA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

PARAÍSO CARNAL

Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407

FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA

Com Telly Stalone e Rosy Esternizen
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253

BATMAN

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MORTO À CHEGADA

Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

Telef. 9434773

INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA

Com Harrison Ford e Sean Connery
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

BATMAN

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Maires de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523

O ABISMO

Filme de qualidade de James Cameron.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134

OS CAÇA FANTASMAS II

Filme Ivan Reitman com Bill Murray e Den Aykroyd.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Telef. 8487255

O APELO DO AMOR

Com Brian Keith e Alexandra Paul
Maiores de 6 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503
Tel 7145088

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

OS CAÇA FANTASMAS II

Filme de Ivan Reitman
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia. Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA

Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

A BELA DE DIA

Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Filme de Jamie Uys.
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes
Telef. 8480808

BATMAN

Filme de Tim Burton com Michael Keaton e Jack Nicholson.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808

OS CAÇA FANTASMAS II

Filme de Ivan Reitman com Bill Murray e Dan Aykroyd.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

O VELHO GRINGO



RITZ-CLUB

RUA DA GLÓRIA, 57
TEL. 325140
LISBOA

UM ESPECTÁCULO PARA RIR,
AMAR E DANÇAR DEPOIS!!!

O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA

COM

KARLEY AIDA e SUAS POMBINHAS AMESTRADAS!

O PRESIDENTE MÁRIO NEVES!

A BELÍSSIMA CARLA EFE!

O GRACIOSO RUI FIALHO!

O CÃOZINHO BOBY!

e

JUVENAL GARCÊS em STAN LAUREL (ESTICA)

EDUARDO FIRMO em OLIVER HARDY (BUCHA)

ENCENAÇÃO DE MÁRIO VIEGAS

3.ª a sáb. 21.30 — Sáb e dom. 16 h.

COMPANHIA DAS LUZES apresenta

BALANCÉ

encenação de **ANTÓNIO CALDEIRA PIRES**

em **WILLIAM GIBSON**

CLUBE ESTEFÂNIA

3.ª, 4.ª, 5.ª 21.30 6.ª e Sábado 19.00 Domingo 17.00

Rua Alexandre Braga 24-A/Tel. 5642249

Sub-S.E.C. APOIO: FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO, FUNDAÇÃO GULBENKIAN, Diário de Lisboa, Rádio Comercial, TSF Rádio Jornal, Embaixada EUA, Tecnistor, Movit-Modelo, Liane, Abbondanza Matos Ribeiro, Italuz, Teatro Nacional de S. Carlos, C.M.L., Manuel João Trigo, Manuel, Martins, Gonçalves, Cristina Reis, Luis Caldeira Pires, Lena Redondo, Manuela Gonçalves, Manuel Reis, Prolea.

CARTAZ

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

**OLIVER E OS SEUS
COMPANHEIROS**

Maiores de 6 anos.
Às 14.30 e 17.30 horas.
CEGOS SURDOS E MUDOS
Maiores de 12 anos.
Às 19.30 e 21.45 horas

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162

O ABISMO

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
Telf. 801313

**REGRESSO AO FUTURO
PARTE II**

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão
Telf. 538743

**REGRESSO AO FUTURO
PARTE II**

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

**OS DEUSES DEVEM ESTAR
LOUCOS II**

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
Telf. 574362

**OLIVER E SEUS
COMPANHEIROS**

De Charles Dickens
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30 e 19.00 horas
O VELHO GRINGO
Às 21.30 horas

ODEON

R. dos Condes, 4
Telf. 326283

O BRAÇO DA VINGANÇA

Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13
Telf. 325309

**FÉRIAS DELIRANTES NO
HAWAI**

Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
ABISMO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 18.45 e 21.45

PLAZA 2

**OS DEUSES DEVEM ESTAR
LOUCOS II**

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.45 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
Telf. 326305

**REGRESSO AO FUTURO
PARTE II**

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telf. 771378

**VOZES DISTANTES, VIDAS
SUSPENSAS**

De Terence Davis
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22 e 24 horas.

QUARTETO 2

SEXO, MENTIRAS E VÍDEO

Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

QUARTETO 3

**OLIVER E SEUS COM-
PANHEIROS**

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16, 17.30 e 19 horas.

O VELHO GRINGO

Maiores de 12 anos.
Às 21.45 e 24 horas.

QUARTETO 4

**SKINDEEP - O AMOR É UMA
GRANDE AVENTURA**

De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telf. 579144

**REGRESSO AO FUTURO
PARTE II**

Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3

**OS DEUSE DEVEM ESTAR
LOUCOS II**

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE

Av. da República
Telf. 730715

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telf. 804210

**OS DEUSES DEVEM ESTAR
LOUCOS II**

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telf. 371573

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 6 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telf. 706666

CEGOS SURDOS E LOUCOS

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telf. 368446

O ÁS E O JOKER

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

A MOSCA II

Maiores de 18 anos. Às 23.30 horas.

SINTRA

**AMADORA
BABILÓNIA**

Centro Comercial Babilónia
Telf. 4934871

**OS DEUSES DEVEM ESTAR
LOUCOS II**

Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

CINE ESTÚDIO LIDO

Encerrado temporariamente

**CACÉM-ESTÚDIO
FLORES**

Telf. 9247570

STALONE PRISIONEIRO

Maiores de 18 anos

**QUELUZ - KING D.
PEDRO III**

Telf. 4364845

SALA 1

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas

SALA 2

**OLIVER E OS SEUS
COMPANHEIROS**

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.

SALA 3

SEXO, MENTIRAS E VÍDEO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS**OEIRAS**

ALTO DA BARRA 1

Telf. 4439759

O ABISMO

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2

SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

**NOVA OEIRAS - CINE
PALMEIRAS 1**

Telf. 2479144

**SINDEEP - O AMOR É UMA
GRANDE AVENTURA**

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2

**REGRESSO AO FUTURO
PARTE II**

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

**CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE**

Telf. 2465653

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR

1

Telf. 2841744

O ABISMO

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

MIRAMAR 2

**REGRESSO AO FUTURO
PARTE II**

Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.45 horas.

ALMADA

**ALMADA
ACADEMIA**

ALMADENSE

Telf. 2752127

CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA

CINEMA PESCADOR

Telf. 2905350

AMOR CHOCANTE

M. de 16 anos

Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO**LISBOA****TEATRO ABC**

Parque Mayer - Telf.

3466783

De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45; Domingos e feriados às 16.00 horas.

AI CAVAQUINHO

De Eduardo Damas com Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

**A BARRACA - CIN-
EARTE**

Largo de Santos, nº2 - Telf.

665360 ou 686300

De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom.

às 16 horas.

MARGARIDA DO

MONTE

De Marcelino Mesquita

**TEATRO DO CASINO
DO ESTORIL**

Telf. 2684521

WHAT HAPPENED TO

MADEIRA IGLÉSIA?

Texto e encenação de Filipe La Féria.

TEATRO DA

TRINDADE

R. Nova da Trindade -

Telf. 320000

De 3ª a Sábado às 21.30;

Domingos às 16 e 21.30

horas.

«VERÃO»

(Curta série de represen-
tações)

De Edward Bond com
Fernanda Alves e Isabel de
Castro

TEATRO DA

COMUNA

Praça de Espanha - Telf.

7260818

De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.

Domingos às 17.00 horas.

PÉCORA de Natália

Correia.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - Telf.

778898

De 5ª a Sábado às 21.30

horas; Domingo às 16.00

horas.

HAPPY END

De Dorothy Lane/Bertolt

Brecht.

**TEATRO DA PO-
LITÉCNICA**

Rua da Escola Politécnica,
58 - Telf. 674474

De 3ª a Sábado às 21.00;

Domingo às 16 horas.

D. JOÃO E A MÁSCARA

De António Patrício.

TEATRO VILLARET

Av. Fontes Pereira de Melo,
31-A - Telf. 538586

De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e sáb.

às 20.30 e 22.45,

Domingos e Feriados às 16

e 21.30 horas.

ORA

BATE...BATMAN'SO

RITZ CLUB

R. da Glória, 57 - Telf.

325140

De 3ª a Sábado às 21.30;

Sábado e Domingo às 16.00

horas.

O REGRESSO DE

BUCHA E ESTICA.

Encenado por Mário

Viegas.

VARIEDADES

Parque Mayer - Telf.

326037.

De 3ª a Domingo às 21.30;

Domingos e feriados às

16.00 horas.

OS MENINOS À RODA

DA MAMÃ.

Versão livre de Henrique

Santana.

**COLISEU DOS RE-
CREIOS**

R. das Portas de Santo

CARTAZ

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;

PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES: até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real".

BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa

PALÁCIO FOZ: por ocasião dos 150 anos de Fotografia no Mundo e 25 de Agência em Portugal, a Lusa apresenta uma exposição comemorativa.

PALÁCIO GALVEIAS (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida dos Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos fotográficos recuperados nos arquivos do "DN".

CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-

1º): até 10 de Janeiro, "Coco Frois David".

GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 5 de Janeiro, pintura dos finalistas da Escola Superior de Belas Artes do Porto "ESBAP 89".

ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".

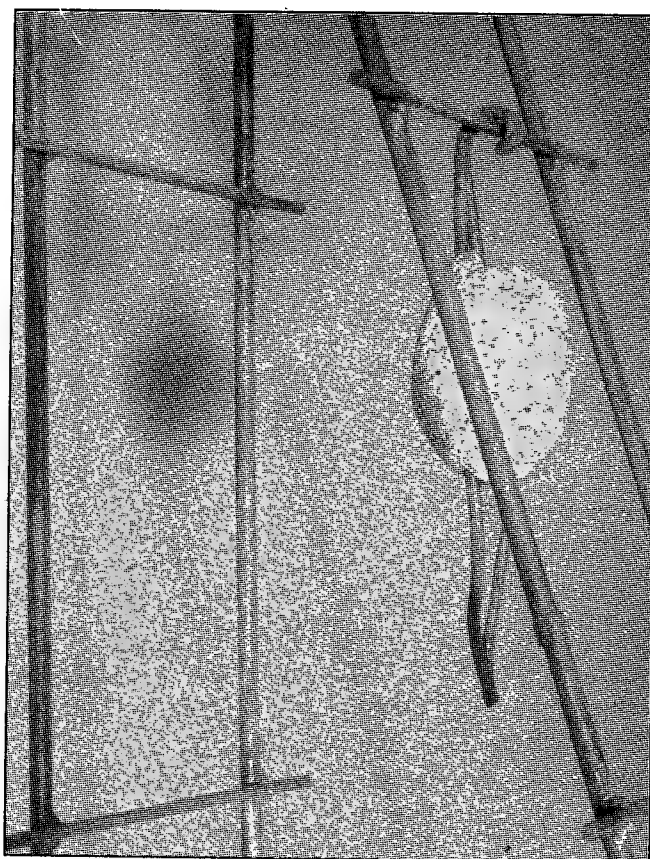
GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15-Telheiras): até 14 de Janeiro, "Ideias Soltas", pintura de Rui de Azevedo.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 6 de Janeiro, Joalharia Contemporânea e obras de Ângelo de Sousa.

GALERIA FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): até 7 de Janeiro, uma exposição de peças únicas em cristal superior da designer Niza de Melo Falcão.

CENTRO DE ARTE SOCTIP (R. de Dona Estefânia, 195-D): até 5 de Janeiro uma Exposição Antológica de Cruzeiro Seixas, "Prémio Artista do Ano 1989".

GALERIA 111 (Campo Grande, 113): até 12 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, Pintura de Eduardo Bataida.



"Vestígios" de José Barrias na Galeria EMI-Valentim de Carvalho

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 13 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, colectiva de Pintura com obras de Alfredo Luz, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, Fernando Ançã, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha, Rogério Amaral e Silva Palmeira.

EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19-sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vagoço.

GALERIA MULTIFACE (C. Comercial Gemini, loja 65-R. Sousa Lopes): até 15 de Janeiro, Pintura de Bual.

GALERIA INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 6 de Janeiro, Cerâmica de Miguel Figueiredo.

GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.

RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 5 de Janeiro, uma exposição colectiva de Pintura de Augusto Barros, Guilherme Parente, Maria José Camões e Rico Sequeira

HOTEL ALFA LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 15 de Janeiro, de segunda a sábado das 16 às 20,30, Pintura de Sérgio Ribeiro.

HOTEL MERIDIEN LISBOA (R. Castilho, 149): até 22 de Janeiro, diariamente das 9 às 23,30, a exposição de Pintura e Escultura do «GAP - Grupo de Artistas Portugueses».

AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.

ALFA MIXTA-ESPAÇO D'ARTE (R. Escolas Gerais, 34): até 13 de Janeiro, Pintura de José Mougá.

GALERIA MÓDULO (C. dos Mestres, 34-A): até 4 de Janeiro, Pintura e Desenho de Pedro Saraiva

RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.

GALERIA PRÍNCIPE REAL (P.º Príncipe Real, 32 r/C): até 13 de Janeiro, «Paisagens» de Olivero Masi.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 10 de Janeiro, de segunda a sábado das 15 às 20 horas, desenhos de Maria Soares

GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 8 de Janeiro, a exposição de Fotografia "O modelo visto pelos pintores", de Hervé Dangler.

GALERIA DE SÃO BENTO (R. do Machado, 1 - ao Quelhas): até 16 de Janeiro, uma colectiva de Pintura e Escultura

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.

GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões

CASA DO HUMOR (Museu Raphael Bordalo Pinheiro-Campo Grande, 382): Encontro Luso-Brasileiro de Humorcaricaturas de artistas brasileiros e portugueses.

GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.

GALERIA NASONI/LISBOA (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A): até 7 de Janeiro, Pintura de João Vieira.

GALERIA DIVERSA (R. dos Sapadores-à Graça- nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Silvia Westphalen

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.

GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): pintura e escultura de Lívio Morais.

ARREDORES

RESTAURANTE AVANT GARDE (R. da Saudade, 6-Cascais): "Multiples" de Ormond Fannon.

CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 7 de Janeiro, das 15 às 24 horas, o "Salão de Pequeno Formato. No Espaço 2, até 2 de Janeiro, com o mesmo horário, óleos do artista espanhol Manuel Pardo.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 8 de Janeiro, Pintura de Maria Filomena.

PALÁCIO NACIONAL DA PENA (Sintra): até 6 de Janeiro, Pintura de João Viola subordinada ao tema "Verdes do Outono de Sintra" no Espaço "Ucharia Real".

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 12 de Janeiro, pintura e escultura de Hélio Xavier, João Mário, Maria Fernanda Amado, Vítor Vieira e Tina Passos

HOTEL TIVOLI SINTRA: até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ALMADA: até 6 de Janeiro, uma exposição dedicada a uma joalharia, promovida pela Escola/Galeria Contacto Directo.

GALERIA DE SANT'AGO (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.

GALERIA ARTE & VIDEO (C. Comercial Piedense-Cova da Piedade): até 6 de Janeiro, a colectiva de Pintura "Almada em várias cores".

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO: até 15 de Janeiro, uma exposição sobre "O Distrito de setúbal e a Leitura Pública".

GALERIA VORAGEM (Av. da República da Guiné-Bissau, 28- Setúbal): até 4 de Janeiro, a colectiva "17 Artistas do Distrito de Setúbal".

GRUPO TEATRO HOJE

NO TEATRO DA TRINDADE

Curta série de representações

Verão
de
Edward Bond

COM:
• Fernanda Alves (em colaboração com o T. Nac. D. Maria II)
• Isabel de Castro
• José Wallenstein
• Maria José Pascoal
• Ruy Furtado

Encenação:
Carlos Fernando
Cenografia:
José Manuel Castanheira
Figurinos:
Mariana Sá Nogueira

De 3.ª a sáb. às 21.30
Domingos: às 16 h
Marcações pelo telefone: 32 00 00

PATROCÍNIO:
Círculo de Leitores

Lanalgo, Louis Vuitton, Paris em Lisboa, Pinhol, Pollux, Antena 1, Rádio Comercial, Rádio Minuto, Diário Lisboa, JL, Vítor Hugo, Voz do Operário, Ytong Ibérica.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Persil, Decimal-A Baleia, Um Toque de Magia e Tom Sawyer
18.30 - RUA SÉSAMO
44º episódio: o Ferrão vai ajudar a resolver alguns problemas, após o que será abordada a forma de utilizar o ditongo "ão". Também se pode aprender a construir uma cadeira.
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.07 - O TEMPO
20.10 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.15 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
20.20 - VALE TUDO
21.10 - PÓ DE ANJO
O drama estala numa família quando o filho do casal, apontado como um jovem exemplar, se torna toxicómano após se ter iniciado com marijuana e "pó de anjo". Jean Stapleton contracenando neste telefilme com o seu próprio filho, John Putsch, que nele teve a sua estreia como actor. Original dos EUA, com argumento de Darlene Craviotto, baseado no livro de Ursula Etons. Fotografia de Frank Beascoechea, música de James Horner, realização de Dick Lowry, interpretação de Jean Stapleton, Arthur Hill, John Putsch, Darlene Craviotto, Percy Rodrigues, Helen Hunt e Patrick Cassidy.
22.45 - JEAN-MICHELL JARRE
Depois da sua estreia com o álbum «Oxygène», que alcançou notoriedade internacional e trepou aos mais altos lugares das tabelas discográficas norte-americanas - estava-se em 1977 e o facto foi ainda mais espantoso tratando-se de um



No 1º Canal às 20.20, mais um episódio de «Vale Tudo»

trabalho assinado por um jovem compositor - Jean-Michel Jarre nunca mais deixou de surpreender e vencer. Com uma linha musical muito própria, baseada em criteriosos trabalhos de pesquisa, ele é um autor/intérprete que aposta na universalidade, como poderemos ver neste programa.
23.45 - 24 HORAS
00.20 - REMATE

RTP-2

- 16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE EXTRA-TERRESTRE
1º episódio: neste espaço reservado às séries juvenis, assinala-se o regresso de «Benji, Zax and The Alien Prince», uma história de aventuras vividas por Benji, um cão muito especial, e por um jovem príncipe.
17.20 - UM BILHETE PARA O OUTRO MUNDO
3º episódio
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

11º episódio: Zezé vai a casa de Serginho, filho de Helena del Nero e o miúdo dá-lhe um brinquedo velho. Zezé sente-se muito feliz, pois poderá oferecê-lo ao irmão, pelo natal. Godoya começa a apaixonar-se por Henrique e este amor é, ao que parece, correspondido.

- 18.30 - OS HANDERSON
3º episódio
19.25 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina»
20.20 - PRIMEIRO ANDAMENTO
Sonatas de Beethoven por Sequeira Costa
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - MAUDE
139º episódio: após os inesperados acontecimentos em que se vê envolvida na primeira parte deste episódio, Maude, que foi nomeada congressista, lança a grande confusão na máquina política, ao insistir em fazer as coisas à maneira dela.
21.55 - HORA DA VERDADE
23.00 - QUINTA DIMENSÃO
4º episódio

AMANHÃ

RTP-1

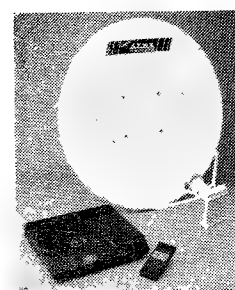
- 09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ, COM RUA SÉSAMO
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA - PORTO
13.30 - GLOSS
14.20 - PALAVRAS CRUZADAS
15.15 - UM OLHAR SOBRE A NATUREZA
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
18.55 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA - LISBOA
20.05 - O TEMPO
20.11 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.20 - BOLETIM AGRÁRIO
20.25 - VALE TUDO
21.15 - MOBIL NOS CAMINHOS PORTUGUESES
21.30 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.30 - TELEMUNDO
23.05 - CHEFE, MAS POUCO...
23.30 - 24 HORAS
23.00 - REMATE
00.10 - PELA NOITE DENTRO
«O Julgamento de Jean Harris»

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX

TEL. 410 82 75
ALGÉS

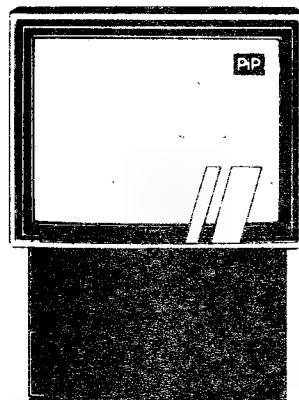


RTP-2

- 15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - 3,2,1 CONTACT
17.25 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.30 - HAJA MÚSICA
19.25 - OS CLÁSSICOS DA TV
20.20 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.45 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ESPECIAL DESPORTO
Resumo do jogo de futebol PSV-Ajax
00.15 - ROTAÇÕES/DESPORTO

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

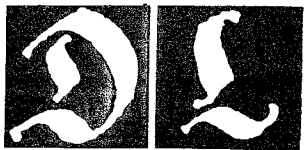
Um pequeno ponto faz a diferença



SR. CONDUTOR

Facilite às crianças o atravessamento da rua

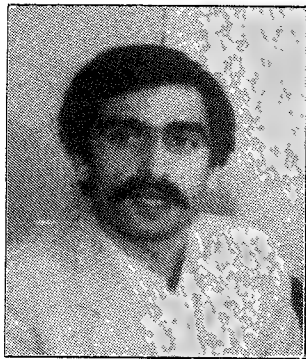
ANO EUROPEU DA SEGURANÇA RODoviÁRIA



«O PSD não soube criar para si uma nova alma que lhe desse a consistência filosófica e a vitalidade social de um projecto. Ficou-se, tecnocraticamente, na gestão corrente do país.»

Manuel Abranches de Soveral, «Comércio do Porto», 03.01.90

A PERGUNTA DO DIA



João Mesquita
presidente do Sindicato
dos Jornalistas

O que pensa da programada extinção do Conselho de Imprensa?

«Sou completamente contrário à ideia de extinção do Conselho de Imprensa e a qualquer projecto nesse sentido. Não conheço o projecto em pormenor, mas as informações que tenho são no sentido de que o Governo prepara a extinção do Conselho de Imprensa. Do meu ponto de vista, o Conselho tem desempenhado um papel extremamente positivo em duas vertentes essenciais: na defesa da liberdade de informação, que é em si mesma uma liberdade essencial e também na defesa dos princípios ético-deontológicos que devem reger o exercício da profissão. A actual direcção do Sindicato dos Jornalistas, no seu programa eleitoral e ao tomar posse, assumiu uma posição de princípio contra a extinção ou qualquer enfraquecimento do Conselho de Imprensa. O papel e os poderes deste Conselho deveriam ser reforçados. E os seus pareceres deveriam ser mais respeitados por quem gere a comunicação social e pelo próprio poder político. Na revisão constitucional chegou a considerar-se a hipótese de constitucionalização do Conselho de Imprensa e eu, pessoalmente, posso dizer-lhe que era favorável a essa ideia.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

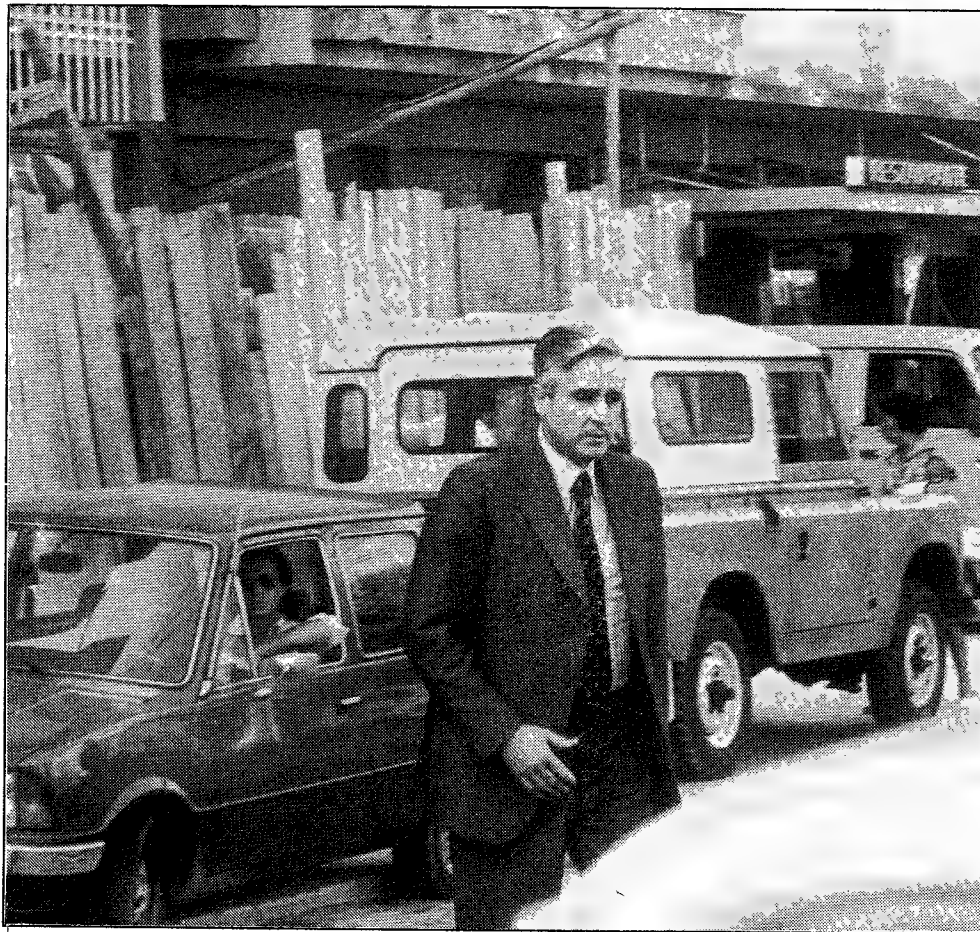
Entrevista
com o Provedor
de Justiça

«Remodelação
e solidão»
por Fernando
Piteira
Santos

O suplemento
A MOSCA

ENTREVISTA

Álvaro Barreto estava há onze anos no Governo. Foi agora demitido por Cavaco Silva, depois de ter dito numa entrevista aquilo que os outros ministros só se atrevem a dizer em privado. Mas continua a pensar que «mais do que a mudança de pessoas era necessário reestruturar o Governo»



«Governo está condenado a ter o sucesso que merece»

D.L. - Como recebeu a notícia da remodelação do Governo e da sua substituição?

A.B. - Recebi-a com a calma e a consciência tranquila de quem tem a noção do dever cumprido. Mas recebi-a também com surpresa e preocupação, pois não se fez a reestruturação orgânica que o Governo necessita, indispensável para a restauração da confiança do eleitorado e para responder aos desafios que se avizinham. Mais do que a mudança de pessoas era necessário reestruturar o Governo.

Não estão em causa as pessoas que agora entram, mas como a remodelação se ficou por aqui o Governo está condenado a ter o sucesso que merece... Não é que eu deseje que o Governo do partido a que pertença tenha insucesso, mas estou céptico.

D.L. - Julga que foi penalizado pelo primeiro-ministro por ter dado uma entrevista ao semanário «O Jornal»?

A.B. - Só o primeiro-ministro é que pode responder, porque ele não me disse nada sobre a matéria. Como nem sequer me tocou no assunto, admito que não tenha tido. Nada me foi referido sobre qualquer entrevista. Estive apenas meia dúzia de minutos com ele. Aliás, o número de minutos que estive com ele é metade do número de anos que servi o meu país como governante...

D.L. - Pensa que deveria ter dado conhecimento prévio daquela entrevista ao primeiro-ministro?

A.B. - Não. Prezo muito a minha independência. Disse em público o que os meus colegas de Governo dizem em pri-

vado. Como leu na entrevista, eu disse que a competência, a escolha do timing e a capacidade de julgar o que é que vale mais, se é a popularidade do ministro se é o seu valor cabem, como não podia deixar de ser, ao primeiro-ministro. Apenas disse em público aquilo que penso. Se voltasse atrás diria e faria o mesmo. É aquilo que eu penso e é o que pensa a grande maioria do PSD.

D.L. - Não julga portanto que lhe devia ter pedido autorização para dar a entrevista?

A.B. - Nunca fiz isso na minha vida, porque é que o devia fazer agora?...

D.L. - O comunicado da Presidência do Conselho de Ministros refere que foi exonerado a seu pedido. Pediu a exoneração?

A.B. - Não. Não é verdade que eu tenha pedido a exoneração. Há um ano sim. Pedi ao senhor primeiro-ministro para sair, mas ele pediu-me para continuar. Depois das últimas eleições de 17 de Dezembro e face aos resultados manifestei a minha disponibilidade para continuar, até porque não me queria afastar do Governo quando o PSD sofreu uma quebra eleitoral. A razão da minha saída não se prende com qualquer pedido de exoneração. Considero-me sim é exonerado.

D.L. - O que vai fazer agora?

A.B. - Agora vou descansar, viver com a minha família e jogar golfe. E depois vou tomar opções sobre a minha vida.

A. J. T.

meteorologia

As pessoas comem, bebem e dizem palermices... chegam de longe, chegam de perto, falam do tempo, jogam às cartas... assim respondeu Tchechov quando um jornalista lhe perguntou de que tratavam as suas peças. Só que Tchechov soube, e por vezes em cumplicidade com o seu encenador, submeter-nos a um tal encanto intensivo dessas banalidades que sentimos correr o tempo físico que não é nosso, que confrontamos os pormenores da nossa infância com os da cena, que tudo está vivo, nós também.

Mas apesar de Tchechov ser ainda um contemporâneo da nossa cultura e sensibilidade, e provavelmente entrará no próximo século em boa forma, quando revi, da Televisão soviética, no dia 29 de Dezembro (exactamente 2 anos após a sua morte) o último filme de Andrei Arsenievitch Tarkovski, *O Sacrifício*, graças à omnipresente antena nos tectos das casas de Praga instalada ainda na época de Brejnev, o mundo dele, tão russo como o de Tchechov, é já outro. Obriga-nos a olhar diferentemente, não transforma as histórias em símbolos, mas os símbolos em narrativa, em vivência, experiência. Os filmes de Tarkovski tal como as peças de Tchechov são realidades e verdades. Porém, o seu espiritualismo ou, se se quiser, a metafísica, movimentam-se por vias diferentes, entre as árvores russas.

Tão russo, *O Sacrifício*, apesar de ser uma co-produção sueco-anglo-francesa, de 1986. O seu autor morreu antes de poder responder à chamada de Gorbachev.

Revisto, pois, na TV soviética em Praga, *O Sacrifício* do então exilado, falado em sueco; só agora a tradução sobreposta por voz off em russo fez voltar Tarkovski a casa. E também graças ao mesmo Brejnev os checos puderam ainda no passado recente, ver a TV soviética mais perestroikiana do que checa oficial.

Duplo, o boomerang.

Jorge Listopad

PENSAR LISBOA

J. P. Martins Barata



Pedidos
No seu livreiro ou directamente a
Livrás Horizonte, Lda - Rua das Chagas, 17 - 1.º Dt.º 1200 LISBOA

queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal

Preço de capa: 800\$00

Nome _____
Morada _____
Código Postal _____ Telef.: _____

Edição: Livros Horizonte Tel.: 36 69 17/36 85 05
Distribuição: DIGLIVRO - Lisboa tel.: 99 22 00/01/02
MOVLIVRO - Porto tel.: 57 89 37/57 85 94

A.M.A. Auto Monumental do Seguro S.A.

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTOS DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 4 JANEIRO 1989 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Conto de Montserrat Roig, pág. 3; Beckett, encontros com Cioran e com Alfredo Margarido, págs. 4 e 5; A década segundo Nuno Júdice e Paulo Teixeira, pág. 6; Poema de Irene Lisboa, Tocqueville, pág. 8

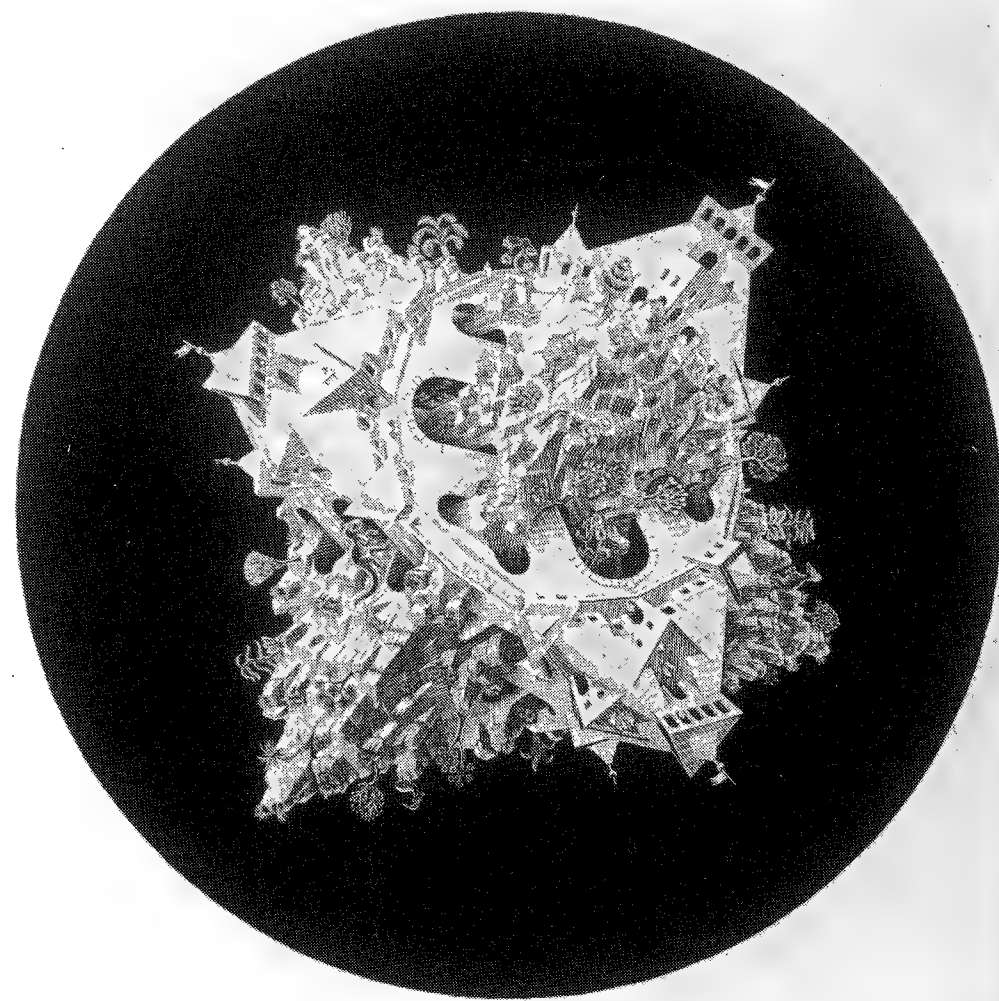
CIDADES DO FUTURO? CIDADES DE CALVINO

Não se pode presumir que Kubali Khan creia em tudo o que Marco Polo lhe conta, quando lhe descreve as cidades por ele visitadas ao longo das suas viagens; mas, em todo o caso, o imperador dos Tártaros con-

tinua a escutar o jovem Veneziano com mais atenção do que a qualquer dos seus outros emissários e exploradores. Há um momento na vida dos imperadores em que, ao orgulho de ter conquistado territórios sem limites, se sucede a melancolia e o conforto de saber que em breve será necessário renunciar a conhecê-los; e compreendê-los; uma sensação que se poderia dizer de vazio assalta-nos uma noite com o odor dos elefantes depois da chuva, e a cinza do sândalo arrefecendo nas fogueiras extintas; uma vertigem que faz tremer os rios e montanhas desenhados sobre os cumes selvagens dos planisférios; e deixa que se enrolem, uns sobre os outros, os ofícios anunciando-nos a derrocada dos últimos exércitos inimigos, de derrota em derrota; desfazendo a cera de selos reais de monarcas de quem nunca ouvimos falar e que imploram a protecção das nossas tropas vitoriosas em troca de tributos anuais em metais preciosos, peles curtidas e carapaças de tartarugas; o momento de desespero em que descobrimos que esse império, que antes nos parecia ser a suprema maravilha, não é senão um descabro grotesco e infundável, onde a corrupção se torna demasiado perversa para que o nosso ceptro possa de qualquer modo trazer algum remédio; e que a vitória conseguida sobre os soberanos inimigos nos tornou também herdeiros da sua lenta derrocada. Apenas nos relatos de Marco Polo, Kublai Khan discernia, através das muralhas e torres prometidas e prestes a desabar em ruínas, a filigrana de um desenho suficientemente fino e capaz de escapar à insistência das térmites.

AS CIDADES E A MEMÓRIA. 2.

Ao homem que cavalga longamente através de regiões selvagens acontece-lhe desejar uma cidade. Chega por fim a Isidora, onde as escadas dos palácios possuem espirais cravejadas de conchas marinhas, onde se fabricam óculos e violinos com os preceitos da arte, e também onde o forasteiro que hesita entre duas mulheres encontra sempre uma terceira, e onde os combates de galos degeneram em rixas sangrentas entre os apostadores. Era tudo isto que ele imaginava ao desejar uma cidade. Isidora era a cidade da sua quimera: apenas com uma diferença. No sonho ele existia na cidade enquanto jovem. Mas quando chegou a Isidora, já estava avançado na idade. Na praça havia um pequeno muro onde os velhos viam passar a juventude; ele próprio estava lá sentado entre os outros. Os desejos já então apenas recordações.



M.C. ESCHER

AS CIDADES E A MEMÓRIA. 4.

Para lá dos seus rios e das três cordilheiras surgiu Zora, cidade que não esquece aquele que alguma vez a viu. Não que deixe na memória, tal como outras cidades notáveis, uma imagem fora do comum. Zora tem a propriedade de permanecer na idéia, lugar após lugar, na sucessão das ruas e das casas ao longo das ruas, e das portas e janelas das casas, sem bem que não apresente nenhuma beleza ou qualquer particularidade. O seu segredo está no modo como o olhar percorre as figuras que se seguem como numa partitura onde nada se pode modificar, onde nenhuma nota pode ser deslocada. O homem que conhece de memória como Zora é feita, quando à noite não consegue dormir imagina que anda pelas ruas e recorda a ordem em que se seguem o relógio de cobre, o telheiro raiado do barbeiro, a fonte com sete repuxos de água, a torre de

vidro do astrónomo, a loja do vendedor de melancia, a estátua do eremita e do leão, o banho turco, o café na esquina, a travessa que leva ao porto. Esta cidade que não se apaga do espírito é como uma ossatura, ou uma rede onde em cada quadrícula se pode dispor aquilo que quisermos recordar; nomes de homens ilustres, virtudes, números, registos de vegetais e minerais, datas de batalhas, constelações, excertos de discursos. Pode-se estabelecer, entre cada noção e cada ponto do itinerário, um elo de afinidade ou de contraste que permite à memória o seu reconhecimento instantâneo. Se bem que os homens mais sábios do mundo sejam aqueles que reconhecem Zora de cor.

Mas foi inutilmente que iniciei a viagem para visitar a cidade: constringida a permanecer imóvel e igual a si própria para que melhor a pudessemos recordar, Zora consumiu-se, desfez-se, desapareceu. A Terra esqueceu-a.

AS CIDADES E O DESEJO 3

Chega-se a Despina de duas maneiras: de barco ou no dorso de um camelo. A cidade apresenta-se de modo diverso segundo se chega por terra ou por mar.

Aquele que, do alto de um camelo vê perfilarem-se no horizonte do planalto os pináculos dos arranha-céus, as antenas de radar, os golpes branco e rubro das ferramentas, o fumo das chaminés, pensa num navio. Sabe que é uma cidade mas pensa-a como uma embarcação que o levaria para bem longe do deserto, um veleiro prestes a levantar a âncora, já com o vento a enfunar-lhe as velas ainda presas; ou um vapor onde a caldeira vibra no seu casco de ferro. Pensa em todos os portos, nas mercadorias de além-mar que as gruas descarregam no cais, nos albergues onde as tripulações de diversas nacionalidades despedaçam garrafas, nas janelas iluminadas do rés-do-chão onde, em cada uma delas, uma mulher retoca o penteado.

Na bruma da costa, o marinheiro divisa a corcova de um camelo, uma sela bordada de franjas cintilantes entre duas bossas mosqueadas que avançam balançando. Sabe que se trata de uma cidade mas imagina-a como um camelo de cuja albarda pendem odres e alforjes de frutos secos, vinho de palma, folhas de tabaco e logo se pensa à cabeça de uma longa caravana que o leva bem longe do deserto de água, até aos oásis de água doce, à sombra dentilhada das palmeiras, para palácios de espessos muros de cal onde nos pátios dançarinas bailam descaldas movendo os braços dentro e fora dos seus véus.

Toda a cidade recebe a forma do deserto a que se opõe; assim Despina, a cidade nos confins entre dois desertos, é vista por aquele que viaja de camelo e pelo marinheiro.

AS CIDADES E O DESEJO 5

A partir daquele ponto, após sete dias e sete noites, o homem chega a Zobeida, cidade branca, bem exposta à lua, com ruas que rodam sobre si próprias como novelos. Eis o que se conta a propósito da sua fundação: homens de diversas nações tiveram um sonho idêntico no qual viram uma mulher correr em plena noite numa cidade desconhecida. Viram-na de costas, com longos cabelos, e estava nua. Sonharam que a seguiam. No fim, cada um deles perdia-lhe o rasto. Tendo assim sonhado partiram em busca do local. Não o descobriram mas encontraram-se todos e decidiram construir uma cidade idêntica à do sonho. Ao dispor das ruas, cada um reconstituiu o itinerário da sua busca; no local onde tinham perdido o rasto da fugitiva ordenaram o espaço e os muros de forma diversa do sonho, de modo que ela não mais pudesse escapar.

Deu-se assim origem à cidade de Zobeida onde se instalaram na esperança de que uma noite se repetisse a cena. Nenhum deles, nem em sonhos, nem em vigília, voltou a ver a mulher.

cont. na pág. 2

cont. da pág. 1

Era por aquelas ruas que eles iam todos os dias para o trabalho, sem qualquer relação com a perseguição do sonho que, de resto, há muito estava esquecido.

De países diversos chegaram outros homens que tinham tido também a mesma visão e reconheciam na cidade de Zobeida algo das ruas do seu sonho. Começaram a mudar de lugar as ar-

cadáveres e as escadarias para que tudo se parecesse ainda mais com o caminho da dama perseguida, e para que lá no local em que ela desaparecera, não restasse qualquer saída por onde pudesse escapar.

Os primeiros habitantes já não compreendiam o que atraía a Zobeida toda aquela gente, essa cidade sem graça, uma ratoeira.

AS CIDADES E AS TROCAS 2

Em Chloé, uma grande cidade, as pessoas que passam nas ruas não se conhecem. Vendo-se imaginam mil coisas umas sobre as outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as dentadas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares cruzam-se apenas um instante afastando-se em busca de outros olhos, nunca parando.

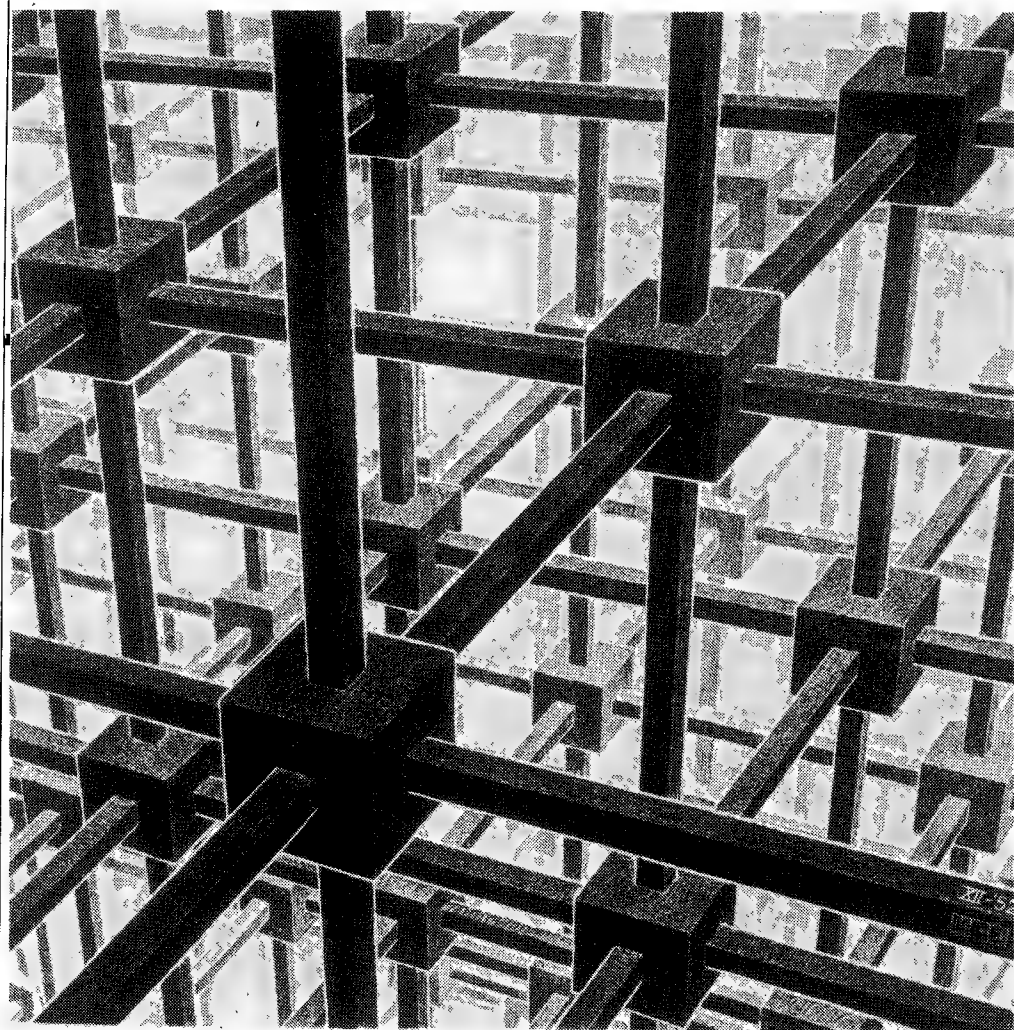
Passa uma jovem balançando ao ombro uma sombrinha e também um pouco o redondo das ancas. Passa uma dama vestida de negro exibindo toda a idade, os olhos inquietos sob o véu e os lábios trêmulos. Para um gigante tatuado; um jovem de cabelos brancos; uma anã; duas irmãs gêmeas vestidas de coral. Há algo que corre entre eles, uma troca de olhares como linhas juntando uma figura à outra e desenhando flechas, estrelas, triângulos, até que, num instante, todas as combinações se esgotam. E outros personagens entram em cena: um cego levando

à trela um leopardo, uma cortesã com o seu leque de plumas de avestruz, um efebo, uma mulher obesa. Assim, entre aqueles que por acaso se encontram nas arcadas protegendo-se da chuva, ou se apertam sob o toldo do bazar, ou param na praça a escutar a orquestra, realizam-se encontros, sedução, abraços, orgias, sem que uma palavra seja dita, sem que se mova um único dedo e quase sem um levantar de olhos.

Chloé, a mais casta das cidades, é atravessada continuamente por uma vibração luxuriante. Se os homens e as mulheres vissemos os seus sonhos fugitivos, cada fantasma transformar-se-ia numa pessoa a qual se iniciaria toda uma história de perseguições, simulacros, mal-entendidos; de feridas e opressões; e deixaria de rodar o carrossel das fantasias.

Italo Calvino
Les Cites Invisibles
Point

(trad. de Guilherme Ismael)



M.C. ESCHER

«O Cisne Cego»

Maria Helena
Torrão
Editorial Vesper

Maria Helena Torráo, que já nos ofereceu dois romances, o primeiro em 1981 («Quando os rios não fluem») e o segundo em 1984 («Os cataventos mortos»), publica agora (Editorial Vesper) um conjunto de contos subordinado ao título «O Cisne Cego». São cinco histórias que, em nossa opinião, desmerecem da obra anterior - e isso pelo simples motivo de neste seu livro não sermos surpreendidos por (a- ceite-se a expressão) aquele «vento de loucura», como acentuou a generalidade da crítica (oficial e amadora), que nos dava personagens, ambientes e situações que exorbitavam do quotidiano rotineiro e nos propunham uma outra espécie de mundo.

Em «O Cisne Negro», muito embora a autora mantenha o rigor de estilo e a construção impecável dos títulos anteriores, sucede, no entanto, que se prende em demasia ao «dêjá vu», isto é, a formas de vida que, uma vez contempladas do exterior, logo nos mostram o seu interior. São rostos que imediatamente nos revelam as respectivas almas - o que, em claras palavras se diga, não acontece quer em «Quando os rios não fluem», quer em «Os cataventos mortos».

Para boa compreensão dos juízos até aqui formulados, recordemos, embora resumidamente, a temática daqueles dois romances. No primeiro, «Quando os rios não fluem», preparava-se-nos a situação de um homem que, a certa altura da vida, resolve modificar toda a atmosfera da casa: paredes forradas com novo papel, móveis de linhas helicodais, quadros abstractos, lâmpadas azuis em todos os aposentos, alcátifas negras, reposteiros prateados... A mulher, professora universitária de Filosofia, mostra, a princípio, uma

certa inquietação - mas quando a casa é já outra, inteiramente renovada do tecto ao soalho, enquadrase de tal maneira no ambiente que não só felicita o marido pela mudança como também lhe confessa um amor renovado. O marido, aceitando os cumprimentos e as manifestações de afecto, diz-lhe com grande disciplicência: «Não dizes tu, querida, que tudo muda, tudo flui, repetindo um aforismo de um qualquer filósofo grego...?» Ela riuse, no esplendor loiro e leitoso dos 30 e poucos anos, e lembrou que o tal filósofo grego se chamava Heráclito e defendia o princípio de que tudo mudava, tudo fluía... «Panta rei, tudo flui, eis o que ele ensinava» - disse a mulher, sufocada num abraço, exibindo as clássicas palavras helénicas. O marido encolheu os ombros, deu uma pequena gargalhada - e no dia em que a esposa, na Faculdade de Letras, prestava provas académicas de agregação, eis que ele... Bem - pura e simplesmente meteu outra mulher em casa, a quem ternamente chamava Jane-

ca Charbaneca, repudiando a legítima intelectual com quem se casara havia dez anos. Divórcio, evidentemente - e ele, nos corredores do Tribunal, muito sério para ela: «Tudo flui, minha querida...» O resumo agora feito em muito afecta a análise psicológica das personagens, furtando-lhes riqueza, colorido, tiques, etc. Logo: o leitor deve debruçar-se sobre essa obra-prima que, sem dúvida nenhuma, se intitula «Quando os rios não fluem».

Como, aliás, não deve também menosprezar «Os cataventos mortos», romance que nos diz, primorosamente, que não é a paisagem que é um estado de alma, e sim um estado dos olhos, pelo que os cegos, não vendo a paisagem, sentem melhor do que as outras pessoas o vento, o perfume das flores, o aroma da terra molhada, etc. Parecendo, a princípio, uma obra cruel, é um título que se reveste de grande teor humanista, mercê das situações que, uma a uma, se vão contrapondo, fora de qualquer maniqueísmo, em ritmo ora sincopado,

ora alucinante.

Toda esta imaginação e busca de novos temas se perdem, quanto a nós, em «O Cisne Cego», limitando-se Maria Helena Torrão a contar, em cinco histórias, tudo quanto, de maneira soturna, dia a dia nos acontece. Sem inventiva, sem mãos capazes de agarrar a matéria literária, sem (re)pitamos) aquele «vento de loucura» que, inicialmente, a crítica elogiou. Será que uma romancista não poderá ser uma contista? Estará MHT num impasse? Enfim - perguntas são a que só a própria escritora poderá dar uma resposta. Que a dê em breve e nos volte a surpreender com escritos como os seus dois primeiros romances - e não mais repita a experiência de «O Cisne Cego», cisne a quem aconselhamos um bom par de óculos que o ajude a contemplar outras coisas para além de coisas que, afinal, são meras "coisinhas" de pouca monta: a vida, apesar de mesquinha, é sempre mais.

Pedro Alvim

EDITAR É ESCOLHER

Este mês a **teorema** escolheu:

A *Epopeia de Mr. Skullion*, de Tom Sharpe
A *Europa na Idade Média*, de Georges Duby
Viagens Portuguesas à América, de S.E. Morison

R. Pe. Luís Aparício, 9 - 1.º Fr.
Tel. 529988 Telex 64077 P — 1100 LISBOA

pré-publicação:

A MAGIA CATALÃ

Letícia, que nesse tempo ainda se chamava Dolors, estava a bordar um cisne com asas douradas quando ouviu o primeiro grito. Correu para a jovem filha do patrão e encontrou-a prestes a tombar na banheira de patas de dragão.

— Menina, parece que chegou a hora — disse Dolors.

Ajudou-a a ir até à cama e foi à cozinha preparar tudo o que era necessário. Depois avisou o senhor Malagelada, que estava, nesse momento, a ler o «Excelsior» de Joan Maragall. Dolors deixou o bordado a meio. Não sabia que já não teria tempo de o acabar. Quando o quis fazer, sozinha, na aldeia, mal via para completar a fina grinalda que rodeava as asas douradas.

Alpargata veio ao mundo numa cama de estilo Segundo Império. Nessa cama já tinham nascido o bisavô e o avô. O nascimento deu-se na noite de 25 de Janeiro de 1938. Alpargata foi baptizado clandestinamente, ao fim de uma semana, com o nome que perderia depois de descer ao poço.

Era uma terça-feira e a montanha do Tibidabo tinha ficado coberta por uma luz vermelha, muito intensa, que soltava relâmpagos constantemente. As pessoas da cidade, que passavam fome e estavam fartas de ver mortos, interpretaram aquilo como um sinal celeste, um sinal de bom augúrio que apontava para o final da guerra.

Espalharam-se diversos boatos: uns diziam que o general Franco tinha prometido não bombardear a cidade, outros garantiam que nas Ramblas e na Praça da Catalunha havia cartazes e escritos em lousas que anunciavam a paz. Eram muitos os que afirmavam que os tinham lido, mas agora os historiadores afirmam que tais cartazes e lousas nunca existiram.

O senhor Malagelada repetiu para si mesmo a primeira estrofe do «Excelsior»:

Vigia, vigia, alma:

*Não percas nunca o teu norte,
não te abandones à tranquila
e mansa água de algum porto.*

Depois guardou o livro na prateleira mais alta da estante de caoba e contemplou melancolicamente o retrato da mulher nua que estava pendurado na parede, atrás da mesa. Antes de vir ver o recém-nascido, subiu ao terraço para observar o fenómeno. Barcelona estava envolta numa luz rosada.

— É a aurora boreal — explicou ele a Dolors quando desceu ao andar.

— E isso é grave, senhor? — perguntou a mulher, confiada.

— Não... — Abriu de par em par os postigos da varanda para que Dolors pudesse ver. — Trata-se de um meteoro luminoso que se forma na alta atmosfera, perto das regiões polares... Começa quase sempre por um arco que aponta ao meridiano magnético e é de uma grande beleza. Pode ter várias cores, desde o negro de fumo até ao cinzento do aço, com gradações de amarelo, verde, violeta ou até vermelho intenso... Boreal, Dolors, vem de boreas, que em grego quer dizer «vento do norte».

A mulher, que não tinha percebido muito bem a explicação, olhou para a montanha e disse:

— Parece uma cortina de gaze. Isso é um bom sinal, senhor. As crianças que nascem

em noite de tempestade tornam-se ferozes. O nosso vem do norte e será um anjo.

Naquele momento, um jorro de água escoou-se por baixo da porta do quarto de banho e inundou o corredor e parte da sala de jantar. A mãe de Alpargata tinha deixado abertas as torneiras da banheira ao chegarem-lhe as primeiras dores. Enquanto o bebé, já vestidinho, dormia tranquilamente no berço, Dolors secava com trapos velhos e baetas a água que saía da banheira. Demorou um bom pedaço de tempo a terminar o trabalho, a água parecia nunca mais acabar.

Sinais a mais para um dia só — resmungou Dolors.

Soaram as sirenes de alarme e começou um bombardeamento. O avô de Alpargata subiu novamente ao terraço. Umas nuvens cinzentas enegreciam o rosado da aurora. Fumaradas negras erguiam-se na zona baixa de Barcelona. O senhor Malagelada observou em silêncio e, seguidamente, gritou como se todos os habitantes da cidade o fossem ouvir:

...gritos, prantos e uivos de homens e de feras,

áspero gemido de um pequeno mundo que se esvai.

Mais sereno, desceu ao andar e entrou no quarto da filha.

— Mulher, perdoa-me. Nesta cidade não há amor.

A rapariga dormia serenamente. No seu berço, a criança também. Aproximou-se para ver o recém-nascido mais de perto e abanou a cabeça com cepticismo. Veio-lhe então à memória um dístico de Zenodoto: «Quem foi aquele que nesta fonte esculpiu a efígie do Amor, acreditando que a água apagaria semelhante fogo?» Mas limitou-se a murmurar:

— Apenas serás responsável de ti mesmo.

Voltou ao escritório. A mulher nua do quadro olhava-o como se o escarnecesse. Encolheu os ombros e pegou no livro de Joan Maragall: ainda não sabia de cor o «Excelsior».

Ninguém conheceu o nome do pai. A mãe de Alpargata levou-o consigo para o túmulo, dois meses depois: morreu sem se dar conta de que partia. Dolors não pôde consola-la no momento do trânsito: a rapariga só conseguia falar em grego.

O avô fechou-se no escritório seis dias e seis noites. Ao sétimo saiu e disse à criada:

— Dolors, agora temos de pensar só no menino. Esconda todos os espelhos. Não deve saber que aspecto tem.

Os terríveis bombardeamentos de Março de 1938 confirmaram que a luz vermelha que formava zonas isoladas, como uma cortina de gaze, como dissera Dolors, era a aurora boreal e não um bom augúrio.

Durante alguns meses, o avô subiu diariamente ao terraço. Observava o sofrimento das pessoas, as longas filas dos que fugiam, a lenta espera dos que ficavam, a cidade em ruínas. Disse adeus aos amigos que partiam e ao antigo esplendor. Quando os outros entraram na cidade não os quis ver. Fechou todas as varandas que davam para o Passeio de Gracia e foi para a cozinha. Alpargata chupava, com deleite, o mamilo da ama. Olhou para a criança e tomou uma resolução.

— Construirei para ti um pequeno paraí-



Montserrat Roig

so. E todas as vezes que ouvires soar-te-ão melodiosas.

Dolors, que atiçava o fogo da cozinha económica, soltou um suspiro. Já estava acostumada ao modo de falar do seu patrão.

O senhor Malagelada tinha ideias republicanas, embora não fosse um homem de acção. Conhecia o mundo e, em novo, pensara ser poeta. Depressa descobriu que um mau poeta era pior que um assassino e retirou-se a tempo da arte que mais vaidosos e menos mestres produz. Preferia ler a escrever maus versos. A sua prodigiosa memória permitia-lhe recitar em cada ocasião o verso adequado. Os bons poetas agradeciam-lhe, conscientes de que o senhor Malagelada pertencia a uma espécie em vias de extinção. Perante ele sentiam-se de algum proveito e não há nada que um poeta deseje com mais intensidade. No regresso da sua longa viagem ao estrangeiro, dedicou todo o seu tempo a distrair-se e à leitura. Afirmava que os livros nunca ensinam. Com o fim da guerra, tornou-se ainda mais misantropo. As pessoas cansavam-no, não resistia a mais do que uma hora de conversa. Dolors sabia-o e não se atrevia a cantar, a não ser na cozinha e com a porta fechada.

Era originário de uma família que tinha enriquecido e se tinha arruinado várias vezes, ao sabor das alterações da política europeia. Depois da guerra vendeu ao desbarato as terras dos antepassados e foi viver com o neto para o andar do Passeio de Gracia. Ainda auferia rendimentos suficientes para viver com comodidade, sem ter de se preocupar com aquilo que acontecia na rua. Deu ordem a Dolors para ter as janelas fechadas dia e noite, de modo a que não entrassem luz ou o menor ruído. Assim criou o neto em algodão-em-rama, com toda a espécie de atenções.

Quando Dolors disse ao avô que a criatura nascida era um menino, ele respondeu:

— Que pode interessar o sexo? O sexo é sempre uma carga. Mas a uma menina... a uma menina eu tê-la-ia feito feliz.

— Tem razão — disse a mulher, concordando. — Os homens vão para a guerra. Morrem antes de florescerem.

— O nosso não irá para guerra nenhuma. Será um sábio, farei com que daqui mesmo conheça o mundo. E vai ser também um poeta.

— A primeira e a segunda coisas, agradam-me — respondeu Dolors.

— A terceira, menos, Senhor.

— Porquê?

— Porque os poetas são pessoas tristes, desafortunadas, passam fome. E andam mal vestidos.

— Não se preocupe, Dolors. O nosso será poeta sem o saber.

A mulher retirou-se discretamente e o senhor Malagelada fechou os olhos.

Via-se quando criança e estava na varanda. Debaixo havia uma praça com arcadas, bastante ampla. Atrás de uma coluna, uma senhora contemplava-o. Era uma mulher vestida de luto e muito triste. Passava horas e horas na praça com arcadas até que escurecia. Uma voz rouca gritava-lhe do interior da casa:

— A essa senhora, põe-lhe a língua de fora. É uma maluca. E agora vem para dentro, meu reizinho, senão apanhas frio.

Ele mostrava-lhe a língua, mas a mulher ficava impassível. Limitava-se a olhá-lo, como se quisesse engoli-lo de uma só vez. Com o tempo, o avô soube que a tristeza e a loucura costumam fazer companhia uma à outra.

Dolors tratou de Alpargata durante os primeiros anos. A mulher obteve autorização do avô para poderem comer na marquise.

— Acho bem que não queira que ele saia à rua. O senhor é o patrão e quem paga manda — disse. — Mas ali ninguém o vê. E deste que acabou a guerra, não há nada como o calorzinho do sol de Fevereiro.

Dolors mostrou-lhe, por meio dos recângulos dos pátios, onde se encontrava o nascente e o poente, o lugar onde o sol nascia. De noite ouviam-se as sirenes dos barcos e os apitos dos comboios. Ao longo desses anos, Dolors descreveu-lhe a geografia da cidade.

— As sirenes dos barcos levam-te até ao porto. Os apitos dos comboios levam-te até França. O sol ergue-se do mar e desaparece na montanha. A parte baixa, que também é a mais pobre e húmida, dá para o mar. Para lá das colinas que rodeiam Barcelona há vales e rios. Mas tu, pensa sempre no mar; desse modo nunca te perderás.

Por vezes, as perguntas de Alpargata eram de resposta difícil.

— Para que serve a lua?

A mulher parava o que estava a fazer e meditava.

— A lua não serve para nada. Ao contrário do sol, que é uma estrela. Dizem que a terra era uma mulher e que um dia, o céu, que era um homem, a abraçou. O céu envia-lhe calor através do sol e, se o calor é excessivo, então manda-lhe a chuva. O céu e a terra não podem viver um sem o outro.

— Mas, a lua para que serve?

— Ai, filho, não posso responder às perguntas que me fazes.

Aprendeu com ela os velhos contos e as históricas antigas de fadas que se transformam em bruxas quando não são convidadas para o nascimento da princesa. Viu todas as pontes do diabo e chorou pela dama de Aragão. Bela como um sol, com a sua cabeleira loira que lhe chegava até aos calcanhares, aparentada com o rei de França e irmã do rei de Aragão, a quem amava e com quem não podia casar-se. Também soube que o rei João, o Caçador, se via

cont. na pág. 7

BECKETT:

alguns encontros

Para decifrar esse homem *separado* que é Beckett, seria necessário insistir na locução «manter-se à parte», divisa tácita de cada um dos seus momentos, com tudo o que implica de solidão e de obstinação subterrânea; na própria essência de um ser que permanece de fora, prosseguindo um trabalho implacável e sem fim. Diz-se, entre os budistas, daquele que procura a iluminação, que deve ser tão persistente como «o rato que roí o caixão». Todo o verdadeiro escritor desenvolve um esforço semelhante. É um ser destrutivo que *acrescenta* algo à existência, que a enriquece enquanto mina os seus alicerces.

«O tempo que temos para passar na Terra não é suficiente longo para que o possamos empregar noutra coisa que não seja nós próprios.» Esta frase de um poeta aplica-se a todos os que recusam o extrínseco, o accidental, o *outro*. Beckett, ou a arte, nunca igualada, de ser si próprio. Mas sem nenhum orgulho aparente, nenhum estigma inerente à consciência de ser único: se a palavra *amenidade* não existisse, teria que ser inventada para ele. E, o que é inacreditável, ou mesmo monstruoso: não critica ninguém, ignora a função higiênica da malevolência, as suas salutares virtudes, a sua qualidade exotérica. Nunca o ouvi difamar amigo ou inimigos. Trata-se de uma forma de superioridade que me leva a lamentá-lo, pela qual deve ter, inconscientemente, sofrido. Se me impedissem de falar mal dos outros — que problemas e perturbações, que complicações em perspectiva!

Não vive no tempo, mas paralelamente ao tempo. É por isso, que nunca me ocorreu perguntar-lhe o que pensava de tal ou tal acontecimento. É um desses seres que nos levam a conceber que a História constitui uma dimensão da qual o Homem poderia ter prescindido.

Se fosse semelhante aos seus heróis, se nunca tivesse conhecido o êxito, seria exactamente o mesmo. Dá a impressão de não querer, em absoluto, afirmar-se; de ser igualmente alheio à ideia de êxito ou fracasso. «Como é difícil decifrá-lo! E que classe tem!» É o que digo a mim próprio cada vez que penso nele. Se, por impossível que seja, não escondesse qualquer segredo, ainda representaria, a meus olhos, o Impenetrável.

Venho de um canto da Europa em que os excessos, a desordem, a confidência, a confissão imediata, não solicitada e impúdica, constituem a regra; em que se sabe tudo de todos, em que a vida em comum se reduz a um confessional público, onde o próprio segredo é inimaginável e a volubidade se aproxima do delírio. Isto, por si só, seria suficiente para explicar o fascínio que sinto por um homem anormalmente discreto.

A amenidade não exclui a exasperação. Num jantar em casa de amigos, como o enchem de perguntas inutilmente eruditas sobre si e sobre a sua obra, refugiou-se num mutismo total, e acabou mesmo por nos virar as costas — ou quase. O jantar ainda não terminara e já ele se levantava e partia, concentrado e sombrio, como se pode estar antes de uma operação ou de uma viagem.

Há cerca de cinco anos, tendo-o encon-

trado por acaso, na rua Guyremer, e como me perguntasse se estava a trabalhar, respondi-lhe que tinha perdido o gosto pelo trabalho, que não via necessidade em manifestar-me, em «produzir»; que escrever se tinha tornado um suplício... Pareceu ficar espantado, mas fui eu quem mais se espantou, quando, a propósito de escrever, me falou de *alegria*. Teria, na verdade, utilizado essa palavra? Sim, estou certo disso. No mesmo instante, lembrei-me de que, dez anos antes, quando do nosso primeiro encontro, na «Closierie des Lilas», me confessara a sua grande lassidão, a sensação que tinha de que já nada se podia tirar das palavras.

...As palavras, quem as terá amado como ele? São as suas companheiras, o seu único apoio. Sentimo-lo bem seguro — ele, que não tira partido de nenhuma certeza — no meio delas. Os acessos de desânimo coincidem, sem dúvida, com os momentos em que deixa de acreditar nelas, em que imagina que o traem, que se lhes escapam. Sem elas, fica despojado, já não está em parte alguma. Lamento nunca ter assinalado e enumerado todos os sítios em que se entrega às palavras, em que se debruça sobre as palavras — «gotas de silêncio através do silêncio» — como são descritas em «O Inominável». Símbolos de fragilidade convertidas em alicerces indestrutíveis.

O texto francês *Sans* tem por título, em inglês, *Lessness*, vocábulo inventado por Beckett, como inventou o equivalente alemão *Losigkeit*.

Como essa palavra, *Lessness* (tão insondável como o *Ungrund*, de Boehme), me enfeitiçava disse uma noite, a Beckett que não me deitaria antes de ter encontrado um equivalente francês que lhe fizesse honra... Considerámos, juntos, todas as formas possíveis sugeridas por *sans* (sem) e *moins* (menos). Nenhuma nos pareceu aproximar-se do inesgotável *Lessness*, misto de privação e de infinito, de vácuo como sinónimo de apoteose. Separámo-nos um pouco desiludidos. Quanto voltei a casa, continuei a pensar e a repensar nesse pobre *sans*. No momento em que já ia desistir, ocorreu-me a ideia de que devia procurar no latim, *sine*. Escrevi, no dia seguinte, a Beckett que *sinéité* me parecia a palavra almejada. Respondeu-me que também tinha pensado nisso, talvez no mesmo momento. Todavia, é preciso reconhecer que não alcançáramos qualquer verdadeira descoberta. Concordámos que devíamos abandonar esta nossa busca, que não havia um substantivo francês capaz de exprimir a ausência em si, a ausência em estado puro, e que era necessário resignarmo-nos à miséria metafísica de uma preposição.

Com os escritores que não têm nada a dizer, que não possuem um mundo próprio, só se fala de literatura. Com ele, muito raramente; na verdade, quase nunca. Qualquer assunto do dia a dia (dificuldades materiais, aborrecimentos de todas as espécies), interessa-o mais — numa conversa, claro. O que não tolera, de modo algum, são as perguntas do género: acha que tal ou tal obra irá perdurar? Que fulano tal merece o lugar que tem? Entre X e Y, qual sobreviverá, qual é o maior? Qualquer avaliação deste tipo exaspera-o e deprime-o. «Para que serve tudo isso?» — perguntou-me,

após uma noite particularmente penosa em que, ao jantar, a discussão parecera uma versão grotesca do Último Julgamento. Ele próprio evita pronunciar-se sobre os seus livros e peças: o que lhe interessa, não são os obstáculos vencidos, mas os que estão por vencer — entrega-se totalmente ao que está, de momento, a fazer. Se o interrogarmos sobre uma peça, não falará sobre o seu conteúdo, sobre o significado, mas sim sobre a interpretação, da qual imaginou os mínimos pormenores, minuto por minuto, diria mesmo, segundo por segundo. Não esquecerei tão cedo o brio com que me explicou as exigências que uma atriz terá de satisfazer para representar *Not I*, onde uma voz ofegante domina, sozinha, o espaço e o preenche. Que brilho nos seus olhos quando *via* essa boca — ínfima e, todavia, dominadora — omnipresente! Dir-se-ia que assistia à derradeira metamorfose, à suprema derrocada da Pítia!

Tendo sido, toda a minha vida, um apreciador de cemitérios — e sabendo que também Beckett os amava (recorde-se que «Primeiro Amor» começa pela descrição de um cemitério, o qual, diga-se entre parêntesis, é o de Hamburgo) — falei-lhe, no Inverno passado, na Avenue de l'Observatoire, de uma visita recente ao Père-Lachaise, e da minha indignação de não encontrar Proust na lista das «personalidades» ali enterradas. (Descobri, pela primeira vez, o nome de Beckett, diga-se de passagem, há cerca de trinta anos, na Biblioteca Americana, quando encontrei, por acaso, o seu pequeno livro sobre Proust.) Não sei como chegámos a Swift, ainda que, reflectindo bem, isso não tenha nada de extraordinário, dado o carácter fúnebre do seu humor. Beckett disse-me que tinha uma predilecção pelo «País dos Houyhnhnms», especialmente pela cena em que Gulliver fica louco de terror e de repulsa perante o avanço de uma fêmea Yahoo. Informou-me — e, para mim, constituiu uma grande surpresa e, sobretudo, grande desilusão — que Joyce não gostava de Swift. Aliás — acrescentou —, Joyce, contrariamente ao que se pensa, não tinha nenhuma inclinação pela sátira. «Nunca se revoltava, era desapegado, aceitava tudo. Para ele, *não havia nenhuma diferença entre cair uma bomba ou cair uma folha...*»

Maravilhoso juízo, que, pela sua acuidade e estranha densidade, me lembra o de Armand Robin, em resposta à pergunta que, um dia, lhe fiz: «Por que razão, depois de ter traduzido tantos poetas, não se deixou tentar por Tchouang-tseu, o mais repleto de poesia de todos os sábios?». — «Pensei nisso, muitas vezes» — replicou. «Mas como traduzir uma obra que só é comparável à paisagem descarnada do Norte da Escócia?».

Desde que conheço Beckett, quantas vezes não me interroguei (interrogação obsessiva e, confesso, bastante estúpida) sobre a relação que poderá manter com as suas personagens? Que têm em comum? Poder-se-á imaginar disparidade mais radical? Será de admitir que, não apenas a sua existência, como a do próprio Beckett, mergulha nessa «luz de chumbo» de que se fala em *Valone morre*? Mais do que uma das suas páginas afigura-se-me como um monólogo *depois* do fim de algum período cós-



mico. Sensação de entrar num universo póstumo, em qualquer geografia sonhada por um demónio, desapossada de tudo, até mesmo da sua própria maldição!

Seres que ignoram que ainda estão vivos, debatendo-se com uma fadiga imensa, uma fadiga que *não é deste mundo* (para utilizar uma linguagem que é cara a Beckett), todos concebidos por um homem que se adivia ser vulnerável e que usa, por pudor, uma máscara de invulnerabilidade, — tive, há não muito tempo, num lampejo, a visão dos laços que os uniam ao seu autor, ao seu cúmplice... O que vi — ou seja, o que senti —, nesse momento, não o poderia traduzir numa fórmula inteligível. O que não impede que, desde então, a mínima frase dos seus heróis me recorde as inflexões de certa voz... Mas logo acrescento que uma revelação pode ser tão frágil e mentirosa como uma teoria.

Desde o nosso primeiro encontro, compreendi que ele tinha chegado ao *extremo*, que talvez tivesse começado por aí, pelo impossível, pelo excepcional, pelo impassível. E o que é admirável é que não se moveu, que, deparando subitamente com um muro, persevera, tão intrépido como sempre o foi: a situação limite como *ponto de partida*, o fim como um começo! Daí, esse sentimento de que o seu mundo, esse mundo crispado, agonizante, poderia continuar indefinidamente, mesmo quando o nosso viesse a desaparecer.

Não me sinto especialmente *solicitado* pela filosofia de Wittgenstein, mas tenho uma paixão pelo Homem. Tudo o que li sobre ele tem o dom de me alterar. Mais de uma vez, encontrei traços comuns entre ele e Beckett. Duas aparições misteriosas, dois fenómenos que nos satisfazem por serem tão complexos, tão inescrutáveis. Num e noutro, a mesma distância dos seres e das coisas, a mesma inflexibilidade, a mesma tentação do silêncio, do repúdio final do verbo, a mesma vontade de ultrapassar fronteiras jamais pressentidas. Noutros tempos, teriam sido atraídos pelo deserto. Sabemos, agora, que Wittgenstein encalhou em determinada altura, a possibilidade de entrar num convento. Quanto a Beckett, é fácil imaginá-lo, há séculos atrás, numa célula nua, sem ser maculada por qualquer *objecto*, nem mesmo um crucifixo. Estarei a divulgar? Mas que, então, se recordem do olhar longínquo, enigmático, «inumano», que tem em certas fotografias.

do futuro

A ESCOLHA DO EXÍLIO

NÃO é muito meu costume lembrar, ou deslembrar, os encontros com os grandes autores.

Nem pertencio tão-pouco aos leitores que só compreendem os textos quando por acaso encontram os autores e, fascinados pela presença física, acabam por compreender menos bem ou que já não tinham compreendido de todo em todo.

Aconteceu-me todavia encontrar com alguma frequência Samuel Becket, ou antes, passei uma parte da minha vida parisiense a cruzar-me com a figura esguia, de um católico que tinha um físico de quaker. Primeiro no Café Tournon, onde lhe acontecia passar, nos anos 60, em companhia do romancista Chester Himes, e do actor Alain Cuny. Mais tarde, na Rua Bernard Palissy, onde continua a existir as Editions de Minuit. Nos últimos tempos, devido à minha instalação numa ruazinha ao lado da Place d'Italie, encontrava-o na Rue Saint-Jacques, sempre esguio, a boca cerrada, numa recusa da palavra inútil.

Foi-me apresentado não por Jérôme Lindon, mas por Pierre Vidal-Naquet, cujas relações íntimas com o editor lhe permitem conhecer tudo e toda a gente. Devo ter trocado com Samuel Becket uma meia-dúzia de frases: não porque estivesse intimidado, mas por respeito pelo imenso criador que ele era, reforçado pela distância que mantinha entre a escrita e a palavra.

Soube agora, graças a uma indignação da actriz Madeleine Robinson, que morreu numa «casa de repouso», em condições que, não sendo embora miseráveis, não serviam nem o criador, nem o homem. A actriz sublinha com muita argúcia o ponto absoluto da decadência e do abandono: no quartinho que lhe fora destinado, Becket não podia conservar coisa alguma, nem sequer os seus dicionários!

Talvez, sabendo-o, Madeleine Robinson pôs em evidência o elemento essencial da personalidade de Becket, que nesse aspecto se liga ao seu compatriota James Joyce (de quem se diz ter sido ele secretário, o que não corresponde à verdade, embora seja verdade que a filha de Joyce, Lucy, se apaixonou por Becket): a impossibilidade de se manter fiel à língua inglesa, na medida em que esta não era a língua materna da sua pátria ocupada pelos ingleses.

Becket dizia um dia a Alfred Simon, que ao adoptar como línguas suas o inglês e o francês, ficava sem língua alguma, uma vez que as duas foram línguas de criação, traduzindo o romancista de uma para a outra, conforme escrevia em inglês ou em francês. O elemento não é anedótico, porque define ele, embora não o dizendo, a que ponto a situação do homem pode ser absurda, a partir do momento em que a relação com a língua que devia ser a sua — o gaélico — foi modificada pela dominação colonial.

Ainda não há muito pude lembrar, com algum pormenor, a que ponto a escrita de Joyce se foi separando lenta mas constantemente da dominação inglesa, para inventar uma língua onde as línguas, metidas no pilão da criação literária, perdiam as suas qualidades específicas, para se transformarem numa farinha imaginária, que ainda não foi completamente decifrada. E creio que jamais o será.

Não foi esta a via adoptada por Becket, que é um homem que começou por se

inscrever na famosa, mesmo se injustamente maltratada pela crítica, «école du regard» — escola do olhar —. No primeiro grande romance — muito bem traduzido em português por José Manuel Simões, para a Presença — Molloy, Becket sublinha a importância absoluta do olhar: o homem não comunica, olha. Não é certo que veja, mas não pode furtar-se a ver. Este sentido não exige a palavra, e não recusando a comunicação entre os seres, também a não incentivava.

O elemento singular nesta operação re-

basta matéria para este espaço tão singular, seja absorvendo escritores — como Joseph Conrad — seja criando as condições da sua exportação, de Pound a Eliot, de Joyce a Becket, sem esquecer o inevitável Salmon Rushdie, a última produção desse grande continente exilante. Deixo de lado os muitos outros, os que não sendo embora inteiramente exilados o são contudo em parte, de Ionesco a Super-vielle ou Alejo Carpentier.

O estrondo provocado pela morte de Becket serve para mostrar a importância da sua criação, embora muitos se tenham limitado a ver ou ler o «À Espera de Godot». Como se o Mundo consistisse numa espera desesperada e jamais satisfeita, que levou o pobre Borges a enganar-se redondamente ao denunciar o que lhe parecia ser a vacuidade de uma peça onde dois tipos — ou dois gajos? — esperam um terceiro, que nunca chega. Borges, especialista dos labirintos em cimento armado, não podia compreender o labirinto espacial, construído de materiais imponderáveis, entre a nuvem e o desespero.

Mas sobretudo, Becket inscreve-se nessa linhagem de romancistas que perscruta constantemente o advir, como aconteceu também com Kafka, com quem me ocorre frequentemente não confundir-lo, mas identificá-lo. Romancista do absurdo, como tão frequentemente se diz? Face à intrincada rede do imaginário, o homem tem procurado as vias mais simples, que não levam a lado nenhum. Sempre que os criadores lhe mostram que só o complexo pode autenticar a existência, os indivíduos e as sociedades preferem marginalizá-los, remetendo-os para a zona densamente obscura do «absurdo».

Quem, sentado um dia num café não se entreteve simplesmente a ver, não para matar o tempo — oh, a bela metáfora da língua portuguesa! — mas simplesmente para fingir existir vendo. Ou quem, cansado um dia de ter sido visto sem ver, não parou para olhar em volta e ver o que se não vê correntemente: a densidade das coisas, o carácter desesperadamente efêmero das pessoas? Sabendo que aquele que assim vê, com a nitidez de uma placa de raios X, será visto pelos outros com a mesma implacabilidade.

As últimas peças curtas de Samuel Becket parecem ser concentrados de desespero, como se o homem, constantemente empurrado pela sua própria finitude, tivesse de encontrar a ausência da palavra, para completar a lenta dissolução do olhar. A peça terrível e esclarecedora que «Fin de Partie» — que seria capaz de traduzir de maneira vulgar como «acabou o jogo» — reduz o actor a uma cabeça sem corpo, e até a uma boca quase sem cabeça, para deixar o actor e o espectador face ao máximo que pode ainda significar.

Acrescentando que nem sequer fico triste com a desapareição de Samuel Becket: quando Godot não chega, tem de se ir procurá-lo. O modelo é sempre o mesmo, mas Becket sublinhou a que ponto essa espera fazia parte integrante do nosso processo existencial. Pô-lo em evidência no palco, contribuiu de maneira decisiva para abrir as portas do falso desconhecido que o homem cria para se iludir a si próprio. Para Becket, reforçado nessa convicção pela situação de exilado que sempre foi a sua, só a dureza demonstrativa do vazio permite compreender o mecanismo sem esperança do futuro.

Alfredo Margarido



Luís Manuel Gaspar

side na relação entre ver a existir. O homem que vê, pode dizer já que existe, embora não compreenda os movimentos brownianos dos seus contemporâneos. Razão pela qual o homem espera, embora só a morte possa ser o resultado de uma operação que o leva a enquistar-se, a reduzir o espaço ocupado, a repelir os contactos espúrios, transitórios, incompletos ou deformadores.

Maurice Nadeau definiu com muito rigor a tarefa de Becket, o construtor de um edifício que, no movimento que o leva a definir-se inclui já o mecanismo da destruição. Creio que nada corresponde melhor ao lugar do exilado, o que talvez exija que, um dia ou outro, se aborde a condição tão particular dos escritores exilados, por via dos quais o escândalo está, tão áspero e tão seco como o raio que, na floresta, abate a árvore mais vigorosa.

Como escapar a esta simples constatação? Os países anglófonos têm fornecido

E.M. CIORAN
Exercices d'admiration
Essais et portraits
Arcades. Gallimard
(trad. de Isabel Joyce)

Ainda o balanço

PLURALIDADE DE VOZES

Qualquer retrospectiva que se procure esboçar da produção poética na década que agora termina deparárá, estou em crer, com um evidente declínio daquilo que seria o seu acolhimento ao nível do actual espaço editorial ou mesmo do chamado jornalismo cultural, se comparado ao da ficção, elevada recentemente à categoria de produto exportável na senda do fenómeno Pessoa.

Aquilo que de imediato ocorre é a ideia desta ter sido mais uma década de confirmação de valores já conhecidos e que se apresenta, em alguns casos, numa linha de perfeita continuidade relativamente à que a antecederia (bastaria para demonstrá-lo um exemplo, o de Helder Moura Pereira, cuja poesia revela afinidades sensíveis, no peso atribuído a uma memória fragmentária dos eventos quotidianos, com as de João Miguel Fernandes Jorge e Joaquim Manuel Magalhães), do que de efectiva renovação. Faltou-lhe, deste modo, aquele carácter de surpresa que fora atributo das gerações anteriores. Lembremo-nos, se necessário for para o comprovar, do abalo sísmico operado pelos primeiros livros de Herberto Helder, da tentativa de alteração dos hábitos discursivos ensaiada pelos poetas de *Poesia 61* (e onde caberia destacar Fiamma Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge e Gastão Cruz) ou do nome de Ruy Belo, cuja obra veio a exercer, pela valorização das vivências quotidianas antes aludida, uma influência incontestada em autores surgidos já nos anos setenta, período no qual se faz, por sua vez, o aparecimento de vozes tão personalizadas e dotadas de inegável vigor expressivo como o são as de João Miguel Fernandes Jorge, Nuno Júdice, António Franco Alexandre e Joaquim Manuel Magalhães.

De facto, se procedermos a essa espécie de inventário, fácil será verificar (sem que isto constitua de algum modo uma tomada de partido relativamente a poetas mais novos como Fernando Luís ou Gil de Carvalho, que se deram a conhecer com poemas de intensa visualidade, férteis em associações inesperadas e essencialmente breves) que apenas três nomes beneficiaram nestes anos oitenta de um reconhecimento próximo daquele que fora concedido aos poetas atrás referidos nos seus momentos de estreia, nomes que partilham ainda a circunstância não de todo negligenciável de terem

publicado os seus primeiros títulos na segunda metade da década passada: Luís Miguel Nava, Al Berto e Helder Moura Pereira. A prestação destes e doutros poetas que seria impossível enumerar neste lugar situar-se-á, digo-o de forma manifestamente desordenada, na valorização de um certo gosto marginal, no derrube do interdito que envolvia temas como a homossexualidade e a droga, na sedução exercida pelo *kitsch*, a frivolidade e o *nonsense*, na dialéctica que se estabelece entre o «coração» e a «pele» e entre o amor e o prazer, na errância sem destino à vista que muitas vezes confere uma feição inacabada ao poema, no recurso a uma linguagem neutra e monocórdica, na presença de ostensivas marcas coloquiais.

O que cumpre, todavia, realçar é que um significativo número das obras mais importantes publicadas na presente década acabou por trazer a assinatura de poetas pertencentes a anteriores gerações, muitos deles já mencionados, mas a cujo grupo conviria adicionar pelo menos os nomes de um autor tão prolífico como António Ramos Rosa, de Fernando Guimarães, Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugénio de Andrade. Será infrutífera, julgamos, qualquer tentativa de delinear uma trajectória capaz de unir o percurso trilhado por todos estes poetas no período objecto aqui de balanço, pois, com pequenas oscilações (refira-se, a título de exemplo, a inflexão realizada na poesia de António Franco Alexandre no sentido de composições de menor fôlego, acompanhada curiosamente de uma maior dissimulação da prática intertextual), mantiveram-se eles fiéis aquilo que, desde o início ou através de orientações assumidas no decurso da década passada (tenha-se presente o pendor discursivo que comparece então na poesia de Fiamma Hasse Pais Brandão), se constituiu no seu particular cunho diferenciador. Isso inviabiliza a sinalização de indícios de ruptura estética ou de marcas próprias de uma geração (se com este conceito se pretender ir além de um critério meramente cronológico) traduzidas na produção de revistas ou de manifestos comuns. Na confusa paisagem da poesia portuguesa actual convive, antes de mais, uma pluralidade de vozes que recusam ver-se enxertadas em algo que se possa assemelhar a grupos ou escolas.

Paulo Teixeira

leitura de poesia

MNEMÓNICAS PARA NUNO JÚDICE (*)

Com alguma precipitação, se não mesmo má fé, tem-se vindo a impor a ideia de que nos anos 60 se desenvolveu uma literatura que se tomava a si própria como centro de atenção e que na década seguinte a escrita se reabriu ao mundo, tornando irremediavelmente datada e retrógrada qualquer tentativa no sentido de esboçar, no interior de um texto literário, a mínima reflexão sobre os seus fundamentos e limites. Apesar do que essa posição por vezes tem de caricatural, a verdade é que, dada a força, simultaneamente subtil e insinuante, que normalmente caracteriza um tal tipo de noções,

facilmente aceites sem qualquer questionação, a temos vindo a ver frequentemente defendida mesmo por parte de pessoas a quem decerto bastaria um pouco de atenção para a pôr radicalmente em causa.

O aparecimento de cada livro de Nuno Júdice — o mesmo podendo dizer-se relativamente a outros poetas, como António Ramos Rosa — proporciona um bom ensejo para levar a cabo uma tal questionação, dado tratar-se de um autor que, ao longo de toda a sua obra, que se iniciou em 1972 com o volume sintomaticamente denominado *A Noção de Poema* e já conta com mais de

dez títulos publicados, com rara coerência tem contribuído para invalidar esse lugar-comum, ao propor, centrado sobre a sua própria realização, um dos mais originais exercícios poéticos da nossa contemporaneidade.

Atendo-nos ao seu volume mais recente, *Enumeração de Sombras*, a primeira constatação é forçosamente essa: a de que o poema é o único espaço onde tudo tem lugar: «um murmúrio de água percorre o verso» (p. 9), «uma nuvem de vento e de sonhos atravessa o céu/ da estrofe» (p. 11), «a criança» descobre o caminho da insónia que conduz ao ver-

so» (p. 40), «fala; para/ que eu ouça um riso de água na concha/dos versos» (p. 54).

Não há, com efeito, qual-

quer realidade para além do poema, dado que a sua substância e a do que seríamos levados a identificar com o mundo

O LUGAR DO FILÓLOGO

Para fazer um balanço da poesia da década é preciso, antes de mais, saber o que é que cada um entende por poesia. Se é apenas a escrita em verso, então a década não terá produzido nem mais nem menos poesia do que as anteriores. Se é algo capaz, não digo de transformar o mundo, nem de transformar o homem, já que o fim da década é também o fim destas duas ilusões, mas de transformar a linguagem, então a resposta à questão cabe numa linha — o bastante para escreverem esse trabalho de «desesperada nitidez» (cito Valéry). Entrámos numa época de prosa (no pior sentido da palavra), de banalização, de redução infantil (também no pior sentido da palavra) do pensamento e da linguagem. Nas gramáticas para uso escolar os exemplos já não vêm da língua literária (que é a que permanece: o português do século XVI que conhecemos é o de Camões, não é o do comerciante ou do marinheiro) mas sim de uma fala elementar, esquelética, de frases como «o macaco come a banana», «o José vai passear o cão», «a criança gosta do balão», etc. Nalguns casos mais sofisticados, o padrão do português vem de autores-jornalistas, estimáveis, mas que se situam nessa zona de uma comunicabilidade primária feita com base no indicativo (e mesmo aí o aparecimento do futuro ou do condicional já é caso para se deitarem foguetes) e na cuidadosa fuga à subordinação, demasiado complexa para o entendimento do leitor médio.

Apesar disso, ainda há quem continue a

considerar essencial esse trabalho de expressão pura que, numa língua, não é a excepção mas sim a regra — e a de que a poesia é o modelo. O João Miguel Fernandes Jorge chamou a um dos seus livros «O Regresso dos remadores» (1982); e este título é emblemático da disciplina a que o poema obriga. Tal como no remo, o ritmo e a respiração, assim como o esforço físico (a transpiração em vez da inspiração, de que falava André Gide), continuam a ser as condições incontornáveis da escrita. É também um trabalho de mineiro (confira-se Novalis), em que é preciso descer ao fundo da linguagem para encontrar os veios de um antigo brilho — esse lirismo que é a nossa grande tradição mas que, por outro lado, está na origem da facilidade e do academismo em que esta década tem sido fértil (e nisso não é excepção em relação ao passado). Na poesia, como na mina, a descoberta desse brilho é, sempre, algo de excepcional — e, sempre, de novo. Por isso, há no fenómeno poético uma intemporalidade que acaba por retirar sentido à própria ideia de se falar de uma «poesia da década». A única história que aqui está em jogo é a do próprio poema, único, singular — e, voltando a citar o João Miguel, «actus tragicus». Quando um poema dá a ver tudo isso — operando esse «transporte no tempo» de que o Ruy Belo falou — é porque o poeta encontrou o lugar do filólogo, vago desde que os gramáticos erraram (ou traíram) a sua vocação.

Nuno Júdice



M.C. ESCHER

se indiferenciam a um tal ponto que esse espaço supostamente exterior é, ele também, apreendido como materialidade gráfica: fala-se, a esse respeito, da «ortografia seca dos poetas» (p. 57), alude-se a um lamento que surge «na página/ com o desenho apurado da distante caligrafia» (p. 66) e põe-se a hipótese de as aves, tão presentes ao longo de todos estes poemas, não serem «senão uma estéril pontuação do sonho» e desaparecerem «na indecisão que extingue a branca passagem/ da recitação» (*ibidem*).

Não poderíamos deixar de pensar, neste contexto, em nomes como o de Mallarmé, a quem referências em livros anteriores, nomeadamente no próprio título (cf. *O Voo de Igitur num Copo de Dados*), mais não faziam já do que explicitar uma relação de diálogo a diversos níveis privilegiada e a que não é estranha, nesta obra, a insistência na palavra «casos», de cuja semelhança com «ocas» Nuno Júdice habilmente tira partido, como logo no primeiro poema podemos comprovar. Assim, se a figura do autor de *Un Coup de Dés* é aqui sugerida entre diversas outras, associadas na sua maioria ao período que vai do ultrarromantismo ao modernismo — e entre as quais se conta Rilke ou o próprio Fernando Pessoa,

cont. na pág. 7

revista de poesia

cont. da pág. 6

de quem poderiam ser versos como «Ó imagem antiga de uma vida que não tive» (p. 15) e cujo paulismo se afigura ter na obra de Nuno Júdice especial repercussão —, uma das principais razões do interesse dessa sugestão mallarmiana é fazer-se ela, no poema intitulado «A rosa» (p. 51), através da ligação do verso à flor e do texto, «hera de versos cingindo o enigma» (p. 21), a elementos do reino vegetal: «Fogo-fátuo de uma hora — rosa — Hipér —/ bole colhida num feixe de citações: de que destino te queixas, frágil verso/ na ressequida estrofe?»

Ganham assim especial significado as alusões a «uma futura colheita de estrofes» (p. 25), que reaparece no texto intitulado «Bucólica» (p. 47) — «Ouve-me: eco de sílabas/ poderes nos ramos da frase. Deita-me no cesto/da estrofe, celebrando o fim da colheita» —, ou ao «fruto primogénito/ da metamorfose, o caule orvalhado da estrofe, (que) agoniza num requiem de asas» (p. 56).

Estamos, pois, perante um espaço que, sem deixar de se cingir às dimensões do poema, é simultaneamente campesino. Será nesse cenário que a prosopéia narrativa a que a poesia de Nuno Júdice já nos habituara (atenuada embora nas obras mais recentes) põe em cena várias personagens, em relação às

quais o eu do poeta se apresenta, a uma primeira leitura, como um ser onipotente a cujos caprichos elas não se poderão furtar. Se já são disso indício passagens como «deixo que o verso corra pela página» (p. 18) ou «invento um rosto na dócil semelhança da solidão» (p. 28), outras há onde essa superioridade se enuncia de uma forma muito mais explícita: assim, por exemplo, no poema a que o livro vai buscar o título, onde o poeta, ao dirigir-se a essas «sombras de uma insónia lenta» (p. 20), as interpela do seguinte modo: «Ou sou eu que (...) vos arrasto comigo,/ intranquilos, pedindo-me em vão que vos despeça de uma vida/ que o sonho contamina?»; ou então: «derramo-lhes (às raparigas)/ os cabelos no lençol do poema» (p. 33); e, numa passagem já citada, alguém implora ao poeta: «Deita-me no cesto/ da estrofe» (p. 47), fragmento de que encontramos um eco na boca de Orfeu, a quem, em «Orfeu e Eurídice», ouvimos murmurar: «Deito-te na estrofe — e deixo-te,/ olhando para trás até ao fim do tempo que a respiração do verso/ me concede» (p. 59).

Contudo, esta aparente superioridade do poeta em relação às suas personagens não deverá ser desinserida do jogo de ironia para que tudo nesta poesia nos remete, a começar

pelo próprio diálogo com os textos do passado. O eu é, ele também, um ser precário que não pode subtrair-se à corrosão que inexoravelmente vai minando a essência mesma destes poemas e, a esse título, a sua autoridade sobre as personagens não poderá ser interpretada senão como um processo de denegação. A ruína, tão do agrado dos românticos, tem aqui uma presença permanente, desde a «casa que o abandono arruina» (p. 19) aos próprios versos, em cujo percurso se pressente «um sulco de ruínas» (p. 34) ou um «solitário abraço/ que a memória arruina num confim de frase» (p. 39).

Poder-se-ia abordar *Enumeração de Sombras* através de uma série de oposições do tipo memória/esquecimento, sono/insónia, dia/noite, primavera e verão/outono e inverno. Entre esses termos estabelece-se, ao longo do livro, uma tensão dialéctica que nalguns textos encontramos tematizada. Assim, por exemplo, onde se fala de «uma única natureza, de rostos diversos,/ conciliando o contraditório» (p. 35) ou, ainda, em «Passagem/paisagem» (p. 49), onde nos é dado ler que «não é só nas oposições/ que se encontra algo da matéria sensível do cosmos;/ também nas imagens que unem e conciliam os opostos(...) se distingue o conflito essencial da vida/ e a obscura energia de

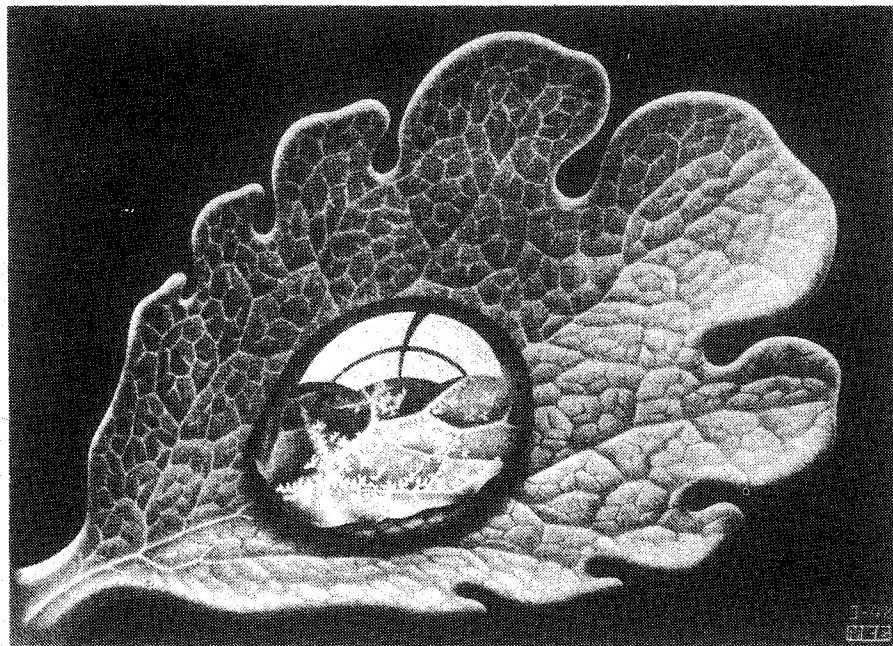
um movimento imóvel». Daí que, como sempre acontece quando se trata de aceder a uma maior complexidade do real ou de, pura e simplesmente, o superar, para dar conta do inefável de um transporte místico, o oxímoro, figura da tensão entre os opostos, apareça várias vezes neste livro: «movimento imóvel», como vimos, mas também «vagueando imóvel» (p. 22), «húmus estéril» (p. 33) ou «canto emudecido» (p. 66).

A errância a que assistimos nestes poemas tem a sua origem numa retracção da divini-

dade — cf. p. 57: «A quem recorrer quando um deus se oculta deste modo?» —, retracção que se traduz por uma deserção da luz e do sentido. Contudo, se esse «sonâmbulo percurso» (p. 38), idêntico ao de um rio, visa «o conhecimento essencial» (p. 41), instantes há em que a horizontalidade da busca se sobrepõe a verticalidade da revelação, «instantes(s) de/ êxtase que a revelação concede na brevidade/ do sonho» (p. 32), em que «o canto da ave interrompe, por instantes, (uma imagem)/ apenas para que o silêncio seja mais

profundo — essencial!» (p. 42) e em que se acede a «um mundo/interior que se conhece na revelação última» (p. 24) ou, como uma vez mais lemos em «Passagem/paisagem», a «essa passagem no curso/ de um rio sem imagens; e poderá falar-se/ de transparência, de visão pura, ou de êxtase, no breve instante que condensa todos os instantes,/ e na emoção sem sentido a que todos os sentidos/ conduzem» (p. 50).

Luís Miguel Nava
(*) **ENUMERAÇÃO DE SOMBRAS**, Quetzal, Lisboa, 1989



M.C. ESCHER

cont. da pág. 3

obrigado a sair de casa para se poder alimentar. Sonhou com viagens em fragatas e lutou contra os turcos para salvar donzelas desvalidas. Compreendeu que a mulher de Lot tinha sido castigada por motivo de ser muito curiosa.

— Mas não te fies em nada disso — dizia a mulher. — Ser curioso nunca é mau.

O avô, durante esse tempo, fechava-se na biblioteca e lia.

Dolors, às vezes, ensinava-o a fazer renda de bilros e a bordar toalhas de mesa. Tinha esquecido o cisne de asas douradas. Dolors adivinhava todos os pensamentos do menino, inclusive quando dormia. Uma noite de raios e trovões, Alpargata levantou-se, amedrontado, e foi até ao quarto da criada. Esta ressonava, sossegada. A criança disse-lhe em pensamento:

— Deixa-me dormir contigo, Dolors.

A mulher parou de ressonar, abriu um olho e respondeu:

— Anda, mete-te na cama comigo.

Durante os primeiros anos da sua vida, Alpargata dormiu muitas noites com Dolors. Sobretudo quando lhe aparecia uma mulher nua que o olhava fixamente.

— Dolors — dizia ele —, os mortos metem-me medo.

— Não deves ter medo dos mortos, mas sim dos vivos, porque nunca saberás como os tratar. Os mortos limitam-se a querer que lhes façam companhia.

Alpargata pousava as mãos no ventre da mulher e via o seu medo esvaír-se em fumo.

— Conta-me a história da bruxa-tempo.

Enquanto Dolors lhe contava a história, a criança acariciava-lhe o ventre. A mulher sentia, através daquelas mãos, as pulsações do coração de Alpargata e parecia-lhe que eram as suas.

— Então Margara esperou o trovador durante trinta anos. O corpo dela envelheceu, no entanto o seu espírito mantinha-se na mesma. Pouco a pouco foi-se transformando em pedra, apoiada na padieira da grande porta do palácio. E via como o trovador se afastava para as terras da Provença, a ca-

minho do Oriente. Mas a lua compadeceu-se dele e enviou-lhe um dos seus raios de luz convertido numa lágrima resvalando-lhe pela face. Margara teve então um sonho suavíssimo. Era o sonho da morte. E os anjos compadeceram-se de Margara, pois não deixara de amar o trovador durante trinta anos. Ao chegar ao céu, disseram-lhe que tinham ido buscar Brindamur que também tinha adormecido suavemente na neve dos Alpes, quando cavalaria em direcção ao Oriente. Assim se encontraram ambos no céu e puderam quebrar definitivamente o feitiço do tempo.

— E como era a princesa Margara no céu? — perguntava a criança. — Era nova ou velha?

— Era nova como o seu espírito, que era o que a mantinha apaixonada. Na terra, nós tornamo-nos velhos através do tempo.

— E eu, quando for para o céu, também serei como agora?

— Meu filho, no céu tu serás um anjo.

Dizendo isto, a mulher notava que o coração se lhe punha como um mineral.

A cozinha foi o seu primeiro lar. Ali observava o modo como Dolors acendia o fogão a carvão e afugentava os diabinhos sem rabo. E também a maneira como ela engomava os colarinhos e as camisas do avô. Ajudava frequentemente a criada a dobrar os lençóis de linho que cheiravam a tomilho. O senhor Malagelada tinha proibido a criança de ouvir rádio e Dolors cantava-lhe velhas canções.

A mulher tentou recordar quanto tinha visto e vivido antes da guerra e, seguindo as ordens do patrão, separava as recordações fagueiras das desagradáveis. Regressou à infância, à aldeia, e escolheu as melhores imagens de um tempo desaparecido. Explicou-lhe que, quando era pequena, via uma montanha que mudava de cor segundo as horas, verde de manhã, cinzenta à tarde e negra pela noite. Quando nevava, era como prata. Não lhe falou da fome que passava, nem dos gritos do pai quando, de manhã muito cedo, tinha de ir ordenhar as vacas. Entre outras razões, porque já se tinha esquecido. Fe-lo escutar a flauta de

um pastor imaginário e o acordeão de um velho camponês. E assim Alpargata acreditava que o campo era belo e os camponeses uns seres felicíssimos.

Aos seis anos, Alpargata já conhecia todos os afazeres da casa. Pensava que o cheiro a fechado era um cheiro normal e que todas as casas eram escuras e silenciosas. Nunca perguntava de quem eram os passos cujo som vinha da escada, nem por que se ouviam os ruídos da rua. Acreditava que a vida era silêncio e escuridão. O seu mundo existia muito longe dali, e talvez algum dia o viesse a conhecer. Eram as mil lendas que Dolors lhe tinha contado, os mil romances tristes que lhe tinha cantado. Sem saír de casa, tinha percorrido todo o País, cavalgando velozmente o cavalo do conde Arnaldo.

Foi nessa época que o senhor Malagelada informou Dolors de que, daí em diante, lhe chamaria outro nome.

— A partir de agora — disse — chamar-se-á Letícia.

— E qual o motivo, senhor?

— É porque Letícia significa alegria. Não acha que o seu nome é muito triste?

— E que importa o nome, senhor?

— Detesto os nomes que anunciam sofrimento. E em castelhano ainda é pior: pense em Socorro, Angústias ou Maria da Cruz. A mim parece-me que vocês, as mulheres, não merecem isso.

— Pois olhe, nunca tinha reparado — disse a nova Letícia.

Quando Letícia se retirou o avô voltou a ouvir a voz rouca que dizia: «Vai, meu príncipe, põe a língua de fora àquela mulher que é uma bruxa». Não se lembrava como era, se fazia se bonita, só tinha cravados no seu pensamento os olhos, que eram olhos da loucura. Ao fim de muitos anos, soube que a mulher a quem se devia pôr a língua de fora tinha morrido nova e pobre. E que era a sua mãe.

De vez em quando o avô chamava o rapaz ao seu escritório. Aquele olhava-o e movia a cabeça. A criança não se sentia bem entre as paredes forradas de veludo vermelho, as estantes de caoba, as vitrinas

cheias de objectos que não sabia para que serviam e o grande quadro da mulher nua com a cabeleira morena caída sobre os ombros. Estava sentada no chão e apoiava um dos braços num dossel de seda enquanto o outro lhe caía, quase roçando a coxa. A mulher olhava para fora do quadro, banhada por um raio de luz que entrava por um postigo.

— Esta senhora — disse-lhe um dia o avô — era a tua avó.

Alpargata pensou que a senhora do quadro não era como Letícia. Não parecia quente e os olhos eram de pessoa morta. Além disso era tão grande e tão alta! Mas talvez as avós fossem assim, nuas e bonitas, silenciosas e apenas banhadas pela luz. Saiu a correr do escritório para se esconder nas saias de Letícia e cheirar-lhe as mãos que cheiravam a sopa e tinham um gosto a amido.

Em festas importantes, o avô obrigava-o a comer com ele na sala de jantar mobilada com móveis *chippendale*. Não trocavam palavra e a criança procurava Letícia com o olhar. Ela entrava e saía da sala de jantar, com passos arrastados e olhando-o furtivamente. Depois, o avô sentava-se num sofá branco e chamava-o para ficar aos pés dele. Uma ou outra vez, o velho levantava-se e abria uma gavetinha de uma consola esbeline. Tirava um envelope cheio de fotografias: nelas, uma mulher belíssima conduzia um Bugatti, esquiava ou passeava com uma capa que lhe fazia lembrar a gravura de uma rainha que tinha visto num livro.

— Era a tua mãe.

Depois voltava a olhá-lo com cepticismo e dizia-lhe umas palavras enigmáticas:

Enterrarão contigo a tua beleza

Se a não tiveres transmitido a um herdeiro

Alpargata não entendia as palavras do avô. Preferia estar com Letícia, perto do calor do fogão, ou a ouvir como estalava o cisco na braseira.

(fim do 1.º capítulo)
Montserrat Roig
A Voz Melodiosa
Dom Quixote
(trad. de Egito Gonçalves)

Os antigos lidos de novo (2)

PREGAR E FALAR
MAIS ALTO

Que não é fácil apagar o que de incompreensões pode semear a releitura dos nossos clássicos já eu sabia quando me deitei a relê-los com estes olhos e a alma que hoje tenho.

Até os maiores, principalmente os maiores, e Camões o maior deles, tinham dos poderosos a visão global que os conduziu a alguns versos imortais sobre a «vã cobiça» e a «glória de mandar». E até na apologia bufa do diligente zelota Z. Zagalo o sarcasmo queiroziano não dispensa essa globalidade na dedicatória à viúva do Conde de Abranhos: «Outros o viram em S. Bento, no Paço, no Grémio —, mas só eu o vi, perdoe-me V. Ex.^a Sr.^a Condessa, a familiar expressão — em chinelos e de 'robe de chambre'».

A privacidade do homem público é tão respeitável como a de qualquer cidadão e de mau gosto seria criticar a sua conduta por causa da cor das suas gravatas. Infelizmente para ele e felizmente para os direitos e liberdades dos cidadãos, a intimidade do homem público começa e acaba à porta do lar. Pela simples razão de ser um homem público.

Há dois versos num soneto de Camões que servem bem para ilustrar a dádiva que significa o respeito pelos outros e a relação afectiva e solidária com os outros e que integram aquela tão famosa definição indefinível do amor:

«É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.»

Ora virá a ser esta entrega e esta lealdade a matriz que deveria legitimar a relação aberta que conviria sempre existisse entre quem governa e quem é governado. Equilíbrio continuamente oscilante, por via da natureza comum a uns e outros como membros da mesma espécie, está ele bem resumido no frontal desabafo de Afonso de Albuquerque: «De mal com os homens por amor d'el Rei e de mal com el-Rei por amor dos homens».

Bem melhor nos parece, apesar de tudo, este dilema negativo de uma alma repartida entre dois amores que o silêncio ou o fingimento servil que vão afiando na sombra a arma que há-de apunhalar pelas costas.

Cuidar do património de conhecimento e experiência que os nossos grandes homens nos deixaram é um dever de quem pensa e cria. E maior ele é se neles se encontrar o aviso oportuno que melhore a condição dos homens e do rei e se detiver em constatações que

são por si só justas críticas, como aquela frase simples e clara de D. Francisco Manuel de Melo: «Os grandes tiveram para si que era um acto e posse de soberania não haver quem lhes replicasse...»

E se esta tão difícil quanto natural relação entre os de cima e os de baixo pudesse processar-se segundo fórmulas mais éticas e mais estéticas já não seria certamente actual o lamento camoniano:

«Verdade, Amor, Razão, Merecimento
Qualquer alma farão segura e forte,
Porém, Fortuna, Caso, Tempo, Sorte
Têm do confuso mundo o regimento.»

Estas incursões rápidas ao passado cultural não poderão ser entendidas senão como meio de incorrer no presente e, em caso nenhum, merecerão a farpa queiroziana — «O passado é belo e heróico — bem: quando o passado pretende antepor-se aos interesses do presente, o passado é catarrice estas breves evocações do passado cultural mas tão-só de rever a face boa da perenidade que é aquela que nos serve a todo o momento, a que nos identifica e a que, lida, nos lê a nós. É esta fagueira e fogosa constatação da pujança da palavra que tanto enobrecer quem livremente a usa como incómodo quem a provoca por mal a usar.

A isto mesmo se referia o grande Vieira, que da palavra fazia missão sublime, ao explicar como devia usá-la o pregador: «há-de resonder às dúvidas, há-de satisfazer as dificuldades, há-de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto.»

Queria ele dizer, na sua santa sabedoria e na sua terrena malícia, que a tribuna não é um baluarte inexpugnável e só a lucidez da palavra constitui a sua verdadeira defesa. E o complemento fundamental desta postura ética e estética da inteligência e do espírito de bem servir é a acção coerente, está bem de ver. Porque nenhuma palavra poderá ser bastantes para se dizer o que se não faz, nem tão poucas que autorizem a fazer o que se não diz.

Álvaro Guerra

leituras e ideias

O pensamento social, nas suas diferentes áreas e autores, na pluralidade dos estilos e na diversidade dos debates ocupa lugar cada vez mais significativo no campo editorial e no espaço da leitura.

A proposta desta nova secção, *Leituras Ideias*, é tornar mais visível esta dimensão do mundo literário, através de um contributo informativo e crítico.

Para ganhar esta proposta, a nossa vontade apenas é insuficiente. Por isso contamos com outros contributos: dos autores, dos editores, dos críticos e do público em geral. Sem todos eles, o nosso trabalho ficará muito solitário, os nossos objectivos modestos e os resultados limitados.

A partir de hoje, o desafio está lançado, neste espaço que também é literário e que se propõe vivo, rigoroso e actualizado.

O ANTIGO REGIME
E A REVOLUÇÃO

Por meados do séc. XIX, Alexis de Tocqueville dava-se conta do carácter verdadeiramente singular que as revoluções sempre assumem na vida dos homens e das sociedades. Reconhecia, em particular, a incompreensão que estes factos extraordinários da história merecem mesmo por parte dos seus mais directos protagonistas. Quase um século após a Revolução Francesa, a inconsciência sobre o seu real significado não havia diminuído.

A publicação desta obra é o contributo de Tocqueville para o esclarecimento desse grande «sismo» que no ano de 1789 atingiu a França e, de alguma forma, toda a Europa.

O maior desafio que este texto coloca está na superação que consegue do seu próprio objecto de estudo mais imediato: no modo como a partir da discussão de um facto histórico preciso, Tocqueville formula grandes problemas que se projectam além do próprio acontecimento — problemas que marcaram a evolução da civilização ocidental nestes dois séculos e que constituem, ainda hoje, os maiores desafios ao pensamento político.

No enganador jogo de aparências que as revoluções sempre encenam, Tocqueville começa por desmitificar a concepção muito comum sobre o carácter genuinamente inaugural destes acontecimentos. Por mais extraordinários que sejam, o novo que em cada revolução começa não pode deixar de ser compreendido na relação particular que estes acontecimentos estabelecem com o passado.

Há, em primeiro lugar, aquilo que podemos designar relação positiva ao passado: a capacidade que o presente sempre tem de lançar um olhar sobre o que está para trás e aí encontrar motivos de inspiração para se renovar, para a sua projecção no futuro. Uma ideia que, alguns anos mais tarde, Walter Benjamin veio a explorar com maior rigor e com palavras de grande beleza nas «Teses sobre a Filosofia da História».

O segundo aspecto desta relação com o passado caracteriza as revoluções como resultado mais ou menos inevitável de um conjunto de condições sociais precisas — resultado, numa palavra, do passado que é ele próprio gerador do novo

que a revolução virá a produzir.

A ênfase maior da obra situa-se nesta linha de raciocínio. A partir dela, Tocqueville permite-se fundamentar a sua preferência pela experiência democrática americana — tese que tinha desenvolvido alguns anos antes (*De la Démocratie en Amérique*, 1835), não explicitada nesta obra, mas sempre subjacente.

Tocqueville fundamenta esta electividade precisamente no passado gerador de cada uma das revoluções. Se a sua condição aristocrática nunca lhe permitiu compatibilizar-se com a Revolução Francesa, menos ainda lhe permitiu aceitar o Antigo Regime. E é nele que procura, com a maior meticulosidade, as raízes da revolução de 1789 e de tudo o que de nefasto ela ou a partir dela se produziu.

A análise do processo de afinamento do poder no Antigo Regime é, a este título, exemplar: o modo como foi prosseguido um processo exacerbado de centralização política que não só provocou o isolamento do poder, mas pulverizou também por completo a sociedade. Tocqueville depara-se então com este paradoxo terrível do Antigo Regime: uma sociedade onde os homens se tinham tornado bastantes iguais (na condição de súbditos de um poder central onipotente e onipresente), mas onde, ao mesmo tempo, as diferenças sociais tinham sido exaltadas ao ponto de os contactos sociais se terem tornado impossíveis.

Quando a Revolução Francesa eclodiu, esta tendência havia já conduzido ao completo esvaziamento da vida pública. A única experiência de liberdade possível revestia a forma possessiva de um individualismo exacerbado. Tinha desaparecido, por completo, qualquer espaço comum de contacto entre os cidadãos: o discurso e a acção não tinham nenhuma forma de mediação colectiva.

Não espantou pois que quando o Antigo Regime necessitou de ajuda ninguém se tenha levantado para o defender. Mas esta marca viria também a ser transposta para a revolução: entre o ódio cego à tirania e a construção do verdadeiro poder, com base numa nova ordem política, vai uma enorme distância, que o pe-

queno passo de uma revolução não pode de imediato transpor.

Esta questão leva-nos ao problema mais caro a Tocqueville: a liberdade. De que modo a democracia e liberdade podem ser compatíveis? Esta a pergunta com que sempre se debateu, consciente que estava de que a democracia se define antes de mais como um estado da sociedade (e não tanto como problema de regime político ou forma de governo), caracterizado pelas tendências igualitárias e de uniformidade das maneiras de viver — resultado, sobretudo, das condições económicas de organização das sociedades. A liberdade é, por seu lado, um problema de natureza diversa: decorre mais imediatamente de um acto de vontade humana e, nessa medida, o seu futuro é bem mais contingente. Neste contexto de pensamento, surge assim plausível o duplo destino da sociedade democrática com que Tocqueville se confrontava: o despotismo e a liberdade.

Como grande revolução da idade moderna, a Revolução Francesa não podia deixar de se deparar com este problema. Na opinião de Tocqueville, não conseguiu porém solucioná-lo; e, mais uma vez, em virtude das condições particulares que a fizeram emergir. O Antigo Regime havia banido a liberdade política do imaginário da sociedade. Quando a Revolução se anunciou, a sua recuperação foi tentada, mas muito tardiamente e sem as condições apropriadas: do horror à tirania não pode nascer espontaneamente o amor à liberdade. Todas as revoluções, após os momentos breves do êxtase, são confrontadas com a exigência de resultados — condições materiais objectivas que não são, porém, o referencial mais adequado para determinar a liberdade política. Como refere Tocqueville: «O que, em todos os tempos, a ela prendeu tão fortemente o coração de certos homens são os seus próprios atractivos, o seu próprio encanto, independentemente dos seus benefícios; é o prazer de falar, agir, respirar sem constrangimento, sob o único governo de Deus e dos homens (...) certos povos perseguem-na obstinadamente por entre toda a espécie de perigos e misérias. Não são os bens materiais que ela lhes

dá que eles amam então; consideram-na a ela mesma como um bem precioso e tão necessário que nenhum outro poderia consolá-los da sua perda» (p. 148).

Esta espécie de «techne», com uma referência aristotélica muito forte, não pôde deixar de sensibilizar outra grande pensadora política do nosso século, Hannah Arendt, para quem as palavras de Tocqueville foram por diversas vezes motivo de inspiração, designadamente na sua obra sobre a revolução (*On Revolution*, 1963).

Entre outros problemas da maior actualidade colocados por este texto merece, talvez, referência particular a explicação adelantada por Tocqueville sobre a importância do desenvolvimento social (económico e político) para o desencadear da Revolução de 1789 (cap. IV, Livro III). Um facto à primeira vista surpreendente, que contraria a ideia comum de que a miséria é o melhor fermento da revolta, e que veio a motivar vários autores para o estudo do contributo que as expectativas crescentes têm na constituição dos fenómenos revolucionários.

Nesta grande actualidade de temáticas é sublinhada tanto a genialidade de um autor, como a contemporaneidade do acontecimento histórico tratado. Torna-se assim mais compreensível o calor que a discussão da Revolução Francesa ainda hoje continua a suscitar: não é tanto o significado de um acontecimento do passado o que inflama os espíritos, mas os problemas que esse acontecimento projectou no futuro das nossas sociedades — questões da maior importância para as quais não foi ainda possível encontrar respostas definitivas.

Foi necessário aguardar 133 anos para ver a edição portuguesa deste importante texto. A actualidade não se perdeu e até fica bem neste ano de festividades da Revolução Francesa... Mas, tão grande espera e a feliz iniciativa desta tradução não são merecedoras da vil revisão tipográfica realizada. Todos teríamos ficado mais felizes e a obra ainda mais dignificada.

(Editorial Fragmentos, 1989, 215 págs., tradução de Laurinda Bom)

João Pissarra